

MORGAN RICE

A woman with long dark hair, wearing a light green dress and a crown of white flowers, lies on her back in a thick layer of brown autumn leaves. In the background, a city with tall buildings and a clock tower is visible under a dark sky with falling pink petals.

A KISS
FOR QUEENS

A THRONE FOR SISTERS (BOOK SIX)



UM BEIJO PARA AS RAINHAS

(UM TRONO PARA IRMÃS - LIVRO 6)

ARROZ MORGAN

Arroz Morgan

Morgan Rice é o autor best-seller nº 1 e best-seller do USA Today de a série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série de best-sellers #1 THE VAMPIRE JOURNALS, composta por doze livros; da série best-seller nº 1, A TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série épica de fantasia REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por 8 livros; da nova série épica de fantasia A TRONO PARA IRMÃS, composta por sete livros (e contando); e da nova série de ficção científica AS CRÔNICAS DA INVASÃO.

Os livros de Morgan estão disponíveis em edições impressas e em áudio, e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSEFORMADO](#) (Livro #1 nos Diários de Vampiros) [ARENA ONE](#) (Livro nº 1 de a Trilogia de Sobrevivência) e [UMA BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 no Anel do Feiticeiro) e [A ASCENSÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros—Livro #1) estão disponíveis para download gratuito na Kobo!

Morgan adora ouvir de você, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de e-mail, receber um livro gratuito, receber brindes gratuitos, baixar o aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, conectar-se no Facebook e Twitter e manter contato!

Selecione Acclaim para Morgan Rice

“Se você pensou que não havia mais razão para viver após o fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, você estava errado. Em RISE OF THE DRAGONS, Morgan Rice apresentou o que promete ser outra série brilhante, mergulhando-nos em uma fantasia de trolls e dragões, de valor, honra, coragem, magia e fé em seu destino. Morgan conseguiu novamente produzir um conjunto forte de personagens que nos fazem torcer por eles em cada página....

Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que amam uma fantasia bem escrita.”

--*Resenhas de livros e filmes*

Roberto Mattos

“Uma fantasia repleta de ação que certamente agradará aos fãs dos romances anteriores de Morgan Rice, junto com os fãs de obras como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini.... Os fãs de ficção para jovens adultos vão devorar este último trabalho de Rice e implorar por mais.”

--*The Wanderer, A Literary Journal* (sobre *Rise of the Dragons*)

“Uma fantasia espirituosa que tece elementos de mistério e intriga em seu enredo. *A Quest of Heroes* tem tudo a ver com criar coragem e realizar um propósito de vida que leva ao crescimento, maturidade e excelência... bem na evolução de Thor de uma criança sonhadora para um jovem adulto enfrentando chances impossíveis de sobrevivência.... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos.”

--*Midwest Book Review* (D. Donovan, revisor de e-books)

“THE SORCERER'S RING tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, contratramas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos florescentes repletos de corações partidos, enganos e traições. Ele irá mantê-lo entretido por horas e irá satisfazer todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores de fantasia.”

--*Resenhas de livros e filmes*, Roberto Mattos

“Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica *Sorcerer's Ring* (que atualmente tem 14 livros), Rice apresenta aos leitores

Thorgrin "Thor" McLeod, cujo sonho é se juntar à Legião de Prata, os cavaleiros de elite que servem ao rei.... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro #1)

CHEGADA (Livro #2)

O CAMINHO DO AÇO

SÓ OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UM TRIBUNAL PARA LADRÕES (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃOS (Livro #3)

UMA LENDÁRIA PARA PRÍNCIPES (Livro #4)

UMA JÓIA PARA A REALIDADE (Livro #5)

UM BEIJO PARA RAINHAS (Livro #6)

UMA COROA PARA ASSASSINO (Livro #7)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVO, GUERREIRO, RAINHA (Livro #1)

LADRÃO, PRISIONEIRO, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HERÓI, TRAIADOR, FILHA (Livro #6)

REGENTE, RIVAL, EXÍLIO (Livro #7)

VICTOR, VENCEDO, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS VALENTES (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALOR (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS OUSADOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DOS REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro nº 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UMA CONCESSÃO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
O REGRA DAS RAINHAS (Livro #13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)
O PRESENTE DA BATALHA (Livro #17)

A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: SLAVERSUNNERS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)
ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, CAÍDO

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

OS DIÁRIOS DO VAMPIRO

TRANSFORMADO (Livro #1)
AMEI (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
DESTINADO (Livro #4)
DESEJADO (Livro #5)
NOIVOS (Livro #6)
PROMETIDO (Livro #7)
ENCONTRADO (Livro #8)
RESSURREITO (Livro nº 9)
DESEJO (Livro #10)

DESTINADO (Livro #11)
OBSESSED (Livro #12)

Você sabia que eu escrevi várias séries? Se você ainda não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download de uma série inicial!



Quer livros grátis?

Assine a lista de e-mail de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicativo grátis, 1 jogo grátis, 1 graphic novel grátis e brindes exclusivos! Para se inscrever, visite: www.morganricebooks.com

Copyright © 2018 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão prévia do autor. Este e-book é licenciado apenas para sua diversão pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou não foi comprado apenas para seu uso, devolva-o e compre sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados ​​ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

CAPÍTULO UM

Sebastian rastejou por Ashton, cauteloso como um cervo caçado, tentando planejar seu próximo movimento. Ele estava livre, mas a verdade era que não confiava nisso. Mesmo agora, parecia um truque. As circunstâncias de sua fuga cuidaram disso.

Sebastian ainda não conseguia entender isso. Alguém tinha desbloqueado seu celular porta e matou todos os guardas na casa de Rupert, mas eles não se preocuparam em reivindicar o crédito por isso; nem se anunciaram.

Sebastian esperava que um socorrista estivesse lá para esta parte da fuga também. Em vez disso, ele progrediu pelas ruas de Ashton sozinho.

Ele se esgueirou por Knotty Hill e os Screws, caminhando lentamente em direção às docas. Ele era cauteloso, e não apenas por todas as razões usuais de que alguém passando por Ashton precisava ser cauteloso. Em algum momento, Rupert descobriria que ele estava desaparecido e enviaria homens para caçá-lo.

"Eu preciso estar longe antes disso," Sebastian disse para si mesmo. Essa parte parecia óbvia.

Se ele ainda tivesse o favor de sua mãe, seria uma questão diferente, mas depois que ele acabasse com seu casamento, ele duvidava que ela estivesse com vontade de ajudá-lo. Além disso, a verdade era que ele queria deixar Ashton rapidamente por outro motivo: quanto mais cedo partisse, mais cedo chegaria a Ishjemme e Sophia.

"Eu vou chegar até ela," ele prometeu a si mesmo. Ele iria alcançá-la, e ele estaria junto com ela. Isso era o que importava agora.

Ele desceu para as docas, encontrando uma pousada e se acomodando em um canto, o capuz de sua capa levantado enquanto observava os homens que poderiam estar trabalhando para Rupert. Afinal, eles o pegaram na saída da cidade uma vez.

"O que posso te dar?" perguntou-lhe uma serva.

Sebastian colocou uma pequena moeda na mesa da bolsa que alguém tinha o deixou junto com o manto e uma adaga de dois gumes. "Comida", disse ele, "e informação. Há algum navio partindo para Ishjemme?"

A serva pegou a moeda. "Comida, eu consigo. Quanto ao outro, você está convidado a sentar aqui e ouvir. Os capitães vêm com bastante frequência com as docas."

Sebastian tinha pensado que poderia chegar a isso. Ele esperava sair de Ashton rapidamente, mas não podia arriscar ir pelas docas simplesmente pedindo uma

navio novamente. Foi assim que Rupert o pegou da última vez. Ele precisava tomar seu tempo. Ele precisava ouvir.

Ele fez as duas coisas, sentado lá e tentando pegar o que podia das conversas lá na pousada enquanto comia um prato de pão, queijo e presunto. Os homens no canto estavam falando sobre as guerras através do Knifewater, que já não parecia tão distante agora que o Novo Exército havia tentado invadir. Um homem e uma mulher estavam conversando em sussurros, mas Sebastian podia ver o suficiente deles juntos para adivinhar que estavam fazendo promessas um ao outro e planejando uma vida juntos. Isso o fez pensar em Sophia.

Outros estavam falando sobre os últimos trabalhos dos jogadores, ou os argumentos que tinham visto nas docas. No meio de tudo isso, porém, um sussurro pegou nos ouvidos de Sebastian.

"A Viúva..."

Sebastian se levantou, indo até o ajudante do cais que havia dito isso.

"O que é que foi isso?" Ele demandou. — O que você estava dizendo sobre a viúva?

Ele manteve a cabeça baixa, esperando que ninguém percebesse quem ele era.

"O que é isso para você?" a doca exigiu.

Sebastian pensou rapidamente, deixando sua voz assumir o mesmo tom áspero.

"Estive ouvindo o nome dela o dia todo. Finalmente pensei em ver o que estava acontecendo."

A doca deu de ombros. "Bem, você não vai conseguir muito de mim. Tudo o que ouvi foi o que todos ouviram: algo está acontecendo no palácio. Há rumores sobre a viúva, e agora todo o lugar está trancado.

Meu irmão fez uma entrega por ali e ficou preso por mais de uma hora apenas em Higharch."

"Obrigado," Sebastian disse, afastando-se do outro homem e indo para a porta.

Por direito, os indícios de problemas no palácio não deveriam significar nada para ele. Ele deveria ter continuado com seu plano original de encontrar um barco e chegar a Sophia o mais rápido que pudesse. O que quer que estivesse acontecendo com sua mãe, não era da sua conta.

Sebastian tentou dizer a si mesmo tudo isso. Mesmo assim, seus pés se viram virando inexoravelmente na direção do palácio, carregando-o pelas pedras e pela cidade.

"Sophia estará esperando," ele disse a si mesmo, mas a verdade era que ele nem sabia se Sophia tinha desempenhado um papel em sua fuga. Se ela tivesse, não seria o seu

socorristas se anunciaram? Ela poderia não saber que ele estava a caminho e, de qualquer forma, Sebastian poderia realmente sair sem ao menos saber o que estava acontecendo?

Ele se decidiu. Ele iria ao palácio, pegaria suprimentos e saberia o que estava acontecendo. Se ele fizesse isso em silêncio, Sebastian imaginou que ele poderia estar fora de lá antes que alguém percebesse, e em uma posição muito melhor para levar o navio que precisava para Ishjemme e Sophia. Ele assentiu para si mesmo, caminhando na direção do palácio, depois parando para chamar um palanquim de aluguel que passava. Os portadores olharam para ele com ceticismo, mas não expressaram nenhuma dúvida depois que ele lhes jogou algumas moedas.

"Isso é perto o suficiente", disse Sebastian, uma vez que chegaram a uma rua não muito longe do recinto do palácio. Ele não podia arriscar tentar entrar pelas portas da frente, caso os amigos de Rupert estivessem lá. Em vez disso, Sebastian deslizou para um dos portões do jardim. Havia um guarda lá, parecendo surpreendentemente alerta, considerando que era um portão tão pequeno que ele estava guardando. Sebastian o observou por um tempo, então acenou para um moleque de rua próximo e estendeu uma moeda.

"Para que é isso?" a criança perguntou, a suspeita ecoando em seu tom. Sebastian não tinha certeza se queria saber o que tinha acontecido para tornar a criança tão desconfiada de estranhos.

"Eu quero que você vá e cause problemas com aquele guarda. Faça com que ele te persiga, mas não seja pego. Você acha que pode fazer isso?"

A criança assentiu.

"Faça um bom trabalho, e há outra moeda para você," Sebastian prometeu, então ficou para trás em uma porta para esperar.

Ele não teve que esperar muito. Em menos de um minuto, a criança estava lá, jogando lama na direção do guarda. Um respingou em seu capacete, explodindo sobre seu uniforme em um grande borrifo de terra.

"Oii!" o guarda gritou, e correu para o moleque.

Sebastian se apressou para a abertura que restava, atravessando o portão e entrando nos terrenos do palácio. Ele esperava que a criança ficasse bem. Ele suspeitava que sim, porque nenhum moleque vivia nas ruas de Ashton por muito tempo sem poder correr.

Sebastian caminhou pelos jardins, pensando nos passeios que fizera com Sophia por eles. Ele se reuniria com ela em breve. Talvez Ishjemme tivesse jardins para rivalizar com a beleza das rosas trepadeiras aqui. Ele pretendia descobrir de qualquer maneira.

Os jardins eram mais silenciosos do que normalmente eram. Em qualquer dia normal, deveria haver servos movimentando-se, jardinando ou coletando ervas e vegetais para as cozinhas. Deveria haver nobres fazendo turnos formais pelo terreno, pelo exercício, pela oportunidade de falar de política uns com os outros sem serem ouvidos, ou como parte das insinuações elaboradas e gestos sutis que constituíam o namoro no reino.

Em vez disso, os jardins estavam quase vazios, e Sebastian se viu deslizando pelos jardins da cozinha, entrando no palácio por uma porta lateral.

Os servos olharam para ele, e Sebastian continuou se movendo, não querendo os emaranhados que poderiam acontecer se alguém chamasse sua presença. Ele não queria ser pego falando com toda a corte; ele só queria descobrir o que estava acontecendo e sair de novo, o mais discretamente possível.

Sebastian atravessou o palácio, abaixando-se cada vez que achava que um guarda poderia estar vindo, indo na direção de seus aposentos. Ele entrou, pegando uma espada extra e trocando de roupa, pegando uma sacola e enchendo-a com os suprimentos que podia. Ele entrou no palácio novamente... ...e quase imediatamente se viu cara a cara com um servo, que começou a recuar, o terror estampado em seu rosto, como se ela pensasse que ele poderia matá-la.

"Não se preocupe," Sebastian disse. "Eu não vou te machucar. Estou aqui apenas para—" "Ele está aqui!" chamou o servo. "Príncipe Sebastian está aqui!"

Quase imediatamente, o som de botas se seguiu. Sebastian virou-se para correr pelo corredor, correndo pelos corredores que passou a maior parte de sua vida andando. Ele foi para a esquerda, depois para a direita, tentando despistar os homens que corriam atrás dele agora, gritando para ele parar.

Havia mais homens à frente. Sebastian olhou ao redor, então irrompeu em uma sala próxima, esperando que pelo menos houvesse uma porta adjacente ou um lugar para se esconder. Não havia nenhum.

Guardas lotaram a sala. Sebastian considerou suas opções, pensou sobre a surra que recebeu nas mãos dos homens de Rupert, e desembainhou sua espada quase por instinto.

"Abaixe a espada, alteza," o líder dos guardas ordenou. Agora havia homens de cada lado de Sebastian e, para sua surpresa, pelo menos alguns estavam com os mosquetes apontados. Que tipo de homem arriscaria a raiva de sua mãe ameaçando um de seus filhos com a morte assim? Normalmente,

eles não ousaram sequer uma repreensão. Era parte do motivo de Rupert ter se safado tanto ao longo dos anos.

Sebastian não era Rupert, porém, e ele não era tolo o suficiente para considerar lutar contra um grupo de homens armados como aquele. Ele abaixou a espada, mas não a deixou cair.

"Qual o significado disso?" Ele demandou. Havia uma carta que ele poderia jogar aqui que não se encaixava bem com ele, mas poderia ser sua melhor opção para se manter seguro. "Eu sou o herdeiro do trono de minha mãe, e você está me ameaçando. Abaixue suas armas de uma vez!"

— Foi por isso que você fez isso? o líder dos guardas exigiu, em um tom que mais ódio do que Sebastian tinha ouvido em sua vida. "Você queria ser o herdeiro?"

"É por isso que eu fiz o quê?" Sebastian atirou de volta. "O que está acontecendo aqui? Quando minha mãe souber disso..."

"Não adianta bancar o inocente", disse o capitão da guarda. "Sabemos que foi você quem assassinou a viúva."

"Assassinado..." Foi como se o mundo parasse naquele momento. Sebastian ficou ali de boca aberta, sua espada tinindo de dedos inertes quando o choque o atingiu. Alguém havia assassinado a viúva? Sua mãe estava *morta*?

A dor se derramou nele, o puro horror do que aconteceu o enchendo. Sua mãe estava morta? Ela não podia ser. Ela sempre esteve lá, imóvel como uma rocha, e agora... ela se foi, arrancada em um instante.

Instantaneamente, os homens correram para agarrá-lo, os braços se agarrando aos seus de ambos os lados. Sebastian estava muito entorpecido para sequer lutar. Ele não podia acreditar. Ele pensou que sua mãe sobreviveria a todos os outros no reino. Ele a achava tão forte, tão astuta, que nada seria capaz de acabar com ela. Agora alguém a havia assassinado.

Não, não alguém. Havia apenas uma pessoa que era provável que fosse.

"Rupert fez isso", disse Sebastian. "Rupert é aquele que—"

"Pare com suas mentiras", disse o capitão da guarda. — Devo acreditar que é coincidência que tenhamos encontrado você correndo armado pelo palácio logo após a morte de sua mãe? Príncipe Sebastian da Casa de Flamberg, estou prendendo você pelo assassinato de sua mãe. Leve-o para uma das torres, rapazes. Espero que eles queiram julgá-lo por isso antes de executá-lo como o traidor que ele é.

CAPÍTULO DOIS

Angélica sentou-se empertigada na sala de visitas da casa de Rupert, tão perfeitamente arrumada quanto as flores sobre a lareira, ouvindo o pânico do príncipe mais velho do reino enquanto tentava não demonstrar seu desdém.

"Eu matei ela!" ele gritou, abrindo bem os braços enquanto andava de um lado para o outro. "Na verdade, eu a matei."

"Grite um pouco mais alto, meu príncipe," disse Angélica, incapaz de conter pelo menos um pouco do desdém que sentia de se infiltrar. "Acho que há algumas pessoas no prédio ao lado que podem não ter ouvido você."

"Não tire sarro de mim!" Rupert disse, apontando para ela. "Você... você me colocou nisso."

Um tênue fio de medo surgiu em Angélica com isso. Ela não queria ser a alvo da raiva de Rupert.

"E ainda assim você é a que está coberta de sangue da viúva," Angélica disse, com um leve toque de desgosto. Não na matança; o velho morcego merecia isso. Era simplesmente desgosto com a deselegância de tudo isso e a estupidez de seu futuro marido.

A expressão de Rupert brilhou com raiva, mas então ele olhou para si mesmo como se estivesse vendo o sangue em sua camisa pela primeira vez, manchando-a de vermelho para combinar com seu casaco. Sua expressão voltou para algo perturbado quando ele fez isso. Estranho, pensou Angélica, era possível que eles tivessem encontrado uma pessoa que Rupert realmente lamentou ter machucado?

"Eles vão me matar por isso", disse Rupert. "Matei minha mãe. Eu andei pelo palácio com seu sangue em mim. As pessoas me viram."

Possivelmente metade de Ashton o viu, dada a maneira como ele provavelmente passou pelas ruas com ele. O melhor que podia ser dito era que pelo menos ele tinha uma capa enrolada em volta dele para aquela parte da jornada. Quanto ao resto... bem, Angélica lidaria com isso.

"Tire sua camisa," ela ordenou.

"Você não me manda!" Rupert disse, virando-se para ela.

Angélica permaneceu firme, mas fez seu tom mais suave, tentando acalmar Rupert do jeito que ele obviamente queria. "Tire sua camisa, Rupert. Precisamos te limpar."

Ele fez isso, tirando o casaco também. Angélica enxugou as manchas de sangue que restaram com um lenço e uma tigela de água, apagando o que ela

poderia dos vestígios de violência. Ela tocou uma pequena campainha e um criado que estava esperando entrou com roupas limpas, levando as velhas embora.

"Pronto," Angélica disse enquanto Rupert se vestia, "não é melhor?"

Para sua surpresa, Rupert balançou a cabeça. "Isso não tira o que aconteceu. Isso não tira o que eu vejo aqui, *aqui!*" Ele golpeou o lado de sua cabeça com a palma da mão.

Angélica pegou sua mão, beijando sua testa tão gentilmente quanto uma mãe com um filho. "Você não deve se machucar. Você é precioso demais para mim para isso."

Precioso era uma palavra para isso. Necessário pode ser outro. Angélica precisava de Rupert vivo e bem, pelo menos por enquanto. Ele era a chave para destrancar as portas do poder, e precisava estar intacto para fazê-lo. Controlá-lo provou ser tão fácil antes, mas tudo isso era... inesperado.

"Você vai me perder em breve", disse Rupert. "Quando eles descobrirem o que eu fiz..."

"Rupert, eu nunca vi uma morte afetar você assim antes," disse Angélica. "Você lutou em batalhas. Você comandou exércitos que mataram milhares."

Ele lutou e matou em causas menos obviamente necessárias, também. Ele machucou mais do que sua cota de pessoas em sua vida. Pelo que Angélica tinha ouvido, ele tinha feito coisas que revirariam o estômago da maioria das pessoas, escondidas do mundo. Por que mais uma morte deveria ser um problema?

"Esta era minha mãe", disse Rupert, como se isso tornasse óbvio. "Ela não era algum camponês. Ela era minha mãe e a rainha."

"A mãe que ia roubar seu direito de primogenitura," Angélica apontou. "A rainha que ia exilar você."

"Mesmo assim..." Rupert começou.

Angélica segurou seus ombros, desejando que ela pudesse se safar agitando algum sentido nele. "Não há mesmo assim", disse ela. "Ela ia tirar tudo de você. Ela ia destruir você para dar tudo ao filho dela..."

"*Eu sou o filho dela!*" Rupert gritou, empurrando Angélica para trás. Angélica sabia que deveria ter medo dele naquele momento, mas a verdade era que não tinha. Por enquanto, pelo menos, era ela quem estava no controle.

"Sim, você é", disse Angélica. "Seu filho, e seu herdeiro, e ela tentou tirar tudo isso de você. Ela tentou dá-lo a alguém que o teria magoado. Foi praticamente legítima defesa."

Rupert balançou a cabeça. "As pessoas não vão... elas não vão ver assim. Quando eles souberem o que eu fiz..."

“Por que eles deveriam aprender isso?” Angélica perguntou, em um tom perfeitamente razoável que fingiu não entender. Ela foi até um dos sofás ali, sentando e tomando uma taça de vinho gelado. Ela gesticulou para Rupert fazer o mesmo, e ele bebeu o dele a uma velocidade que sugeria que ele mal provou.

“As pessoas terão me visto”, disse Rupert. “Eles vão adivinhar de onde veio o sangue.”

Angélica não tinha pensado que Rupert fosse tão estúpido. Ela pensou que ele era um tolo, obviamente, até mesmo um tolo perigoso, mas não *tanto* assim.

“As pessoas podem ser compradas, ameaçadas ou mortas”, disse ela. “Eles podem se distrair com rumores, ou até mesmo persuadidos de que estavam errados. Eu tenho pessoas ouvindo dicas de que as pessoas estão falando contra você, e quem estiver será silenciado ou feito parecer tolo, para que sejam ignorados.”

“Mesmo assim...” Rupert começou.

“Aí está você de novo, meu amor”, disse Angélica. “Você é um homem forte, um homem confiante. Por que você está se questionando com isso?”

“Porque há tantas maneiras de dar errado”, disse Rupert. “Eu não sou um idiota. Eu sei o que as pessoas pensam de mim. Se os rumores começarem, eles vão acreditar neles.”

“Então eu cuidarei para que eles não comecem”, disse Angélica, “ou que um alvo mais adequado para eles seja encontrado.” Ela estendeu a mão para pegar uma de suas mãos na dela. “Quando você se deitou com a filha de algum nobre no passado e foi muito duro com ela, você se preocupou com a ira deles?”

Rupert balançou a cabeça. “Eu *nunca*—”

“Mentir é sua primeira ferramenta nisso”, disse Angélica, calmamente. Ela sabia exatamente o que Rupert tinha feito no passado, e para quem. Ela fez questão de conhecer cada pequeno detalhe, para que pudesse usá-lo se precisasse.

Originalmente, o plano era destruir o príncipe quando ela se casasse com Sebastian, mas poderia ser tão útil agora.

“Eu não sei por que você está trazendo isso à tona”, disse Rupert. “Não é relevante. Seu-”

“Distração é o seu segundo,” disse Angélica. “Vamos encontrar coisas melhores para as pessoas se concentrarem.”

Ela viu Rupert corar de raiva.

“Eu serei seu rei”, ele retrucou.

“E essa é sua terceira ferramenta,” Angélica sussurrou, movendo-se para beijá-lo.

“Você está seguro. Você entende, meu amor? Ou você será. O truque agora é reforçar sua posição.”

Ela observou Rupert relaxar visivelmente quando a ideia começou a afundar. matar profundamente sua mãe o havia tocado, ele sabia como se safar do que quer que fizesse. Ele estava fazendo isso por tempo suficiente, afinal. Ou talvez tenha sido a perspectiva de poder que o acalmou, o pensamento do que se seguiria.

"Já falei com meus aliados", disse Rupert.

"E agora é hora de fazê-los agir", respondeu Angélica. "Faça deles parte disso desde o início. A morte da viúva já é boato para a cidade e será anunciada formalmente em breve. As coisas devem se mover rapidamente agora." Ela o puxou para seus pés. "Todo o tipo de coisas."

"Quais coisas?" perguntou Rupert. Angélica atribuiu ao choque.

"Nosso casamento, Rupert," ela disse. "Isso deve acontecer antes que as pessoas tenham um chance de argumentar. Devemos apresentá-los com uma frente estável, uma dinastia real estabelecida a seguir."

Rupert se moveu surpreendentemente rápido quando a agarrou pela garganta, o raiva lá subindo novamente com rapidez perigosa.

"Não me diga o que *devo* fazer", disse ele. "Minha mãe tentou fazer isso."

"Eu não sou sua mãe," Angélica respondeu, tentando não estremecer com a força do aperto. "Mas eu *gostaria* de ser sua esposa antes que o dia acabe. Achei que havíamos discutido isso, Rupert. Achei que era o que você queria."

Rupert a soltou. "Eu não sei. Eu não... nada disso é o que eu planejei."

"Não é?" Angélica perguntou. "Você planejou tomar o trono. Certamente você sabia que sacrifícios isso envolveria? Embora eu goste de pensar que casar comigo não é tão difícil *assim* .

Ela se afastou dele. "Se você quiser, não é tarde demais para cancelar as coisas. Diga-me para sair, e desocuparei Ashton para as propriedades da minha família. Escolha esperar, e nós vamos esperar. Claro, então você não teria a força da minha família, ou seus aliados. E não haveria ninguém para ajudá-lo a conter todos aqueles... rumores difíceis.

"Você está me ameaçando?" exigiu Rupert. Angélica sabia como era um jogo perigoso. Mesmo assim, ela iria jogar, porque o jogo real que ela estava jogando era muito mais perigoso.

"Estou simplesmente apontando as vantagens que você ganha ao seguir em frente, meu amor", disse Angélica. "Case comigo, e eu posso fazer tudo isso muito mais fácil para você. É melhor fazê-lo hoje do que daqui a um mês. Se posso agir como sua esposa, tenho uma *razão* para protegê-la do mundo.

Rupert ficou ali por vários segundos, e por um momento Angélica pensou que ela poderia ter julgado mal tudo isso. Para que ele pudesse ir embora depois de tudo. Então ele deu um único e conciso aceno de cabeça.

"Muito bem", disse ele. "Se for importante para você, faremos isso hoje. Agora, vou respirar um pouco e começar a entrar em contato com nossos aliados."

Ele se virou e saiu. Angélica suspeitava que era mais provável que ele procurasse vinho do que seus aliados, mas isso não importava. Provavelmente foi até mesmo para seu benefício. Ela logo os faria fazer tudo o que deveriam, enviando mensagens em nome de seu marido.

Ela tocou a campainha para um servo.

"Veja que as roupas que o príncipe Rupert estava vestindo quando ele entrou são queimado," ela disse para a garota que entrou. "Então traga uma sacerdotisa da Deusa Mascarada, e convide os membros do conselho interno da Viúva para se encontrarem no palácio. Ah, e mande alguém para minha costureira. Deve haver um vestido de noiva esperando por mim agora.

"Minha dama?" a menina disse.

"Não estou falando com clareza suficiente?" Angélica perguntou. "Minha costureira. Vai."

A menina foi. Era estranho como as pessoas podiam ser estúpidas às vezes. O A criada obviamente presumira que Angélica não faria preparativos para seu próprio casamento. Em vez disso, ela começou a enviar mensagens para os preparativos quase assim que teve a ideia de que Rupert se casasse com ela. Era importante que este casamento se parecesse tanto quanto possível, dado o curto prazo.

Era uma pena que não houvesse oportunidade de ter uma cerimônia maior mais tarde, mas havia um impedimento óbvio para isso: Rupert estaria morto até então.

Hoje tinha mostrado a necessidade disso mais claramente do que Angélica poderia ter acreditado. Ela pensava que Rupert era um homem tão no controle de si mesmo quanto ela de si mesma, mas ele permaneceu tão mutável quanto o vento. Não, o plano que ela colocou em prática era o caminho a seguir. Ela se casaria com Rupert esta noite, o mataria pela manhã e seria coroada rainha antes mesmo que seu corpo estivesse enterrado.

Ashton teria a rainha que precisava então. Angélica governaria, e o reino seria melhor por isso. Tudo ia dar certo. Ela podia sentir isso.

CAPÍTULO TRÊS

Sophia só podia esperar enquanto a frota avançava sobre Ashton. À medida que *sua* frota avançava. Mesmo aqui e agora, depois de tudo o que aconteceu, era difícil lembrar que tudo isso era dela. Cada vida nos navios ao seu redor, cada senhor que enviava homens, cada pedaço de terra de onde eles vinham, era sua responsabilidade.

"Há muito pelo que assumir a responsabilidade", sussurrou Sophia para Sienne, a gato da floresta ronronando enquanto roçava as pernas de Sophia, enrolando-se em torno dela com sua própria impaciência.

Havia uma frota de navios de qualquer maneira quando eles deixaram Ishjemme, mas desde então, mais e mais navios se juntaram a eles, vindo pelas costas de Ishjemme ou das pequenas ilhas ao longo do caminho, até mesmo saindo do reino da viúva quando os leais a ela vinham se juntar ao ataque.

Havia tantos soldados lá com ela agora. Soldados suficientes para talvez vencer esta guerra. Soldados suficientes para apagar Ashton do mapa, se ela o escolhesse.

Vai ficar tudo bem, Lucas mandou até ela, obviamente sentindo sua inquietação.

As pessoas vão morrer, Sophia mandou de volta.

Mas eles estão aqui porque escolheram estar, respondeu Lucas. Ele andou para colocar a mão em seu ombro. *Honre-os não jogando essas vidas fora, mas não diminua o que eles oferecem retendo.*

"Acho que é uma daquelas coisas que é mais fácil dizer do que fazer", Sophia disse em voz alta. Ela se abaixou para acariciar as orelhas de Sienne automaticamente.

"Possivelmente", admitiu Lucas. Ele parecia pronto para a guerra de uma forma que Sophia não estava, uma lâmina ao seu lado e pistolas em seu cinto. Sophia adivinhou que ela parecia impossivelmente redonda com o peso de seu filho não nascido, desarmado e sem armadura enquanto estava ali.

Mas não despreparado, Lucas mandou. Ele gesticulou para a parte traseira do navio. "Nossos comandantes aguardam."

Principalmente, isso significava seus primos e seu tio. Eles mantiveram isso juntos como certamente como Sophia, mas havia outros homens lá também: chefes de clãs e senhores menores, homens duros que ainda ofereciam reverências quando Sophia se aproximava, seu irmão e seu gato da floresta ao seu lado.

"Nós estamos prontos?" ela perguntou, olhando para seu tio e tentando parecer a rainha que todos eles precisavam que ela fosse.

“Ainda há decisões a serem tomadas”, disse Lars Skyddar. “Sabemos o que estamos tentando alcançar, mas agora precisamos decidir sobre os detalhes”.

“O que há para decidir?” seu primo Ulf exigiu, em seu tom de blefe habitual.

“Nós juntamos os homens, batemos nas paredes com canhões e depois atacamos.”

“Isso explica muito sobre a maneira como você caça”, disse a irmã de Ulf Frig, com um sorriso de lobo. “Devemos cercar a cidade como um laço, fechando o cerco.”

“Precisamos estar prontos para um cerco”, disse Hans, cauteloso como sempre.

Parecia que cada um tinha sua própria ideia de como deveria ser, e uma parte de Sophia desejava que ela pudesse ficar para trás, deixando tudo isso para aqueles com cabeças mais sábias, mais conhecedores da guerra. Ela sabia que não podia, porém, e que os primos discutiriam para sempre se ela os deixasse fazer isso. Isso significava que a única maneira de fazer isso era escolher.

“Quando chegaremos à cidade?” ela perguntou, tentando pensar.

“Provavelmente anoitecer”, disse seu tio.

“É tarde demais para um simples ataque então”, disse ela, pensando no tempo que passou na cidade à noite. “Eu conheço as ruas de Ashton. Confie em mim, se tentarmos passar por eles no escuro, não vai acabar bem.

“Um cerco então”, disse Hans, parecendo satisfeito com a perspectiva, ou talvez apenas que seu plano fosse o escolhido.

Sofia balançou a cabeça. “Um cerco fere as pessoas erradas e não ajuda as certas. As antigas muralhas da cidade protegem apenas a parte interna da cidade, e você pode apostar que a viúva deixaria os mais pobres passarem fome para se alimentar.

Enquanto isso, a cada momento que esperamos, Sebastian está em perigo.”

“E então?” seu tio perguntou. “Você tem um plano, Sophia?”

“Ancoraremos na frente de Ashton quando chegarmos lá”, disse ela. “Nós enviará mensagens para eles se renderem.”

“Eles não vão fazer isso”, disse Hans. “Mesmo se oferecermos a eles um quarto.”

Sofia balançou a cabeça. Ela sabia disso. “A viúva não vai acreditar que qualquer outra pessoa teria mais misericórdia do que ela. Mas a ilusão de que estamos dando a eles tempo para se renderem nos dará tempo para que metade de nossos homens se desloque para o lado terrestre da cidade. Eles vão tomar os arredores tranquilamente. As pessoas lá não têm amor pela viúva.”

“Eles têm mais alguma coisa para um invasor?” perguntou Lucas.

Era uma boa pergunta, mas seu irmão tinha um talento especial para fazer boas perguntas.

“Espero que sim”, disse Sophia. “Espero que eles se lembrem de quem somos e como eram as coisas antes da viúva.” Ela olhou para Hans. “Você vai liderar

as forças ali. Preciso de alguém que possa manter os homens disciplinados e não massacrar pessoas comuns.

"Vou cuidar disso", Hans assegurou a ela, e Sophia sabia que ele faria.

Sophia virou-se para Ulf e Frig. "Vocês dois vão levar uma pequena força perto de as portas do rio. Se os homens que enviei conseguiram entrar, eles abrirão. Seu trabalho será ajudá-los a segurá-lo até que o resto de nós possa atacar. A frota principal vai pousar, e nós nos moveremos sob a proteção dos canhões dos navios."

Parecia um bom plano. Ela esperava que fosse, pelo menos. A alternativa era que ela acabara de condenar à morte homens que comandava.

É um bom plano, Lucas mandou para ela.

Só espero que funcione, respondeu Sophia.

Uma terceira voz se juntou a eles então, vindo através da água. *Ele vai. Vou me certificar de que sim.*

Sophia se virou e viu um grupo menor de naves se aproximando. Eles tiveram um aparência desonrosa para eles, parecendo o tipo de coisas que mercenários ou bandidos poderiam ter escolhido. No entanto, foi a voz de sua irmã que saiu deles.

Kate? Você está aqui?

Estou aqui, ela mandou de volta. *E trouxe comigo a empresa gratuita mais desonrosa que existe. Lord Cranston diz que ficará honrado em servir.*

Esse pensamento animou Sophia quase tanto quanto a presença de sua irmã ali. Não eram apenas os lutadores extras, embora Sophia aceitasse tudo o que conseguisse naquele momento. Era o fato de que sua irmã estava de volta com a companhia de luta da qual ela gostava tanto de fazer parte, e...

Será que existe? Sofia perguntou.

Ele é, respondeu Kate. Sophia podia sentir a felicidade ali. *Vejo você em breve, minha irmã. Salve alguns inimigos para mim.*

Tenho certeza que haverá muito por onde passar.

"Kate está vindo," Sophia disse a Lucas.

"Eu sei", disse seu irmão. "Eu senti seus pensamentos. Achei que teria que esperar até voltarmos para finalmente conhecê-la.

"E encontrar nossos pais depois disso", disse Sophia. Ela sabia que não deveria estar pensando tão à frente ainda. Ela deveria estar se concentrando na batalha que estava por vir, mas era quase impossível manter seus pensamentos ali. Ela estava muito ocupada pensando em tudo que poderia fluir disso. Ela pegaria Sebastian

costas. Ela libertaria o povo da viúva do peso esmagador de seu governo. Encontrariam seus pais.

"Kate ficará tão animada quanto nós para encontrar nossos pais", disse Sophia.

"Mais. Eu não tenho certeza se ela ainda tem memórias deles para mantê-la.

"Em breve, todos nós teremos mais do que isso", disse Lucas.

"Espero que sim", respondeu Sophia. Ela não podia deixar de se preocupar, no entanto. "Você tem?"

Lucas assentiu, obviamente entendendo o que ela queria dizer. Ele trouxe o disco plano feito de bandas entrelaçadas de metal, brilhando com linhas brilhantes e confusas quando ele o tocou. Quando Sophia também pousou a mão no metal, os segmentos do dispositivo giraram no lugar, revelando os contornos das massas de terra, desde o reino da viúva até formas distantes que deviam ser as Colônias Distantes e as Terras da Seda. Era tentadoramente perto de dizer a eles o que eles precisavam saber; simplesmente não havia nada para lhes dizer onde seus pais poderiam estar agora. Sophia imaginou que isso aconteceria quando Kate se juntasse a eles. Ela esperava que sim.

"Mantenha o dispositivo seguro", disse Sophia. "Se a perdermos..."

Lucas assentiu. "Eu o protegi até agora. Estou mais preocupado em manter você e Kate seguros.

Sophia não tinha pensado nisso. Os três estavam prestes a entrar no meio de uma batalha. Se um deles caísse nessa batalha, talvez nunca encontrasse seus pais. Seria um golpe duplo, perder a promessa de sua mãe e seu pai, mesmo que estivessem de luto por um irmão ou irmã.

"Você tem que ficar seguro também", disse Sophia. "E *não* estou apenas dizendo que porque quero encontrar nossos pais."

"Eu sei", disse Lucas. "E farei tudo o que puder. Ko oficial me treinou bem."

"E Kate aprendeu muito com a bruxa que tentou reivindicá-la", disse Sophia.

"Se ela estiver tão mortalmente sozinha quanto ela estava quando ela estava me jogando pelo castelo, ela vai ficar bem," Lucas disse. "A questão é você, Sophia. Eu sei que você tem Sienne, mas você estará seguro no meio de uma batalha?"

"Eu não estarei no meio," Sophia prometeu. Ela colocou uma mão protetora sobre sua barriga. "Mas farei o que for preciso para garantir que meu filho tenha um pai."

"Ela vai", disse Lucas, e havia algo sobre a certeza disso que fez Sophia olhar para ele. Ela sabia que tinha visto vislumbres de coisas em

seus sonhos. Ela se perguntou se Lucas também.

"Você viu alguma coisa?" Sofia perguntou.

Lucas balançou a cabeça. "Eu tenho algum talento para isso, mas acho que você tem mais disso. O que mais vejo para amanhã é sangue."

Isso era fácil de ver, mesmo sem a magia que trazia sonhos para ambos. Sophia olhou para fora novamente, e agora havia um litoral no horizonte, um pontinho de cidade sentado nele.

"Ashton", disse Sophia. Ela não tinha visto isso no que parecia uma eternidade.

A cidade se estendia como uma mancha na paisagem, seus prédios velhos, sua extensão estendendo-se além de seus muros. Parte de sua frota já estava se separando, Hans se movendo para desembarcar mais ao longo da costa e tomar os arredores.

O resto deles se aproximou, sinalizando bandeiras hasteadas para coordenar suas movimentações. Eles ancoraram bem fora do alcance dos canhões, e pequenos barcos baixaram, completos com mensageiros e a exigência de rendição. Sophia sabia que Ulf e Frig estariam preparando seus próprios pequenos barcos para se aproximarem da cidade antes que a batalha começasse, prontos para os portões do rio se abrirem para eles.

Sophia podia ver as naves esperando lá, prontas para a guerra em resposta a quaisquer mensagens que chegassem a elas. Não o suficiente para parar uma frota do tamanho deles, não presa contra a costa assim. À medida que se aproximavam, Sophia podia ouvir trombetas soando, ver fogueiras de sinalização sendo acesas.

Ela olhou além de tudo para o palácio e o bairro nobre. Sebastian estava em algum lugar lá, preso em uma cela, esperando seu resgate.

"Ainda podemos atacar, do jeito que o primo Ulf quer", disse Lucas.

Sofia olhou para o céu. O sol já estava caindo, enviando dedos vermelhos ao longo do horizonte. Ela teve que se forçar a balançar a cabeça. Foi uma das coisas mais difíceis que ela já fez.

"Não podemos arriscar um ataque noturno", disse ela. "Precisamos seguir o plano."

"Então atacamos ao amanhecer", disse Lucas.

Sofia assentiu. Ao amanhecer, tudo estaria determinado. Eles veriam se ela teria o reino de sua família de volta, junto com o homem que ela amava, ou se todos seriam condenados à morte.

"Nós atacamos ao amanhecer", disse ela.

CAPÍTULO QUATRO

Kate ficou com a brisa do mar correndo em seu rosto, sentindo-se verdadeiramente livre pela primeira vez que podia se lembrar. Ver Ashton se aproximando à distância trouxe de volta memórias da vida que ela teve lá por tanto tempo como um dos Não Reivindicados, mas essas memórias não a possuíam mais, e a raiva que veio com elas parecia mais uma dor surda do que qualquer coisa fresca.

Ela sentiu Lord Cranston se aproximando antes que ele a alcançasse. Que muito de seus poderes tinha voltado. Isso era *dela*, não algo que Siobhan ou sua fonte lhe deram.

"Nós estamos atacando ao amanhecer, meu senhor," ela disse, virando-se.

Lord Cranston sorriu ao ouvir isso. "Um tempo tradicional para isso, embora não haja necessidade de me chamar assim agora, Kate. Somos nós que juramos servi-lo, alteza.

Sua Alteza. Kate suspeitava que nunca se acostumaria a ser chamada assim. Especialmente não pelo homem que tinha sido um dos primeiros a dar a ela um lugar no mundo onde ela se encaixava.

"E realmente não há necessidade de me chamar *assim*," Kate rebateu.

Lord Cranston fez um arco de cortesão surpreendentemente elegante. "É quem você está agora, mas tudo bem, Kate. Devemos fingir que estamos de volta ao acampamento e você está aprendendo táticas comigo?

"Suspeito que ainda tenho muito a aprender", disse Kate. Ela duvidava que tivesse aprendido metade do que Lord Cranston tinha para ensinar no tempo em que fazia parte de sua companhia.

"Oh, sem dúvida," Lord Cranston disse, "então, uma lição. Diga-me, na história de Ashton, como isso foi levado?

pensou Kate. Não era algo que suas aulas tinham coberto até agora.

"Eu não sei," ela admitiu.

"Foi feito por traição", disse Lord Cranston, contando as opções em seus dedos. "Isso foi feito ganhando o resto do reino, de modo que não há sentido em resistir. Isso foi feito no passado distante através da magia."

"E à força?" Kate perguntou.

Lord Cranston balançou a cabeça. "Embora o canhão possa mudar isso, é claro."

"Minha irmã tem um plano", disse Kate.

"E parece bem feito", disse Lord Cranston, "mas o que acontece com os planos nas batalhas?"

Isso, pelo menos, Kate sabia. "Eles desmoronam." Ela deu de ombros. "Então é um bom trabalho termos as melhores empresas gratuitas trabalhando para nós para preencher as lacunas."

"E é um bom trabalho que eu tenha a garota que pode convocar névoas e se mover mais rápido do que um homem pode seguir", respondeu Lord Cranston.

Kate deve ter hesitado um ou dois segundos antes de responder.

"O que é isso?" Lord Cranston perguntou.

"Eu me afastei da bruxa que me deu esse poder", disse ela. "Eu... não sei quanto resta. Ainda tenho alguma habilidade para ler mentes, mas a velocidade, a força, se foram. Acho que esse tipo de magia também é."

Ela ainda conhecia a teoria disso, ainda tinha a sensação dela, mas os caminhos para isso pareciam queimados pela perda de conexão com a fonte de Siobhan. Parecia que todas as coisas tinham seu preço, e este era um que ela estava disposta a pagar.

Pelo menos, se não custasse a vida de todos eles.

Lord Cranston assentiu. "Eu vejo. Você ainda pode usar uma espada?"

"Eu... não tenho certeza," Kate admitiu. Afinal, isso foi algo que ela aprendeu com Siobhan, mas as memórias de seu treinamento ainda estavam lá, ainda frescas. Ela ganhou o que ela sabia através dos dias de "morrer" nas mãos dos espíritos, repetidamente.

"Então acho que devemos descobrir antes de uma batalha a sério, não é?" Lord Cranston sugeriu. Ele recuou, dando uma reverência formal de duelista, seus olhos cuidadosamente em Kate, e desembainhou sua espada com um silvo de metal.

"Com lâminas vivas?" disse Kate. "E se eu não tiver o controle? E se ___"

"A vida é cheia de hipóteses", disse Lord Cranston. "Batalha, ainda mais. Não vou testá-lo com uma lâmina de treinamento apenas para descobrir que sua habilidade desmorona quando há risco real.

Ainda parecia uma maneira perigosa de testar suas habilidades. Ela não queria machucar Lord Cranston por acidente.

"Desenhar sua lâmina, Kate", disse ele.

Relutantemente, ela o fez, o sabre se encaixando perfeitamente em sua mão. Havia os restos de runas gravadas na lâmina onde Siobhan havia trabalhado nela, mas aquelas eram coisas sem graça agora, mal lá, a menos que a luz as pegasse. Kate pegou sua guarda.

Lord Cranston empurrou de uma vez, com toda a habilidade e violência de um jovem cara. Kate mal aparou a tempo.

"Eu disse a você", disse ela. "Não tenho a força ou a velocidade que costumava ter."

"Então você deve tentar encontrar uma maneira de compensar isso," disse Lord Cranston, e imediatamente enviou outro golpe em sua cabeça. "A guerra não é justa. A guerra não se importa se você é fraco. Tudo o que importa é se você vencer."

Kate cedeu, cortando um ângulo para evitar ser pressionada contra as amuradas do navio. Ela aparou e aparou novamente, tentando se proteger do ataque.

"Por que você está se segurando?" Lord Cranston exigiu. "Você ainda pode ver cada pensamento de ataque, não pode? Você ainda conhece cada movimento que pode ser feito com uma lâmina, não é? Se eu fizer a finta de Rensburg, você sabe que a resposta é..."

Ele fez uma complexa finta dupla. Automaticamente, Kate moveu-se para amarrar sua espada na metade.

"Você vê, você sabe disso!" Lord Cranston estalou. "Agora lute, maldito seja!"

Ele atacou com tanta ferocidade que a única opção de Kate era revidar com toda a habilidade. Ela observou seus pensamentos o melhor que pôde, vendo os lampejos de movimentos vindouros, os padrões de ataque. Seu corpo não tinha a velocidade de antes, mas ainda sabia o que fazer, colocando a lâmina onde era necessário, batendo e aparando, desengatando e pressionando.

Kate pegou a lâmina de Lord Cranston e sentiu a menor das fraquezas em a pressão como ele a apresentou. Ela circulou com a amarração, aplicando mais pressão, e sua espada caiu no convés do navio. Sua própria espada varreu a garganta dele... e ela conseguiu parar a apenas um fio de cabelo de sua pele.

Ele sorriu para ela. "Bom, Kate. Excelente. Você vê, você não precisa de alguns truques de bruxa. Você é quem aprendeu isso e é você quem vai cortar o inimigo em pedaços."

Ele apertou a mão de Kate então, pulso com pulso, e Kate ficou surpresa ao ouvir palmas de baixo no navio. Ela se virou, vendo outros membros da companhia ali, olhando como se ela e Lord Cranston fossem jogadores ali para entretê-los. Will estava lá com eles, parecendo aliviado e feliz. Kate desceu correndo os degraus do convés de comando até ele, beijando-o ao chegar até ele.

Claro, isso teve um tipo de aplauso diferente dos outros lá, e Kate se afastou, com o rosto vermelho.

"Já chega, seus cães preguiçosos", gritou Lord Cranston. "Se você tem tempo para cobiçar, você tem tempo para trabalhar!"

Os homens ao redor deles gemeram e continuaram com seus preparativos para a batalha. Ainda assim, o momento havia passado, e Kate não queria arriscar beijar Will novamente, caso algum deles ainda estivesse assistindo.

"Eu estava tão preocupado com você", disse Will, com um aceno de cabeça para onde Lord Cranston estava. "Quando vocês dois estavam brigando, parecia que ele estava realmente tentando te matar."

"Era o que eu precisava", disse Kate com um encolher de ombros. Ela não tinha certeza de que ela poderia explicar isso para Will. Ele se juntou à empresa de Lord Cranston, mas sempre parecia haver uma parte dele que queria estar de volta, trabalhando na forja de seu pai. Ele se juntou para a chance de ver o mundo, a chance de ir a outro lugar.

Para Kate, foi diferente. Ela precisava entrar nos espaços onde as coisas não pareciam seguras, ou ela não tinha certeza de que se sentia viva. Ela não sentia que poderia lidar com os extremos do mundo a menos que ela soubesse e fizesse isso. Lord Cranston tinha entendido isso, e ele a empurrou para o lugar onde ela realmente foi capaz de testar a si mesma.

"Mesmo assim," Will disse, "eu pensei que haveria sangue no convés antes de terminar."

"Mas não havia", disse Kate. Ela o abraçou, simplesmente porque ela queria. Ela desejou que houvesse privacidade suficiente no barco para mais do que isso. "Isso é o importante."

"E você foi incrível lá em cima," Will admitiu. "Talvez não devêssemos incomoda atacar amanhã, apenas mande você lutar com todos eles um por um."

Kate sorriu com esse pensamento. "Acho que pode ficar um pouco cansativo depois dos primeiros. Além disso, você gostaria de perder a ação?"

Ela viu Will desviar o olhar.

"O que é isso?" ela perguntou, resistindo ao desejo de ler seus pensamentos e encontrar Fora.

"Honestamente? Estou com medo", disse. "Não importa em quantas batalhas lutemos, nunca parece ficar mais fácil. Estou com medo por mim, pelos meus amigos, se meus pais vão se envolver com tudo isso... e estou com medo por você."

"Acho que acabamos de descobrir que você não precisa se preocupar comigo" disse Kate.

"Você é melhor com uma espada do que qualquer um que eu conheça," Will concordou, "mas eu ainda preocupar. E se houver uma espada que você não vê? E se houver algum tiro de mosquete aleatório? A guerra é o caos."

Era, mas isso era parte do que Kate gostava. Havia algo em estar no centro de uma batalha que fazia sentido de uma forma que o resto do mundo às vezes não fazia. Ela não disse isso, no entanto.

"Vai ficar tudo bem", disse ela, em vez disso. "Eu vou ficar bem. Você estará trabalhando com a artilharia, não no centro de nenhuma carga. Sophia nunca permitiria que seu povo saqueasse ou atacasse pessoas comuns, então seus pais estarão seguros. Vai ficar tudo bem."

"Apenas... fique seguro," disse Will. "Há tantas coisas que eu quero ter tempo para dizer a você, e fazer com você, e—"

"Teremos tempo para todos eles," Kate prometeu. "Agora, você deve ir. Você sabe que Lord Cranston fica aborrecido se eu o afasto de seus deveres por muito tempo."

Will assentiu, parecendo que poderia beijá-la novamente, mas não o fez. Outra coisa que teria que esperar até depois da batalha. Kate o observou partir, estendendo o que havia de seu talento para absorver os pensamentos e sentimentos dos soldados ali.

Ela podia sentir seus medos e suas preocupações. Todos os homens ali sabiam que o mundo entraria em erupção em violência ao amanhecer, e a maioria se perguntava se eles passariam por esse caos inteiros. Alguns pensavam nos amigos, outros nas famílias. Alguns estavam passando por possibilidade após possibilidade, como se pensar no perigo à frente pudesse impedir que isso acontecesse.

Kate estava ansiosa por isso. Na batalha, o mundo fazia algum sentido.

"Amanhã, vou matar as pessoas que machucaram minha família", ela prometeu.

"Eu vou cortar através deles, e eu vou tomar o trono para Sophia."

Amanhã, eles iriam para Ashton, e eles pegariam de volta tudo que deveria ser deles.

CAPÍTULO CINCO

Dos degraus do templo da Deusa Mascarada, parado no cume enquanto esperava o início do funeral de sua mãe, Rupert assistiu ao pôr do sol. Ele se espalhou em tons de vermelho, tons que o lembravam muito do sangue que ele derramou. Não deveria incomodá-lo. Ele era mais forte do que isso, *melhor* do que isso. Mesmo assim, cada olhar para suas mãos trazia lembranças da forma como o sangue de sua mãe as havia manchado, cada momento de silêncio trazia de volta a memória de seus suspiros quando ele a esfaqueou.

"Você!" Rupert disse, apontando para um dos trados e padres menores que aglomerado em torno da entrada. "O que esse pôr do sol pressagia?"

"Sangue, sua alteza. Um pôr do sol como este significa sangue."

Rupert deu meio passo à frente, planejando golpear o homem por sua insolência, mas Angélica estava lá para pegá-lo, sua mão roçando sua pele em uma promessa que ele desejava que houvesse mais tempo para cumprir.

"Ignore-o", disse ela. "Ele não sabe nada. *Ninguém* sabe de nada, a menos que você diga a eles."

"Ele disse sangue," Rupert reclamou. O sangue de sua mãe. A dor de que cintilou através dele. Ele havia perdido sua mãe, a dor disso quase uma surpresa para ele. Ele não esperava sentir nada além de alívio pela morte dela, ou talvez alegria por o trono finalmente ser dele. Em vez disso... Rupert se sentiu quebrado por dentro, vazio e culpado de uma forma que nunca havia sentido antes.

"Claro que ele disse sangue", respondeu Angélica. — Haverá uma batalha amanhã. Qualquer tolo poderia ver sangue em um pôr do sol com navios inimigos ancorados no mar."

"Muitos", disse Rupert. Ele apontou para outro homem, um trado que parecia estar usando algum mecanismo de relógio complexo para rabiscar cálculos em um pedaço de pergaminho. "Você, me diga como será a batalha amanhã!"

O homem olhou para cima, um olhar selvagem em seus olhos. "Os sinais não são bons para o reino, majestade. As engrenagens—"

Desta vez, Rupert atacou, enviando o homem esparramado com uma bota pé. Se Angélica não estivesse ali para puxá-lo de volta, ele poderia ter continuado chutando até não sobrar nada além de uma pilha de ossos quebrados.

"Considere como seria fazer isso no funeral", disse Angélica.

Foi o suficiente para fazer Rupert se conter, pelo menos. "Eu não vejo por que os sacerdotes deixam gente como eles subirem os degraus de seu templo. Eu pensei que eles *matavam* bruxas."

"Talvez seja um sinal de que estes não têm talento", sugeriu Angélica, "e que você não deve ouvi-los."

"Talvez", disse Rupert, mas houve outros. Parecia que todos tinham uma opinião sobre a batalha que estava por vir. Já havia trados o suficiente no palácio, tanto reais quanto meros nobres que gostavam de adivinhar o pôr do sol ou o vôo dos pássaros.

Naquele momento, porém, este funeral, o funeral de sua *mãe*, era a única coisa que importava.

Aparentemente, houve quem não entendesse isso. "Vossa Alteza, Vossa Alteza!"

Rupert virou-se para o homem que veio correndo. Ele usava um uniforme de soldado, curvando-se profundamente.

"A forma correta de se dirigir a um rei é 'vossa majestade'", disse Rupert.

"Vossa majestade, me perdoe", disse o homem. Ele se levantou de seu arco. "Mas eu tem uma mensagem urgente!"

"O que é isso?" exigiu Rupert. "Você não vê que eu vou ao funeral da minha mãe?"

"Perdoe-me, sua... majestade," o homem disse, obviamente apenas se recuperando a tempo. "Mas nossos generais pedem sua presença."

Claro que sim. Os tolos que não tinham visto o caminho para derrotar o Novo Exército agora queriam ganhar seu favor, mostrando quantas ideias tinham para lidar com a ameaça que havia chegado a eles.

"Eu irei, ou não, depois do funeral", disse Rupert.

"Eles disseram para enfatizar a importância da ameaça", disse o homem, como se essas palavras de alguma forma levariam Rupert à ação. Para algum tipo de *obediência*.

"Eu decidirei sua importância", disse Rupert. No momento, nada parecia importante em comparação com o funeral que estava prestes a acontecer. Deixe Ashton queimar por tudo que ele se importa; ele iria enterrar sua mãe.

"Sim, majestade, mas—"

Rupert parou o homem com um olhar. "Os generais querem fingir que tudo deve acontecer agora", disse. "Que não há plano sem mim.

Que sou necessário se quisermos defender a cidade. Eu tenho uma resposta para eles: façam seus trabalhos."

"Sua Majestade?" o mensageiro disse, em um tom que fez Rupert querer socá-lo.

"Faça seu trabalho, soldado", disse ele. "Esses homens afirmam ser nossos melhores generais, mas eles não podem organizar a defesa de uma cidade? Diga-lhes que irei até eles quando estiver pronto. Enquanto isso, eles vão cuidar disso. Agora vá, antes que eu perca a paciência.

O homem hesitou por um momento, depois curvou-se novamente. "Sim sua Majestade."

Ele se apressou. Rupert o observou partir, então se voltou para Angélica.

"Você está ficando quieto", disse ele. Sua expressão era perfeitamente neutra.

"Você também não concorda comigo enterrando minha mãe?"

Angélica colocou a mão em seu braço. "Eu acho que se você precisa fazer isso, você deveríamos, mas também não podemos negligenciar os perigos."

"Que perigos?" exigiu Rupert. "Nós temos generais, não temos?"

"Generais de uma dúzia de forças diferentes uniram-se para formar um exército," Angélica apontou. "Nenhum dos dois concordará sobre quem está no comando sem alguém lá para definir uma estratégia geral. Nossa frota fica muito perto da cidade, nossas muralhas são relíquias e não defesas, e nosso inimigo é perigoso."

"Tenha cuidado," Rupert a advertiu. Sua dor estava se fechando em torno dele como um punho, e a única maneira que Rupert conhecia para responder era com raiva.

Angélica avançou para beijá-lo. "Estou tomando cuidado, meu amor, meu *Rei*. Levaremos um tempo para fazer isso, mas em breve você precisará dar a direção a eles, para que tenha um reino para governar."

"Deixe queimar," Rupert disse por reflexo. "Deixe tudo queimar."

"Você pode querer dizer isso agora," disse Angélica, "mas logo, você vai querer. E então, bem, há o perigo de que eles não o deixem ficar com você."

"*Deixe -me ter minha coroa?*" disse Rupert. "Eu sou rei!"

"Você é o herdeiro", disse Angélica, "e nós construímos seu apoio na Assembleia dos Nobres, mas esse apoio pode desaparecer se você não for cuidadoso. Os generais que você está ignorando vão se perguntar se um deles deve governar. Os nobres farão perguntas sobre um rei que coloca sua dor antes de sua segurança."

"E você, Angélica?" perguntou Rupert. "O que você acha? Você é leal?"

Seus dedos foram até o punho de uma faca quase automaticamente, sentindo sua presença reconfortante. Angélica os cobriu.

"Acho que escolhi meu lugar nisso", disse ela, "e é ao seu lado. Enviei alguém para lidar com algumas ameaças da frota. Se uma morte pode nos atrasar, pode atrasá-los com a mesma facilidade. Depois, podemos fazer tudo o que precisa ser feito, juntos."

"Juntos," Rupert disse, pegando a mão de Angélica.

"Você está pronto?" Angélica perguntou a ele.

Rupert assentiu, embora naquele momento a dor dentro dele fosse muito grande jamais ser subjugado. Ele nunca estaria pronto para o momento de deixar sua mãe ir.

Entraram juntos no templo. Fora vestida para um funeral de Estado com uma pressa quase imprópria, ricas cortinas em tons escuros preenchendo o espaço, cortadas aqui e ali pelo brasão real. Os bancos do templo estavam cheios de enlutados, todos os nobres em Ashton e por quilômetros ao redor, junto com mercadores e soldados, clérigos e muito mais. Rupert tinha certeza disso.

"Eles estão todos aqui", disse ele, olhando ao redor.

"Todos os que puderam vir", respondeu Angélica.

"Os que não o fizeram são traidores," Rupert retrucou. "Eu vou matá-los."

"Claro", disse Angélica. "Depois da invasão, no entanto."

Era estranho que ele tivesse encontrado alguém tão pronto para concordar com todas as coisas que precisava ser feito. Ela era tão implacável quanto ele, bonita e inteligente. Ela também estava lá para isso, de pé ao lado dele e conseguindo fazer até o preto do funeral parecer requintado, lá para apoiar Rupert enquanto ele caminhava pelo templo, em direção ao local onde o caixão de sua mãe estava esperando pelo enterro, sua coroa colocada no topo. isto.

Um coro começou a cantar um réquiem enquanto prosseguiram, a alta sacerdotisa murmurando suas orações para a deusa. Nada disso seria original. Não havia tempo para isso. Ainda assim Rupert teria um compositor empregado uma vez que tudo isso fosse feito. Ele iria erguer estátuas para sua mãe. Ele iria—

"Estamos aqui, Rupert", disse Angélica, guiando-o para seu assento na frente fileira. Havia espaço mais do que suficiente ali, apesar do prédio lotado. Talvez os guardas que estavam lá para impor isso tivessem algo a ver com isso.

"Estamos reunidos para testemunhar o falecimento de uma grande figura entre nós," a alta sacerdotisa murmurou enquanto Rupert tomava seu lugar. "A rainha viúva Maria da Casa de Flamberg se foi por trás da máscara da morte, para os braços da deusa lá. Lamentamos sua morte."

Rupert lamentou isso, a dor subindo por ele enquanto a sacerdotisa falava sobre o grande governante que sua mãe tinha sido, quão importante seu papel tinha sido na unificação do reino. A velha sacerdotisa deu um longo sermão sobre o

virtudes encontradas nos textos sagrados que sua mãe havia encarnado, e então homens e mulheres começaram a falar sobre sua grandeza, sua bondade, sua humildade.

“É como se eles estivessem falando de outra pessoa,” Rupert sussurrou para Angélica.

“É o tipo de coisa que se espera que digam em um funeral”, ela respondeu.

Rupert balançou a cabeça. “Não, não está certo. Não está *certo*.”

Ele se levantou, movendo-se para a frente do templo, não se importando que algum senhor ainda estivesse ocupado girando a única vez que ele conheceu a viúva em um elogio. O homem recuou quando Rupert se aproximou, ficando em silêncio.

“Vocês estão falando bobagem,” Rupert disse, sua voz carregando facilmente.

“Você está falando sobre minha mãe e ignorando a verdadeira ela! Você diz que ela era boa, gentil e generosa? Ela não era nenhuma dessas coisas! Ela era dura. Ela era implacável. Ela pode ser cruel.” Sua mão varreu ao redor. “Há alguém aqui que ela não machucou? Ela me machucou muitas vezes. Ela me tratou como se eu mal fosse digno de ser seu filho.”

Ele podia ouvir os sussurros entre aqueles que estavam ali. Deixe-os sussurrar. Ele era seu rei agora. O que eles pensavam não importava.

“Mas ela era forte, no entanto”, disse Rupert. “É graças a ela que você tem um país. Graças a ela, os traidores desta terra foram expulsos, sua magia suprimida.”

Um pensamento lhe ocorreu.

“Eu serei tão forte. Farei o que for necessário.”

Ele caminhou até o caixão, levantando a coroa. Pensou no que Angélica dissera sobre a Assembleia dos Nobres, como se Rupert precisasse da *permissão deles*. Ele o pegou e o colocou em sua própria testa, ignorando os suspiros daqueles ali.

“Nós enterraremos minha mãe como a pessoa que ela era,” Rupert disse, “não como suas mentiras! Eu o ordeno como seu rei!”

Angélica se levantou então, correndo até ele e pegando sua mão. “Rupert, você está bem?”

“Eu estou bem”, ele atirou de volta. Outro impulso veio a ele, e ele olhou para fora sobre a multidão. “Vocês todos conhecem Milady d'Angelica”, disse Rupert. “Bem, eu tenho um anúncio para você. Esta noite, vou tomá-la como minha esposa. Todos vocês são obrigados a comparecer. Quem não o fizer será enforcado por isso.”

Não houve suspiro desta vez. Talvez eles não pudessem mais ficar chocados. Talvez eles tivessem passado por tudo isso. Rupert foi até o caixão.

“Pronto, mãe”, disse ele. “Eu tenho sua coroa. Vou me casar e amanhã salvarei seu reino. É suficiente para você? É isso?”

Uma parte de Rupert esperava alguma resposta, algum sinal. Não havia nada. Nada além do silêncio da multidão assistindo, e a profunda culpa que de alguma forma ainda se infiltrou nele.

CAPÍTULO SEIS

Da sacada de uma casa em Carrick, o Mestre dos Corvos observava os exércitos reunidos, olhando através dos olhos de suas criaturas. Ele sorriu para si mesmo ao fazê-lo, uma sensação de satisfação rastejando sobre ele.

"As peças estão no lugar", disse ele, enquanto seus corvos lhe mostravam os navios reunidos, os defensores correndo para construir barricadas. "Agora, para vê-los cair."

O pôr do sol sangrento combinava com seu humor hoje, assim como os gritos vindos do pátio abaixo de sua varanda. As execuções do dia prosseguiram em ritmo acelerado: dois homens apanhados tentando desertar, um suposto ladrão, uma mulher que havia esfaqueado o marido. Eles ficaram amarrados a postes enquanto os carrascos trabalhavam com espadas e cordas de garrote.

Os corvos desceram sobre eles. Provavelmente houve quem pensasse que ele gostava da violência de tais momentos. A verdade era que isso não importava para ele; apenas o poder que tais mortes trouxeram através de seus animais de estimação.

O Mestre dos Corvos olhou em volta para os comandantes esperando por suas instruções, vendo se algum se encolheu ou desviou o olhar das cenas abaixo. A maioria não, porque eles aprenderam o que se esperava deles. Um oficial mais jovem engoliu enquanto observava. Ele provavelmente precisaria ser vigiado.

Por um momento ou dois, o Mestre dos Corvos voltou sua atenção para as criaturas que voavam acima de Ashton. Enquanto giravam e davam voltas, mostravam-lhe a expansão da frota que avançava, a força ramificada que procurava desembarcar mais acima na costa. Uma torre na muralha da cidade mostrou-lhe um grupo de homens Ishjemme em roupas de mercador abrindo um baú de armas escondido à beira do rio. Um corvo perto do cemitério da cidade ouviu homens falando em recuar quando o ataque viesse, deixando os nobres se defenderem sozinhos.

Parecia uma combinação que poderia deixar seus animais de estimação com fome. Ele não poderia ter isso.

"Temos uma tarefa a cumprir", disse ele aos homens que esperavam enquanto voltava sua atenção para si mesmo. "Me siga."

Ele liderou o caminho pela casa, tendo como certo que os outros estariam em seu rastro. Os servos correram para o lado, ansiosos para não ficarem no caminho de tantos homens poderosos enquanto desciam. O Mestre dos Corvos

podia sentir seu ressentimento e seu medo, mas não importava. Era apenas a consequência inevitável de governar.

No pátio, os gritos haviam se desvanecido para o silêncio que só a morte poderia trazer. Mesmo a mais quieta das criaturas vivas tinha o som suave da respiração, as batidas de um coração. Agora, apenas o grasnar dos corvos cortava o silêncio enquanto os corpos pendiam flácidos contra seus postes.

"A ordem deve ser mantida", disse o Mestre dos Corvos, olhando para o oficial que mostrou um lampejo de desgosto. "Somos uma máquina de muitas partes, e cada uma deve desempenhar seu papel. Agora que eles ultrapassaram seus limites, o papel desses três é alimentar os pássaros carnicheiros".

Aqueles estavam voando em maior número agora, pousando nos cadáveres ainda recentes quando eles começaram a se banquetear. O Mestre dos Corvos já podia sentir o poder começando a fluir para seu rebanho a partir das mortes, junto com as centenas que se espalhavam pelo império do Novo Exército a qualquer momento. Havia até alguns de seus pássaros se alimentando no reino da viúva.

"É hora de colocar o polegar sobre a balança", disse ele, poder e traçando linhas prateadas de consequência em sua mente. Cada um representava uma possibilidade, uma escolha. O Mestre dos Corvos não tinha como saber o que aconteceria; ele não era a mulher da fonte, ou outro dos verdadeiros videntes. Ele podia ver o suficiente, porém, para saber onde exercer influência. Onde empurrar para os efeitos que ele queria.

Ele estendeu a mão para os pássaros esvoaçantes ao redor de Ashton. Sua mente procurou os pontos onde algumas palavras bem colocadas poderiam fazer mais, e corvídeos de todos os tipos vieram do céu para coaxá-las.

Um corvo pousou perto do comandante da guarda da cidade de Ashton ao seu comando, olhos negros olhando para ele.

"Nortenhos no rio", grasnou quando o Mestre dos Corvos pronunciou as palavras. "Nortenhos no rio, disfarçados de mercadores."

Ele não esperou para ver o choque do homem enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Em vez disso, o Mestre dos Corvos mudou sua atenção para uma torre no cemitério, fazendo-a pousar em uma lápide perto dos supostos conspiradores que planejavam fugir.

"Seja corajoso", seu pássaro coaxou. "Você é vigiado."

Para equilibrar isso, ele enviou outro pássaro a um homem por uma das paredes principais, fazendo-o grasnar uma premonição de morte. Ele semeou coragem e covardia, deu verdades e contou mentiras, tecendo-as em um feitiço de coisas conhecidas e semi-conhecidas.

Nem todos os pássaros foram bem sucedidos. Ele enviou um melro voando em seu caminho para a janela do príncipe Rupert, apenas para encontrá-la trancada. Ele enviou um corvo voando em direção aos navios que esperavam no porto, circulando mais abaixo sobre a nau capitânia de Ishjemme, apenas para encontrar sua atenção atraída pela visão de um jovem olhando para cima. O Mestre dos Corvos conhecia aquele jovem. Foi ele quem enfiou uma lâmina nele em Ishjemme. Ele olhou para o pássaro agora, e sua mão foi para o cinto, chegando com uma pistola quase desumanamente rápido...

"Droga tudo!" o Mestre dos Corvos rosnou enquanto chamava sua atenção de volta do pássaro bem na hora.

Ele deixou a frota dos invasores em paz. Em vez disso, ele concentrou sua atenção na cidade, encontrando pequenas coisas que possam dar coragem aos homens ou tomá-la, que possam alimentar sua raiva ou torná-los descuidados. Ele fez uma pega roubar a aliança de casamento de uma esposa enquanto ela lavava os copos e depois a deixou cair aos pés do soldado com quem ela era casada. Sem dúvida, o homem passaria a batalha se perguntando por que não estava em seu dedo e se deveria estar em casa. Ele fez um corvo levantar uma vela acesa, deixando-a cair em um conjunto de prédios abandonados onde as chamas lamberiam.

"Deixe-os escolher se querem salvar suas casas dos invasores ou do fogo", disse ele.

Havia uma centena de outros pássaros cerca de uma centena de outras tarefas, cada uma recebendo um lampejo de poder, mas cada uma investindo no caos que fluiria dela. Alguns falavam com soldados, outros com homens e mulheres que ele havia enviado para este momento, que se levantavam para contar histórias dos horrores de Ishjemme para quem quisesse ouvir, ou sugeriam uma rebelião sangrenta contra a linhagem da viúva, ou ambos.

O Mestre dos Corvos pegou uma batalha que deveria ter sido uma vitória fácil para os invasores e a transformou em algo mais complexo, mais perigoso e mais mortal.

Quando voltou a si, estava sorrindo com o que havia conquistado. Os homens pensavam nos grandes trabalhos da magia e pensavam em símbolos ou tomos antigos, mas ele acabara de trabalhar algo muito maior, com muito menos. Ele olhou em volta para seus oficiais, ainda observando os corvos bicando os mortos com expressões obedientes.

"O inimigo terá sua batalha por Ashton amanhã", disse ele. "Será sangrento, com muitos mortos por todos os lados."

Ele não pôde evitar uma nota de satisfação com isso. Afinal, ele era a principal razão pela qual tantos morreriam.

"Quando atacaremos, meu senhor?" perguntou um dos comandantes de sua frota. "Fazer você tem ordens para nós?"

"Você está ansioso para atacar?" o Mestre dos Corvos perguntou.

"Eu sou, meu senhor", disse o homem. Ele deu um soco na palma da mão. "Eu quero esmagá-los pela humilhação que infligiram da última vez."

"Eu também", disse um general. "Quero que eles saibam que o Novo Exército é mais forte."

Seguiu-se um coro de assentimento, cada homem parecendo se esforçar mais do que o outro. último para mostrar como ele estava empenhado em compensar os fracassos do ataque ao reino da viúva. Talvez esse fosse o ponto. Talvez cada um quisesse mostrar que poderia fazer melhor. Talvez eles pensassem que suas peles estariam em jogo se falhassem novamente.

Eles não estavam totalmente errados nesse palpite. Mesmo assim, o Mestre dos Corvos levantou a mão para se acalmar. "Seja paciente. Volte para seus homens e seus navios. Certifique-se de que tudo esteja pronto para um ataque. Eu lhe direi o momento para isso."

Eles saíram em grupo, cada um correndo para se preparar. O Mestre dos Corvos os deixou ir. Por enquanto, sua atenção estava no vermelho-sangue do pôr do sol e no que ele pressagiava. Haveria sangue em abundância pela manhã, ele não tinha dúvidas.

Graças aos esforços de suas criaturas, haveria carnificina em uma escala que faria o rio de Ashton ficar vermelho. Suas criaturas iriam festejar.

"E quando terminarem", disse ele, "adicionaremos o que resta ao nosso império".

CAPÍTULO SETE

A assassina que passou por Rose esperou a escuridão total antes que ela remasse em direção aos navios que esperavam no porto, seus remos amortecidos por panos nas grades. Ajudou que a lua estivesse brilhante e que ela sempre tivesse visto bem no escuro quando precisava. Isso significava que ela não precisava arriscar nem mesmo a lanterna de um ladrão. Mesmo assim, o medo a percorria a cada golpe, empurrado para baixo apenas com esforço.

"Isso vai ficar bem", disse ela. "Você já fez isso uma centena de vezes antes."

Talvez não cem. Mesmo o melhor de sua profissão que já viveu nunca tinha matado tantos. Ela não era um cutelo de açougueiro, enviada para cortar o máximo que pudesse em uma guerra. Ela era uma faca de jardineiro, cortando apenas o necessário do caule.

"Metade dos soldados de lá terão matado mais do que eu", ela sussurrou, como se isso justificasse.

Sempre havia medo enquanto ela fazia isso. Medo da descoberta. Tema aquilo algo iria dar errado. Medo de que ela pudesse adquirir o tipo de consciência que a impedia de fazer o que ela era melhor.

"Não tão longe," Rose sussurrou.

Gentilmente, ela guiou seu barco pelos barcos que esperavam. Ela não ficou surpresa ao ouvir uma voz chamando na noite.

"Oi, quem vai lá embaixo? O que você está fazendo?"

Rose viu um soldado inclinado sobre a proa de um navio próximo, com um arco nas mãos. Talvez alguém estúpido tivesse tentado remar para um lugar seguro e apanhado uma flecha nas costas por causa do problema. Em vez disso, ela levou um momento para pensar. Os sotaques eram uma habilidade que ela tinha tido tempo para trabalhar, então agora Rose escolheu um adequado, não a própria Ishjemme, mas a rebarba mais áspera de uma das ilhas entre lá e a costa do reino. Isso foi melhor. Os soldados de Ishjemme podem se conhecer. Eles não podiam esperar conhecer todos os seus aliados.

"Preparando-se para uma batalha, seu idiota. O que você está fazendo? Tentando acordar toda Ashton?"

"Sim, bem, você poderia ser qualquer um!" gritou o soldado. "Poderia ter sido um barco cheio do inimigo, pelo que eu sabia."

"Eu *pareço* um barco cheio do inimigo?" Rosa atirou de volta. "Agora, posso continuar entregando os relatórios que devo? Estou procurando essa desculpa para uma cidade há horas. Não consigo nem encontrar o carro-chefe."

Ela viu o homem apontar.

"Ali", disse ele.

"Obrigado."

Rose era boa em fingir ser pessoas que não era. Alguns pensavam que os assassinos deveriam ser pessoas que poderiam abrir caminho através de um exército, ou disparar uma flecha de mais longe do que um homem pudesse ver. Ela gostava de histórias assim. Isso significava que eles não estavam olhando para a figura inócua ao lado deles que acabara de colocar algo em seu vinho.

"Não há chance de fazer isso desta vez", disse ela para si mesma.

Ela não tinha certeza se Milady d'Angelica tinha entendido o que ela estava perguntando quando a enviou para fazer isso. Francamente, ela duvidava que a nobre se importasse. No entanto, havia uma grande diferença entre envenenar algum rival em Ashton e se infiltrar em um navio no meio de uma frota de batalha.

Especialmente uma onde havia rumores de que aqueles que a lideravam tinham magia.

Essa era a parte que a aterrorizava em tudo isso. Como alguém poderia escorregar a bordo de um navio quando as pessoas podiam ler os pensamentos assassinos em seu coração? Quando eles pudessem senti-la chegando e provavelmente enviar fantasmas gritando atrás de sua alma? Isso significava que sua estratégia usual de disfarce e mentira estava fora, por um lado.

"Eu deveria remar até o continente," Rose murmurou. Que tipo de idiota se colocou no meio de uma batalha como essa por opção? Ela continuou indo na direção da nau capitânia, porém, por três razões.

Uma era que ela estava sendo bem paga por isso. Muito bem para ignorá-lo. Outra era que, quaisquer que fossem suas habilidades com uma faca e um dardo envenenado, ela suspeitava que Milady d'Angelica seria uma inimiga perigosa. A terceira... bem, a terceira era simples: ela era boa nisso.

Rose parou o pequeno barco bem perto da nau capitânia, no espaço onde era apenas mais uma sombra contra a escuridão. Tirando suas cores de Ishjemme para revelar roupas pretas por baixo, ela escorregou nas águas da baía.

O frio drenou o calor de seu corpo, enquanto ela tentava não pensar em toda a sujeira que se derramava das sarjetas de Ashton em seu rio e depois no mar. Ela ignorou a ideia das outras coisas que poderiam estar nas águas também, os tubarões e outros predadores que estariam se reunindo para vasculhar após uma batalha. Talvez a presença deles fosse até uma coisa boa, disfarçando sua intenção assassina com a deles para quaisquer mentes indiscretas.

Rose avançou com movimentos silenciosos pela água, abaixando-se cabeça sempre que ela achava que alguém poderia estar olhando em sua direção, ignorando o gosto desagradável da água do mar. Pareceu levar uma eternidade para chegar perto da nau capitânia, o rolo dela empurrando uma leve onda que a esbofeteou quando ela se aproximou.

Finalmente, seus dedos encontraram a madeira do casco, procurando por apoios para as mãos, como outra pessoa poderia ter escalado uma rocha. Rose se moveu lentamente, determinada a não fazer nenhum som, mesmo tentando acalmar seus pensamentos para que eles não a entregassem a nenhum daqueles que estavam ali com magia.

Ela levantou a cabeça o suficiente para ver um vigia se movendo ao longo do convés. Ela se abaixou, ouvindo o ritmo de seus passos, deixando-o passar. Ainda assim, ela não se moveu. Em vez disso, ela esperou até que ele passasse mais duas vezes, aprendendo o padrão disso. Alguém mais tolo poderia ter corrido para o convés na primeira vez e sido pego por isso. Rose tinha aprendido quando ser paciente.

A terceira vez que o observador passou, ela escorregou em seu rastro, um pedaço de fio de garrote caindo de sua manga. O homem era mais alto que ela, mas Rose estava acostumada com isso. Ela tinha o fio em volta de sua garganta em um instante, puxando-o com força e empurrando o joelho em suas costas para derrubá-lo. Não houve tempo para ele gritar enquanto o fio cortava fundo, apenas para um breve suspiro escapar.

Rose jogou o corpo do guarda na água, tentando fazê-lo o mais silenciosamente possível. Era uma pena ter que matar alguém que não era seu alvo, mas o relógio do homem tinha poucos espaços nele, muito poucas lacunas nas quais ela poderia escorregar quando chegasse a hora de escapar. Ela guardou o garrote. Ela não o usaria para o que viria a seguir.

"Silenciosamente agora", ela sussurrou para si mesma enquanto corria para baixo do convés.

Ela podia não ter a magia que aqueles aqui diziam ter, para desentocar os pensamentos dos outros, mas ela tinha olhos para distinguir as sombras de cordas enroladas e armas empilhadas na escuridão, ouvidos para procurar a respiração de pessoas adormecidas. homens, diferenciando cuidadosamente entre aqueles que estavam profundamente adormecidos e aqueles que poderiam acordar se ela chegasse muito perto. Ela se moveu na ponta dos pés, mantendo-se nas sombras enquanto passava pelos espaços onde os soldados comuns estavam, indo para o espaço onde seu alvo estaria.

Rose abriu as portas em silêncio no escuro, olhando para as figuras adormecidas ali, procurando por aquele que ela havia sido enviada. Ela encontrou seu alvo em uma sala

marcado com as cores de Ishjemme: a sala de um líder, a sala de um governante. Ela empurrou a porta em silêncio.

À sua frente, uma vela cintilou, revelando Lars Skyddar, sentado em uma cadeira de praia, uma espada no colo.

"Você veio para mim", disse ele.

Rose considerou suas opções. Ela poderia correr? Ela poderia se livrar disso navio antes que este homem trouxesse uma tripulação inteira para enfrentá-la?

— Como você sabia que eu estava vindo? ela exigiu. "Eu sei que não fiz nenhum som."

"Há muito tempo, me disseram que enfrentaria a morte na noite anterior à nossa maior batalha e que deveria enfrentá-la sozinho. Eu sabia que esse momento estava chegando desde que minhas sobrinhas chegaram."

— Você vai chamá-los? Rose perguntou, suas mãos movendo-se quase imperceptivelmente para seu cinto, considerando qual dos dardos envenenados ali poderia fazer o trabalho melhor. Suas mortes não eram o plano para esta noite, mas Milady d'Angelica provavelmente a recompensaria bem se ela conseguisse.

"Não vou arriscar a vida deles", disse Lars Skyddar. "O seu, por outro lado..."

Ele saltou para frente, quase rápido o suficiente para que Rose não pudesse fazer nada. Se ele fosse vinte anos mais jovem, talvez ela *não* fosse capaz de fazer nada, e a espada a teria cravado profundamente. Do jeito que estava, ainda pegou sua carne quando ela mergulhou para o lado, ainda deixou uma mancha de sangue quando ela rolou para ficar de pé.

O duque de Ishjemme já estava se virando para atacá-la novamente, mas a mão de Rose saiu de seu cinto, atirando um punhado de dardos sem se importar com qual veneno estava neles, apenas se importando que alguns, o suficiente, acertassem o alvo.

Seu inimigo engasgou quando eles o atingiram. Os dardos continham tudo, desde venenos adormecidos até os assassinos mais rápidos, e até mesmo o assassino não tinha ideia do que tantos fariam ao mesmo tempo. Era o suficiente que eles estivessem fazendo *alguma coisa*. Mesmo enquanto ela observava, a espada caiu ruidosamente no chão.

Ela deslizou para perto, sacando uma adaga, não querendo deixá-lo para uma combinação incerta de alquimia para terminar o trabalho. Ela puxou o braço para trás para desferir o impulso fatal...

E Lars Skyddar a puxou para perto, arrastando um dos dardos de sua carne para a dela.

Rose o esfaqueou por reflexo, enfiando-se no coração do homem antes de abandonar seu aperto na lâmina. Ela olhou para ele, então para o dardo

saindo de sua carne, incapaz de conter seu choque. Ele a envenenou com sua própria arma!

Rose quase cambaleou para fora da cabine, tentando ficar quieta, mas sem tempo para isso. Ela não sabia que veneno estava na arma, mas já achava que podia sentir uma lentidão invadindo seus membros, dormência chegando até as pontas dos dedos.

Ela pegou um frasco de antídoto de seu cinto, sem saber se era o certo, ou se iria piorar as coisas. Ela deslizou para o convés, movendo-se com passos desajeitados agora, sem nem mesmo ter certeza de que caminho seu pequeno barco estava para sua fuga. Ela cambaleou até o parapeito, voltando-se brevemente, vislumbrando marinheiros olhando em outras direções, nenhum a vendo.

Ela caiu do navio, sem arte, sem habilidade. Ela imaginou que o respingo disso seria suficiente para chamar a atenção de todos ao redor se não fosse a pressão de tantos navios em um espaço tão pequeno.

Quando a água se fechou sobre ela, ela teve um pensamento: ela fez o que era exigido dela. Ela matou o líder da invasão, deixando apenas os não testados e os jovens para fazer o trabalho. Ela abriu caminho para outras tramas também, aquelas que Milady d'Angelica achava que não conhecia.

Ela tinha feito tudo isso, e nada disso ajudou quando a água a engoliu.

CAPÍTULO OITO

O casamento não foi o que Angélica esperava de suas núpcias. Ela estava na entrada da igreja da Deusa Mascarada, apenas recentemente limpa das evidências do funeral, e tentando ignorar todas as imperfeições. Quando ela sonhou com este dia como uma menina, imaginando o triunfo dele, não parecia assim.

Não houvera tempo para organizar as coisas como deveriam ser. O casamento foi muito apressado para isso, reutilizando elementos de celebrações anteriores para fazer face às despesas. Angélica tinha certeza de que as flores colocadas nas paredes eram as mesmas que estavam ali para a disposição da viúva. Foi um insulto à sua maneira.

"E não a única," Angélica sussurrou para si mesma, sua máscara de casamento roubando o som dela. Seu vestido era um que ela havia preparado, mas muito do resto havia sido jogado junto: o banquete insignificante que se seguiria no palácio, o fato de que sua família não tinha tempo de viajar para Ashton para ver tudo...

Eles não foram os únicos. Apesar das ameaças de Rupert de que qualquer um que estava ausente se marcaria como um traidor, ainda havia muitos lugares vazios. Alguns não teriam conseguido chegar à cidade, enquanto outros teriam procurado escapar antes da batalha que poderia estar se aproximando da cidade. Outros teriam optado por se ausentar, em desaprovação à escolha, como protesto de que a Assembleia não havia sido consultada, ou simplesmente porque não estavam prontos para um casamento tão rápido.

Não importava. Bastava que alguns nobres da cidade estivessem ali, e que Angélica ia se casar com Rupert para todos verem. Bastava que as pessoas soubessem que ela era sua esposa e sua rainha.

"O príncipe está muito bonito, minha senhora", disse-lhe um de seus assistentes.

"Sim," Angélica concordou, "ele tem."

Um momento como este era para o que Rupert foi feito. Um momento em que ele podia ficar na frente de uma multidão ao lado de uma sacerdotisa mascarada, resplandecente em seda e veludo, bordados dourados brilhando à luz das velas. Contanto que ele não tivesse que organizar nada, nem tomar boas decisões, ou mostrar qualquer tipo de compaixão, Rupert era o príncipe perfeito.

Angélica foi até ele, o som das harpas flutuando a cada passo. Os jardineiros não conseguiram garantir a melhor rosa vermelha

pétalas em um espaço de tempo tão curto, então os atendentes de Angélica jogaram uma mistura de pétalas, tirando qualquer flor que pudesse ser encontrada.

Ela parou na frente do altar, e foi difícil naquele momento não pensar na última vez que ela fez isso, com Sebastian ali, recusando-se a declarar seu amor por ela. Ela afastou esse pensamento. Este casamento não tinha nada a ver com amor, o que quer que ela dissesse nos próximos minutos.

A coisa que tinha a ver estava no altar: uma coroa leve, obviamente retirada do tesouro do palácio, colocada sobre uma almofada de veludo para a ocasião.

"Estamos à vista da Deusa Mascarada", disse a alta sacerdotisa.

"Desmascarem um ao outro, vejam a verdade um do outro e declarem seu amor se pretendem se casar."

Rupert estendeu a mão para a máscara de casamento de Angélica, removendo-a e jogando-a fora disso de lado. Angélica pegou o dele com mais graça, passando-o para um criado que o esperava.

"Milady d'Angelica", disse a alta sacerdotisa. "Você declara seu amor para o Rei Rupert da Casa de Flamberg? Você será a esposa dele?"

"Eu quero," disse Angélica, "e eu vou."

Ela poderia fingir amor tão facilmente quanto qualquer outra coisa, pelo menos enquanto foi necessário. Ela fingiria qualquer coisa que precisasse para isso. Ela pegou as mãos de Rupert.

"Eu vou te amar até o fim de nossos dias", disse ela.

"E você, Rei Rupert—" a alta sacerdotisa começou.

"Sim, sim, eu a quero para minha esposa," Rupert retrucou. "Eu não sou meu irmão, para fugir de seu casamento."

Angélica teve que trabalhar duro para não deixar que a raiva que sentia naquele momento mostrar em seu rosto. Em vez disso, ela conseguiu dar uma breve risada.

"E você me ama, meu rei?" ela perguntou.

Rupert olhou para ela como se achasse a pergunta surpreendente. Não, como se encontrasse a resposta para ele uma surpresa.

"Sim", disse ele. "Sim eu quero."

Pronto, pensou Angélica enquanto estendia sua mão e a de Rupert, deixando a sacerdotisa uni-los. Isso satisfaz o que era formalmente exigido, pelo menos. Ninguém poderia dizer que o casamento não foi bem conduzido; que não era *legal*.

"Declaro a bênção da Deusa Mascarada sobre vocês dois", disse a alta sacerdotisa. "Que ela lhe traga sucesso e felicidade em seus empreendimentos, e a fecundidade das crianças."

Ah, crianças. Seria necessário consumir o casamento, é claro, e se ela pudesse ficar com o filho de Rupert, tanto melhor. Ou talvez não. Talvez ela pudesse encontrar um homem mais adequado para essa tarefa. Ainda assim, Angélica percebeu que Rupert estava ficando impaciente. A alta sacerdotisa não parecia entender isso, no entanto.

“Antes de passarmos para a próxima etapa da cerimônia, eu gostaria de dizer algumas —”

"Basta", disse Rupert. "Quero coroar minha esposa como minha rainha, não ouvir você tagarelar."

"Rupert—" Angélica começou, em um tom cuidadoso, mas Rupert já estava soltando a tira de pano que os prendia.

"Vossa majestade", disse a alta sacerdotisa enquanto ele se dirigia à coroa. "Tradicionalmente, é meu papel colocar a coroa na cabeça de sua amada."

"É apenas uma tradição desde que minha família declarou uma", Rupert estalou costas. Ele pegou a coroa, levantando-a.

Angélica baixou a cabeça, sentindo a coroa se encaixar quando Rupert a colocou ali com surpreendente delicadeza. Ela podia sentir o leve tremor em seus dedos, ou talvez isso estivesse nela pela excitação disso.

"Angelica é minha rainha", disse Rupert, olhando para a sala como se desafiasse qualquer homem a discordar. "Ela é minha rainha porque eu digo que ela é. Ela fala com a minha voz, e se você a desobedecer, você me desobedece!"

Ele se virou para ela, pegando suas mãos.

"Eu sei que não é o casamento que você deveria ter tido", disse ele.

Angélica balançou a cabeça. "Eu sou casado com você. Tenho tudo o que quero do meu casamento."

Rupert parecia quase tão surpreso com isso quanto declarara seu amor. Mas era a verdade. Angélica era a rainha do reino. Ela tinha tudo pelo que tinha trabalhado. Havia apenas mais uma coisa que era necessária antes que isso pudesse ser só dela.

Angélica estava deitada ao lado de Rupert nos aposentos reais do palácio, ouvindo até suas calças de exaustão e tentando o seu melhor para fingir felicidade.

"Você foi maravilhoso, meu querido", disse ela. "Meu marido."

Rupert sentou-se na cama, puxando-a para um beijo feroz. "Acho que não vou cansado de ouvir você dizer isso", disse ele. "Não enquanto eu viver."

O que não deveria demorar muito, se Angélica tivesse algo a ver com isso.

Por direito, Rupert já deveria ter sido um cadáver. A única razão pela qual ele ainda respirava era que seu assassino ainda não tinha voltado de lidar com os líderes da frota que chegava, ainda tinha que fazer o trabalho pelo qual Angélica estava *pagando*.

"E nunca me cansarei de ser sua esposa", garantiu Angélica, com um sorriso que na verdade era genuíno. Afinal, ser a esposa de Rupert significava que ela era rainha. Isso significava que ela *continuaría* a ser rainha, mesmo depois dos eventos prematuros desta noite.

Ela ainda estava indecisa sobre quem culpar. Aqueles que atacam a cidade, talvez, ou talvez apenas sua própria loucura. De qualquer forma, Rupert certamente seria um mártir melhor do que um governante.

Ela sentiu as mãos de Rupert sobre ela novamente, puxando-a de volta para ele. Foi preciso um esforço para se virar e beijá-lo.

"De novo, meu marido?" ela perguntou.

"É a nossa noite de núpcias," Rupert apontou. Seu aperto aumentou um pouco, prometendo mais hematomas para combinar com os que Angélica já tinha dele.

"É também a noite anterior ao que promete ser uma batalha importante", respondeu Angélica. "Por mais que eu queira mantê-lo acordado a noite toda, suspeito que um comandante precisa dormir. Eu não gostaria que a cidade caísse porque eu era muito exigente."

A mão de Rupert se enrolou em seu cabelo, e Angélica engasgou quando ele apertou com força. "Deixe a cidade queimar por tudo que me importa. Você é o que eu quero, e eu *pego* o que eu quero."

De todas as formas cruéis que ele possa imaginar, pensou Angélica. Ela olhou ao redor, esperando que seu assassino estivesse lá, acabando com a necessidade de fingir.

"O que você está procurando?" exigiu Rupert. Angélica se amaldiçoou silenciosamente. Ela não pensou que ele notaria, mas é claro que ele notaria; os predadores sempre rastreavam o movimento.

"Eu tinha arranjado uma surpresa para você, para comemorar nosso casamento", disse Angélica.

"Que tipo de surpresa?" Rupert atirou de volta. Ele puxou o cabelo dela novamente, aparentemente gostando de seu som de dor.

"O tipo que eu pensei que você gostaria", disse Angélica. "Uma mulher, uma serva meu, que me desagradou.

Isso certamente era verdade. Rose deveria ter matado Rupert e ido embora agora.

"Ah," Rupert disse, soltando Angélica. "Isso tem... possibilidades."

Angélica podia imaginá-los com muita facilidade.

"Mas ela não está aqui", disse Rupert. "E você é."

"Verdade", disse Angélica. Ela se moveu para ficar de pé. "E ficarei muito feliz em preencher o tempo. Quer um pouco de vinho primeiro, marido? Este tem sido um trabalho sedento."

Rupert assentiu, e Angélica se levantou da cama, pegando suas roupas como se para parecer recatado. Levou um momento para localizar uma garrafa de vinho nos aposentos desconhecidos, e teve um breve momento de prazer ao pensar que tinha dormido com o filho da viúva nos aposentos da velha bruxa. Isso parecia um tipo apropriado de vingança.

Ela foi servir o vinho, deslizando um pó de suas roupas na palma da mão. Levou apenas um momento para adicioná-lo a uma taça, esperando que ela tivesse julgado certo. Ela não tinha as habilidades extensas de seu assassino quando se tratava dessas coisas, mas mesmo assim, Angélica não estava preparada para esperar mais. Ela mesma faria isso, e Rose poderia pagar a multa por seu atraso depois.

"Aqui está, meu marido", disse ela, entregando-lhe o cálice. "Bebida Nós vamos. Eu quero você revigorado para todo o resto seguir esta noite."

Ela afastou seu medo naquele momento, ignorando os pensamentos do que poderia acontecer se Rupert adivinhasse o que ela planejava, ou provasse alguma diferença no vinho. Em vez disso, ela sorriu e observou enquanto ele a esvaziava, esperando até que ele jogasse a taça vazia do outro lado da sala antes de se permitir um olhar de triunfo.

"O que é esse olhar?" perguntou Rupert. "O que você..." Ele tossiu, e depois tossiu de novo, apertando a garganta. Angélica continuou observando, aproveitando este momento mais do que deveria.

Rupert se levantou e, por um breve momento, Angélica conheceu o verdadeiro terror. E se o veneno não funcionasse rápido o suficiente? E se não fizesse tudo o que ela esperava? Havia uma razão para ela ter pedido a um assassino para fazer isso, afinal.

Não. Rupert deu um passo, depois outro, mas o terceiro o mandou para baixo seus joelhos, tropeçando e olhando para ela com uma mistura de raiva e mágoa surpresa, como se ele esperasse que isso acontecesse de outra maneira.

"Ah, não fique assim, Rupert," Angélica disse. "Nós dois sabemos que se eu não te matasse, eventualmente, você teria me matado. Não é como se eu te *amasse*. Você era apenas um meio para um fim."

Pensando nisso, Angélica se vestiu enquanto Rupert caía no chão. Ela gostaria de ficar e vê-lo morrer, mas era melhor ir e fazer os preparativos.

Ela tinha poder para se consolidar e uma batalha para vencer.

CAPÍTULO NOVE

Sophia acordou com o som de sinos, soando pelo navio tão alto que pareciam preencher o mundo ao seu redor.

Irmã, você precisa vir imediatamente, Lucas mandou.

O que é isso? Sofia mandou de volta. *Existe um ataque?*

É nosso tio...

Sophia estava de pé quase instantaneamente, Sienne correndo para o lado dela como se sentisse que algo estava errado. Vestiu-se e subiu ao convés o mais rápido que pôde, mas mesmo assim, quando chegou lá, sentiu que era tarde demais.

Um corpo jazia no convés, coberto por um lençol. Seus primos estavam ao redor, quando deveriam estar se preparando para o ataque. Lucas também estava lá. Um olhar para as figuras ali, para seus primos de pé ao redor do corpo, e para suas expressões graves, disse a ela quem estava coberto. Mesmo assim, ela pediu.

"É aquele..."

"É nosso tio," Lucas disse, movendo-se para ficar ao lado de Sophia.

As palavras pareciam um golpe de martelo atingindo seu peito, a dor repentina disso empurrando o ar para fora dela. Eles tinham acabado de encontrar seu tio. Para ele ter ido... simplesmente não fazia sentido. Quando eles puxaram o lençol para trás, revelando os ferimentos dos dardos e o golpe da faca, essa sensação só piorou.

"Quão?" Sophia disse, sentindo como se o mundo estivesse se fechando sobre ela. Este momento doeu de uma forma que ela não tinha pensado que nada poderia. Ter recuperado uma família apenas para ter seu tio arrancado dela era como se seu coração tivesse sido arrancado de seu peito.

Ela olhou ao redor de seus primos, de Frig a Endi, de Hans a Ulf a Jan, como se eles pudessem ter uma resposta. "Como isso aconteceu?"

"Nós não sabemos", disse Lucas.

"Nós *sabemos* ", Ulf rugiu, apontando para a cidade. "As pessoas aqui o mataram!"

Sophia pode não ser capaz de ler os pensamentos de seus primos, mas ela não precisava ser capaz de sentir a raiva ali. Se ela não tomasse cuidado, seus primos rolariam sobre Ashton como uma tempestade, descontando sua raiva em qualquer um que ficasse no caminho.

"As pessoas da cidade não fizeram isso", disse Sophia. "Isso foi obra da viúva."

"Meu povo me disse que a viúva está morta", disse Endi.

"Então Rupert," Sophia respondeu, "ou alguém em seu governo. Não é preciso uma cidade inteira para enviar um assassino."

"Não, não tem," Endi concordou. "A questão é o que fazemos agora."

"Nós destruimos a cidade deles", disse Ulf.

"Nós encontramos a pessoa que fez isso e a matamos," Frig concordou.

Sophia viu seu primo balançar a cabeça.

"Quero dizer, o que faremos para enterrar nosso pai e quem será o duque de Ishjemme", disse Endi. Ele olhou para baixo. "Não desejo nos ver brigando pela sucessão no meio de uma batalha."

"Isso é provavelmente o que o inimigo pretendia", disse Jan. Quando ele olhou do jeito de Sophia, ela podia ver a vermelhidão ao redor dos olhos dele como se ele estivesse lutando para conter as lágrimas. "Eles... eles pensaram que poderiam levar nosso líder e nos deixar... nos deixar lutando entre nós."

Sophia podia ouvi-lo lutando para pensar com clareza, e ela imaginou que isso também fazia parte do plano de matar seu tio. Tinha sido uma coisa tão insensível de se fazer, um golpe tão repentino, e Sophia se pegou imaginando o que poderia ter acontecido se aquele golpe tivesse sido direcionado a ela.

Você não pode se culpar, Lucas mandou para ela.

Se eu não tivesse trazido todos aqui...

Então haveria um assassino enviado para Ishjemme, Lucas respondeu.

Ele estava certo, Sophia sabia que ele estava, mas mesmo assim, era difícil olhar para baixo no corpo de seu tio e não pensar que sua necessidade de resgatar Sebastian contribuiu para este momento. Seu tio até parecia adivinhar que poderia estar chegando, quando ele entregou seu anel de sinete para ela. Sophia esfregou-o agora, pensando.

"Ainda há a questão de qual de nós deve ser nomeado duque", disse Hans, "mesmo que seja apenas para a batalha".

"Meu tio me deu o ducado", disse Sophia, levantando a mão que os outros pudessem ver o anel com o selo de seu tio brilhando ao sol. "Ele disse que nos velhos tempos, passaria de volta para o rei ou rainha entre cada geração para ser concedido de novo."

Hans curvou-se para ela. "Então você é mais que nossa rainha, prima. Você governa Ishjemme."

"Até que eu possa descobrir qual de vocês deve pegá-lo", disse Sophia. Ela não queria que seus primos pensassem que ela os estava privando de seu direito de primogenitura. Ela olhou para seus primos, esperando que eles entendessem, então olhou de volta para

o tio dela. "Deveríamos enterrá-lo, mas não parece certo dar-lhe um enterro rude no mar."

"Dê-me um navio", disse Endi. "Vou levá-lo para casa."

Sophia franziu o cenho. "Você perderia a batalha, Endi."

Ela viu seu primo encolher os ombros. "E eu sou o único que *pode*. Os outros são todos combatentes e comandantes. Eu sou apenas aquele que deveria detectar o perigo vindo da escuridão, e eu falhei. Não tenho utilidade aqui."

Sophia colocou a mão em seu ombro. "Você não enviou o assassino, Endi."

"Não, mas alguém o fez, e eu veria meu pai enterrado corretamente agora. Deixe-me leve-o de volta para Ishjemme, Sophia. Deixe-me vê-lo enterrado em casa."

Sophia podia ver alguns dos outros concordando com essa ideia. Separado de Sophia sabia que eles precisavam de todos os navios para a batalha, mas a verdade era que ela não podia invejar seus primos por isso. Se eles queriam que Endi levasse o pai para casa, ela não tentaria impedir. Ela queria que isso fosse feito como deveria ser.

"Tudo bem, Endi", disse ela. "Pegue um navio. Leve o corpo do meu tio para casa e enterre-o com honra."

Endi fez uma reverência. "Obrigado, primo. Vocês homens, ajudem-me com meu pai."

Ele pegou alguns homens e os fez levantar Lars Skyddar, levando-o até a borda do navio e baixando-o em um pequeno barco para remar até outro de sua frota. Sophia os observou partir, não querendo fugir enquanto seu tio estava à vista. Eventualmente, porém, ela sabia que tinha que fazê-lo.

Ela se voltou para seus primos. "Quem mandou o assassino que matou meu tio fez isso por uma razão. Eles queriam retardar nossa invasão. Eles já nos afastaram do ataque que deveríamos estar fazendo. Diga-me agora... o resto de vocês pode fazer o que prometeu fazer neste ataque?"

"Eu posso", disse Hans.

"Ulf e eu seremos fortes," Frig prometeu.

"Farei o que devo", disse Jan.

Lucas assentiu. *Tomaremos a cidade, irmã.*

Espero que sim, Sophia mandou de volta. Em voz alta, ela continuou. "Eu odeio ter que pedir para você fazer isso agora, quando você deveria estar sofrendo. Parece que o mundo deveria parar pela morte do meu tio, mas a verdade é que não pode. Há soldados lá esperando por ordens, e vocês são as melhores pessoas para dar a eles. Vá tomar a cidade, e eu prometo a você que honraremos Lars Skyddar com nossa vitória."

Ela os observou partir, cada um partindo para sua posição designada. O único problema era que ela *podia* vê-los partir. Estava totalmente claro agora, qualquer elemento de surpresa havia muito desaparecido. Sophia engoliu em seco ao pensar em como isso poderia tornar a batalha ainda mais difícil. Ela só esperava que seus primos e irmãos estivessem seguros.

Sophia observou os pequenos barcos que mantinham seus primos remando em suas posições designadas. O barco de Ulf e Frig deslizou perto da margem perto do portão do rio. Hans dirigiu-se para os arredores da cidade, onde seus homens já deveriam estar se posicionando. Jan e Lucas saíram para se juntar à frota principal, prontos para o golpe do ataque crucial.

“É só você e eu,” Sophia disse para Sienne, bagunçando o gato da floresta. ouvidos. Ela olhou ao redor, observando os navios da viúva no porto, sabendo que em breve eles estariam quase obscurecidos pela fumaça dos canhões. Tudo estava pronto para a batalha. Só precisava que ela desse a ordem. No momento em que o fizesse, porém, mais homens e mulheres de Ishjemme morreriam. Seu tio seria apenas o primeiro.

Foi o suficiente para fazê-la parar, mas apenas por alguns segundos. Isso precisava acontecer. Sebastian teve que ser libertado, e a família da viúva parou. Sophia levantou a mão, depois a baixou.

Ao seu redor, trombetas soaram e sua frota partiu para o ataque, os navios avançando com uma graça quase majestosa que parecia serena até que o primeiro canhão explodiu, seu projétil falhando para atingir a água com um respingo.

Mais canhões rugiram então, e agora Sophia podia ver os estilhaços de pedra e madeira ao atingirem a cidade e os navios à sua frente. Nuvens de fumaça subiram, transformando um dia claro em algo mais escuro, cheirando a pólvora. Sophia viu o primeiro de seus navios se aproximar de um dos inimigos, soldados se aproximando, os gritos e berros audíveis, embora sua nau capitânia estivesse de volta do impulso principal da batalha.

Estamos atacando agora, disse a voz de Kate, soando em sua mente.

Tenha cuidado, Sophia mandou de volta.

Cuidado não vence batalhas.

A parte mais difícil era não poder ver o que estava acontecendo na cidade. Por um momento, Sophia desejou ter as habilidades de alguém como o Mestre dos Corvos, para poder olhar para baixo e ter certeza de que o

as pessoas com quem ela se importava estavam seguras. Só o pensamento do que isso lhe custou a fez pensar duas vezes sobre isso.

Mesmo assim, ela agarrou a amurada de seu navio, tentando espiar através das nuvens de fumaça de canhão para ver um pouco do que estava acontecendo.

"Vamos", disse ela. "Deixe estar funcionando."

Ela podia ver barcos se enfrentando na água, canhões disparando, equipes se movendo para os trilhos prontos para a brutalidade dos ataques corpo a corpo. Sophia teve que reprimir seus presentes por um momento ou dois quando um navio pegou fogo nas proximidades, a pura agonia dos homens ali cortando todos os outros pensamentos. Ela podia ouvir o estrondo de mosquetes da margem, onde Hans e Kate estariam, enquanto ela pensava que podia ver Frig e Ulf perto do portão do rio, esperando o momento em que as pessoas que ela tinha dentro o abririam, e eles segure-o, esperando o resto deles atacar.

Não abriu, no entanto.

Sophia olhou para o portão, desejando que ele se abrisse, considerando se ela não se lembrava do que deveria acontecer. Não. Os homens que ela enviou para a cidade se passando por mercadores deveriam abrir aquele portão ao amanhecer. Não havia nada para interpretar mal. Simplesmente não estava acontecendo.

Diga-me que as coisas estão indo bem para você, ela mandou para Kate.

Gostaria de poder, Kate mandou de volta. *Havia soldados aqui esperando.*

De alguma forma, eles sabiam que estávamos vindo.

Sophia só podia imaginar uma possibilidade: eles foram traídos. Um olhar para o céu, vendo os corvos circulando ali para a batalha, tornou fácil adivinhar como isso poderia ter acontecido. Ela forçou sua atenção de volta para a batalha, tentando entender o caos ao seu redor. Ela poderia jurar que viu pelo menos meia dúzia de navios se afastando da batalha, navegando de volta na direção de Ishjemme. Esses desertores, ou covardes, ou apenas homens que decidiram que precisavam recuar da luta para se reagrupar?

Sophia estava prestes a gritar ordens para interceptá-los. Então ela viu os navios surgindo no horizonte.

Eles não eram dela. Todos os navios que vieram com eles para Ashton foram ou aqui engajados no ataque principal ou fora com a força de Kate e Hans. Isso significava que esses novos navios tinham que ser inimigos. Poderia a viúva ou Rupert ter conseguido chamar os navios ao redor de sua costa quando souberam da aproximação da frota? Pago para mercenários entrarem para ajudar seus

reino? Talvez, e era mais do que possível se o Mestre dos Corvos tivesse feito suas bestas coaxarem uma mensagem nos ouvidos certos.

"Estamos presos", disse Sophia, tentando pensar em uma saída. Não *havia* saída, no entanto. Ficaram presos entre os navios que chegavam e os que estavam perto da costa. Se ficassem onde estavam, seriam esmagados. Se os navios se afastassem, eles poderiam ficar em segurança, mas abandonariam todos que já haviam chegado à costa. Além disso, não havia garantia de que os navios não iriam caçá-los uma vez que terminassem, seguindo para garantir que eles capturassem ou matassem a nova rainha que estava causando tantos problemas.

Talvez, porém, apenas talvez, houvesse algo que eles pudessem usar...

Sophia dirigiu-se ao capitão da nau capitânia, amaldiçoando a lentidão que acompanhava sua gravidez. Ela o encontrou gritando ordens para os homens abaixo.

"Faça-nos virar de lado para que possamos atirar!" ele gritou. "Pressa. Sua majestade, você provavelmente deve ir abaixo. A luta está se aproximando".

"Não tão perto quanto eu preciso", disse Sophia, tentando não mostrar o medo que ela sentia. A verdade era que qualquer medo que houvesse, era facilmente eclipsado pelos maiores medos do que poderia acontecer com suas forças se ela deixasse as coisas como estavam.

"O que você quer dizer, majestade?" perguntou o capitão.

"Quero dizer que preciso que você sinalize os três ou quatro navios ao nosso redor para mar com o máximo de alarde possível."

O capitão franziu a testa. "Vossa majestade, se fugirmos agora—"

Sophia apontou para os navios que avançavam. "Se fugirmos agora, a frota que vem pode nos perseguir. Assim como alguns dos que estão nesta batalha, porque eu sou um prêmio que eles querem. Cada navio que nos segue é um navio com o qual os outros não precisam lidar."

"E um navio que fazemos", apontou o capitão.

"Algumas coisas valem um pouco de risco", disse Sophia. "Mas precisamos atrair atenção. Voar bandeiras, soar trombetas. Deixe claro que estou aqui.

O capitão parecia prestes a discutir, mas depois assentiu. "Será como você diz, majestade. Isto é... é muito corajoso. Eu só espero que ele faça tudo o que você deseja."

Então, olhando para a frota que se aproximava, Sophia o fez.

CAPÍTULO DEZ

Angélica escolheu sua aparência naquela manhã com o cuidado que um soldado teria ao colocar uma armadura. A verdade é que desempenhou o mesmo papel. A aparência certa a protegeria então, enquanto a errada a veria morta. Deveria ter sido um pensamento que a aterrorizou, mas em vez disso, Angélica sentiu um arrepio de excitação.

Ela escolheu o preto de luto, mas com o opulento vermelho e dourado da realeza. Seu vestido era severo o suficiente para enfatizar sua autoridade, sem fazer nada para torná-la menos bonita. Essa era uma arma que ela não cortaria. Angélica jogou água no rosto para parecer que estava chorando, colocou a coroa da rainha na cabeça e caminhou a curta distância até a Assembleia dos Nobres.

Guardas e atendentes a cercaram durante a jornada. Ela podia ver seu medo e sua confusão. Ela podia até entender, quando tiros de canhão cortavam o ar à distância. Angélica ignorou tudo isso. Essa batalha por Ashton só poderia acontecer uma vez que ela tivesse vencido a batalha maior, pelo reino.

Os guardas ali abriram as portas automaticamente quando ela se aproximou, revelando a multidão de nobres, oficiais e outros que esperavam na câmara, discutindo. Angélica respirou fundo, preparando-se para o que estava por vir, arrumou o rosto em uma imagem de tristeza determinada e deu um passo à frente, em direção ao trono que ficava no centro.

"Milady," um começou, então se corrigiu, "Vossa Majestade... por favor, devemos falar com o Rei Rupert. A cidade está sob ataque!"

Angélica olhou ao redor, tentando julgar isso perfeitamente. Este momento definiria tudo o que se seguiria.

"Isso não será possível", disse ela. "Meu marido... meu marido está morto."

A sala ficou em silêncio por um segundo, exceto pelos suspiros dos mais próximos. Imediatamente depois disso, explodiu em ruído.

"Morto? Ela disse que o rei estava morto?"

"Isso deve ser uma piada!"

"O que está acontecendo?"

Angélica ignorou as perguntas, caminhando muito calma e decididamente em direção ao trono. Mais ou menos na metade do caminho, ela fingiu o menor dos tropeços, e um general mais velho com uma barba grisalha a firmou. Ela teve

parecer abalado com a morte de Rupert, ou as pessoas poderiam começar a fazer as perguntas erradas sobre *como* ele havia morrido.

Ela se endireitou quando chegou ao trono. Ela não queria parecer *fraco*. Angélica olhou para a multidão e, com muito cuidado, sentou-se no trono.

"Meu marido se matou ontem à noite", disse Angélica. Ela havia pensado em atribuí-lo à frota atacante, mas isso implicaria que seus inimigos poderiam prejudicá-los onde quer que estivessem. "O que deveria ter sido o dia mais feliz da minha vida se tornou o mais triste."

"O Rei Rupert se matou?" gritou um cortesão. Angélica reconheceu ele como Harold, Conde de Hurnby. Ela conhecia todos eles lá. "Ele não deu nenhum sinal!"

"Não foi?" Angélica rebateu. "Fiquei tão chocada quanto você está agora. Passei meu tempo tentando entender isso, e... percebo que perdi muitos sinais. Todos nós fizemos."

O general Sir Philip Vers estava balançando a cabeça. "Mesmo assim, isso é mais—"

"Irregular?" Angélica interrompeu. "Surpreendente? *Chocante*?" Ela colocou o mais fraco dos tremores em sua voz. "Você acha que há um único pensamento passando por sua cabeça agora que eu não tive? Quando ele fez isso... passei as últimas horas olhando para ele, sem saber o que fazer.

Na verdade, ela passou seu tempo escrevendo cartas e dando ordens silenciosas, mas era melhor se os homens de lá não ouvissem sobre isso.

"Ele não deu nenhum sinal disso", disse Lord Emmersthal.

"Não foi?" Angélica rebateu. "Todos nós sabemos que o comportamento de Rupert tem sido... errático por um longo tempo."

Ela deu-lhes tempo para murmurar entre si, dizendo todas aquelas coisas cuidadosamente formuladas para seus vizinhos que não incluíam as palavras "completamente loucos". Havia alguém lá que não tivesse sofrido como resultado das ações de Rupert? A esperança de Angélica era que mesmo aqueles que não sofreram diretamente tivessem ouvido as histórias.

"Não ouvimos a maneira como ele queimou suas próprias terras para expulsar o Novo Exército?" disse Angélica. "Não ouvimos falar de seus excessos, de sua mutabilidade? E ele tem estado... pior, desde a morte de sua mãe. Eu pensei que se eu me tornasse sua esposa como ele desejava, eu poderia trazê-lo de volta a si mesmo. Em vez de..."

Ela ficou ali sentada com a cabeça entre as mãos por vários segundos, porque suspeitava que era isso que uma viúva de luto deveria fazer. Além disso, deu a cada

membro da Assembléia dos Nobres tempo para pensar em todas as maneiras pelas quais Rupert os havia prejudicado, todas as evidências de sua loucura e crueldade.

"Ontem à noite, quando ele se casou comigo, ele parecia tão feliz," ela continuou. "Nós... consumamos o casamento, e ele parecia em paz pela primeira vez em muito tempo."

Isso se encaixaria com o que eles se lembravam do dia. Isso era importante. Também era importante que eles entendessem que o casamento havia sido consumado; que haveria uma criança no tempo. Haveria, mesmo que Angélica tivesse que tomar uma série de amantes para ter certeza disso.

Ou, ela pensou, pensando em Sebastian, talvez apenas um.

"As coisas deram errado então," disse Angélica, alto o suficiente para que todos os reunidos lá pudessem ouvir. "Ele começou a falar sobre como este foi o único momento perfeito que ele teve. Ele começou a confessar coisas que ele tinha feito em sua vida... essas coisas.

Ela não teve que fingir o desgosto que cruzou seu rosto.

"E ele disse que queria que as coisas terminassem para nós enquanto tudo estava ainda perfeito. Ele me deu vinho, e foi só quando senti o cheiro que percebi que algo estava errado. Ele planejou envenenar nós dois!"

Isso provocou um suspiro dos nobres reunidos.

"Ele bebeu o vinho de um gole", disse Angélica, "e tentou me fazer beber o meu. Eu recusei. Achei que ele fosse me atacar, mas o veneno... ele morreu rápido demais."

— E você não pediu ajuda? um nobre exigiu.

Angélica o fixou com um olhar fixo. "E se os guardas reais ouvissem alguém pedindo ajuda do quarto de Rupert, você acha que eles responderiam?"

Ela ficou em silêncio então, deixando tudo afundar, deixando-os pensar em todos os rumores que ouviram sobre seu rei morto, todas as coisas que eles ignoraram tão cuidadosamente ao longo dos anos.

Lorde Gerald Nasbrough levantou-se. "Esta é uma notícia angustiante", disse ele em uma voz que não parecia ter muita angústia em tudo. Mas então, o homem era um político.

"Acabamos de coroar nosso novo rei. Perdê-lo tão cedo é um duro golpe para o reino. Minha senhora, obrigado pela sua história. Faremos com que os servos escoltem você para casa enquanto decidimos o que fazer a seguir, e..."

Angélica se levantou, balançando a cabeça. "Não, 'minha senhora', Lord Nasbrough."

"Eu imploro seu perdão?"

Angélica fez uma pausa por um momento antes de dizer isso. "Eu não sou sua dama. Eu sou sua rainha."

O alvoroço depois disso era bastante previsível. De fato, Angélica havia previsto isso, mas ela ainda olhou ao redor para notar exatamente quem parecia reagir mais fortemente à ideia.

"Senhores", disse ela, levantando a mão. "Alguém nega que ontem, eu casou com seu rei? Que me tornei sua rainha, coroada por sua própria mão?"

Ela esperou que alguém dissesse o inevitável. Lord Nasbrough obedeceu.

"Normalmente, esta câmara tem um papel na aprovação dessas coisas", disse ele. "Depois das guerras civis, foi acordado que a Assembleia dos Nobres não seria contestada."

"Quem disse que eu queria?" Angélica rebateu. "Estou feliz por haver uma votação, porque acredito que todos vocês são homens razoáveis aqui. Você verá que minha reivindicação é bem fundamentada e que eu seria um bom governante para esta terra. Quem seria a alternativa?" Ela gesticulou na vaga direção das docas. "Alguma garota que deseje devolver o reino a todas as bruxas? Sebastian, que até agora é acusado do assassinato de sua mãe? Poderíamos ter outra pessoa das linhas que trouxeram tantos conflitos para este país, ou poderíamos aproveitar esta oportunidade para unir legitimidade com sangue novo, para ter um governante que você sabe que agirá no interesse das grandes famílias deste reino, porque ela é uma delas, uma de vocês."

Ela podia vê-los parecendo pensativos, agora, considerando o que ela disse e onde todos eles se encaixavam. Eles provavelmente pensaram que isso lhes daria um fantoche.

"É claro que não convoco uma votação agora", disse Angélica. Não, isso seria ser muito cedo. Deixe-os ter algum tempo para que a ideia seja absorvida, primeiro. Deixe -a ter algum tempo para subornar aqueles que precisavam de suborno, pressionar aqueles que precisavam ser subornados. "Eu não sou Rupert, para ignorar a ameaça em nossos portões enquanto tento garantir meu poder."

"E essa ameaça, majestade?" perguntou o general Vers. Que ele a chamasse que fez Angélica sorrir. As pessoas podem ser tão fáceis de persuadir às vezes. "Há uma frota em nossos portões, lutando nas ruas externas!"

"Tudo está sob controle, General," Angélica disse. "Um... aliado nos forneceu informações sobre o ataque ontem à noite, e nós agimos para lidar com seus piores truques. Eu pessoalmente usei o dinheiro da minha família para chamar homens de confiança para esmagar esse inimigo."

"Empresas livres, você quer dizer?" perguntou o general.

"Claro", disse Angélica. "Eu não ousaria levantar um exército permanente sem o consentimento da Assembléia. Mas peço *que* aja agora. Todos vocês têm homens, sejam eles guardas ou mercenários, verdadeiras companhias ou simplesmente retentores. Peço a você que os comprometa com a luta, não os mantenha dentro das paredes internas."

"Rei Rupert..." um homem começou.

"Perdoe-me, meus senhores," disse Angélica, cortando o homem, "mas meu falecido marido não entendia os perigos desta situação. Acho *que* todos vocês sabem."

Quantos governantes estiveram nesta sala em tempos de guerra, falando aos homens como estes? Quantos procuraram inspirá-los à ação? Angélica podia sentir-se inspirando-se só de pensar nisso.

"Por muito tempo, fomos um país dilacerado pelo conflito entre a família da viúva e os Danses. Por muito tempo, eles lutaram entre si, e fomos nós que pagamos o preço por suas guerras. Bem, não mais!

Comprometam suas forças, cavalheiros. Mande-os contra essa escória Ishjemme que procura nos invadir, como seus ancestrais fizeram com dracares e machados.

Juntos, vamos esmagá-los e, depois, construiremos um novo reino!"

Um reino com ela à frente. Resumidamente, ocorreu a Angélica que qualquer mulher que conseguisse seu poder por meio de seu casamento era uma viúva. O pensamento a divertiu. Talvez ela até levasse o título. Por enquanto, porém, havia uma batalha a vencer, e uma vez que ela ganhasse, nenhum homem aqui iria questioná-la.

"Eu sei o que você vê diante de você", disse ela. "Você vê uma mulher apanhada em luto. Uma mulher que nunca comandou. Bem, então, eu não vou comandar. Eu vou perguntar. Você vai ficar e defender suas casas contra esses invasores? Você vai comprometer todo o poder de suas forças? Você ajudará a esmagar esses inimigos que estão tentando devolver o reino ao que era antes? Você poderia?"

Não havia necessidade de votação então. O grande volume da alegria foi o suficiente. Angélica se deleitou nele. Ela tinha quase tudo o que queria. Apenas as mortes de seus inimigos permaneceram.

CAPÍTULO ONZE

Kate ouviu as trombetas que soaram o avanço, e ela se arrastou para frente, movendo-se silenciosamente pela cidade externa além das velhas muralhas. Ao seu redor, os homens de Lord Cranston e uma companhia de soldados de Ishjemme também se moveram, sob a direção de seu primo Hans. Kate podia sentir a tensão crescendo entre eles enquanto tentavam permanecer invisíveis pelo maior tempo possível.

Ela podia ver os outros lá. Lord Cranston estava perto do chefe de seu bando de mercenários, orientando-os com sinais bem ensaiados que até Kate seguiu, encaixando-se perfeitamente no todo. Will estava com um dos canhões, ajudando a arrastá-lo para o momento em que eles encontrassem resistência. Kate conseguiu distinguir Cora, Emeline e Aidan, que provavelmente deveriam ter ficado para trás com os navios, mas estavam lá de qualquer maneira.

Talvez eles sentissem que ainda tinham um papel a desempenhar na guerra.

"Volte para dentro", disse Kate, quando uma mulher enfiou a cabeça para fora de uma das casas próximas. "Não é seguro aqui fora."

A mulher rapidamente correu para trás, trancando a porta. Os poderes de Kate permitem que ela sinta o medo ali: que esse exército invasor saqueie a cidade, queime sua casa ou faça algo pior. Kate desejou que houvesse mais tempo para tranquilizar as pessoas ali, mas elas não podiam exatamente anunciar sua presença quando...

O estrondo de um canhão a interrompeu, rugindo à frente. A pedra se estilhaçou quando a bola atingiu, e uma nuvem de fumaça subiu, obscurecendo tudo à sua frente.

"Emboscada!" Kate gritou quando os mosquetes começaram a soar. Ela viu um soldado cair e conseguiu arrastá-lo para a cobertura de uma porta.

Ela não podia ver Will, ela não podia ver Lord Cranston, e agora o medo do que poderia ter acontecido com eles cresceu dentro dela, substituído por uma determinação de não ficar parada, não esperar enquanto mais canhões soavam.

"Não fique aí parado!" ela gritou para os outros. "Lutar!"

"Onde?" um homem chamou de volta para ela. "Onde está o inimigo?"

Kate poderia ajudar com essa parte, pelo menos. Ela estendeu a mão com sua mente, escolhendo os pensamentos confusos à frente, separando as pessoas amontoadas assustadas em suas casas dos soldados.

"Por ali," ela disse, apontando. Ela desembainhou sua espada e correu para frente, ignorando o silvo do fogo dos mosquetes ao seu redor. Os homens rugiram seus gritos de guerra enquanto avançavam com ela, e Kate continuou, determinada a vê-los através do caos em segurança.

Nem todos conseguiram. Ela viu um homem cair, parecendo chocado como um mosquete bola o atingiu. Outro caiu ao lado dela, e Kate se viu esperando que seus amigos estivessem bem. Ela não sabia o que tinha acontecido com Will, ou Lord Cranston, ou Hans nos primeiros segundos da batalha. Ela só tinha que esperar que eles estivessem seguros.

À frente, Kate ouviu os pensamentos de uma tripulação de canhão carregando tiros de canhão em sua arma.

"Todo mundo para baixo!" Kate gritou, jogando-se no chão. Os homens ao redor dela fizeram isso sem questionar, e uma cascata de balas de mosquete rasgou acima, disparada da arma. Kate estava de pé em um instante, avançando, correndo contra a tripulação da artilharia inimiga.

Ela derrubou um homem, girou para bloquear um golpe de espada de um segundo e deu um soco no rosto de um terceiro. Ela pode não ter a velocidade que antes a deixou cortar faixas de inimigos como se eles não estivessem lá, mas ela ainda tinha o tipo de habilidade que vinha de uma prática perigosa. Ela sentiu o calor do sangue em sua pele enquanto cortava outro inimigo, e agora os outros soldados do regimento de Lord Cranston estavam lá com ela, lutando como uma unidade, empurrando para dentro das casas onde o inimigo havia se escondido.

Mais inimigos desceram pelas ruas laterais, e Kate se jogou no caos. Ela viu um golpe de lança vindo a tempo de evitá-lo, moveu-se ao redor dele e ouviu o suspiro enquanto ela lançava sua lâmina na garganta do homem. Ela viu Lord Cranston e Will agora, lutando juntos, embora Will devesse estar seguro com a artilharia. Kate começou a abrir caminho na direção deles.

Ela viu barricadas à frente, lá para diminuir suas forças. Parecia que o inimigo sabia de que lado viriam, porque as barricadas fechavam as ruas perfeitamente, não deixando espaço para avançar.

"Nós não podemos deixá-los nos prender aqui," Kate gritou para os homens ao seu redor. "Acima! Use os telhados!"

Os homens não pareceram entender a ideia até que Kate começou a subir, usando o tipo de rota que ela e Sophia usaram quando estavam se mantendo longe daqueles que teriam tentado arrastá-los de volta para a Casa dos Não Reivindicados. . Ela se arrastou até um telhado, correndo para onde Will e Lord Cranston estavam lutando, pressionados contra uma das barricadas abaixo.

Kate viu um soldado avançando sobre eles, sacou uma pistola e atirou de cima, derrubando o homem. Ela e os outros com ela começaram a

descem do outro lado da barricada, mergulhando no coração da violência. Ela caiu agachada, o fedor do pó preto e a violência quase esmagadora.

Ela se jogou para frente, sua espada lançando-se em direção a um oficial. Ele aparou o golpe, então atacou Kate para que ela se visse forçada a se abaixar. Sua espada varreu, atingindo-o pelo abdômen e trazendo-o para o chão.

Lord Cranston e seus homens atravessaram a primeira camada de barricadas. Will estava lá, e Kate foi até ele, jogando um braço em volta dele. Se ela não tivesse uma espada na outra, ela poderia ter feito mais do que isso.

"Quando eu não podia ver você, eu pensei... eu pensei que você poderia estar morto", disse Kate.

"Eu estava mais preocupado com você," Will respondeu. "Eu sabia que você estaria fora procurando a pior luta."

"A luta não acabou," Lord Cranston os lembrou, apontando para onde ficavam as antigas muralhas da cidade. Dali, Kate podia ver as barricadas que os reforçavam agora, os bancos de areia e terra que ajudariam a absorver balas de canhão. Talvez eles tivessem começado a ajudar a impedir a entrada do Novo Exército quando ele chegasse, mas isso os atrasaria da mesma forma.

Havia inimigos vindo ao seu encontro também. Homens marcharam, vestindo uniformes de companhias mercenárias e casas nobres, tomando posições nas ruas para tentar conter o assalto.

"Esta deveria ser a parte fácil da batalha," Kate disse com um sorriso amargo. Ela sabia que não havia partes fáceis nas batalhas, nenhum lugar que fosse realmente seguro.

"Você já deve saber, Kate, que os mercenários nunca conseguem os trabalhos *fáceis*", disse Lord Cranston. "Will, corra para os artilheiros e traga esses canhões aqui para começar a atacar as paredes. Vou ver Hans para ver se podemos coordenar melhor com Ishjemme.

"Eu tenho uma ideia para isso", disse Kate.

Emeline, ela mandou, *você pode me ouvir? Você está bem?*

Estou aqui, Emeline mandou de volta. *Cora tem um corte no braço, mas estamos bem.*

Você pode chegar ao Hans e passar as mensagens? Kate perguntou. *Precisamos trabalhar juntos, mas com as ruas de Ashton, é difícil acompanhar.*

Eu posso fazer isso, Emeline mandou de volta.

"Emeline vai tentar chegar até Hans", disse Kate. "Posso enviar mensagens para ela."

"Boa idéia", disse Lord Cranston. "Uma batalha em que temos uma ideia do que está acontecendo pode fazer uma mudança agradável."

"Ainda há os homens dos nobres," Kate apontou. Mesmo enquanto dizia isso, ela os viu tomando posições dentro e ao redor das casas à frente, cavando e se preparando para lutar.

"Existem," o líder mercenário concordou. Ele se virou para suas tropas. "Certo, vocês. Avançar! Não estamos aqui para descansar! Um pouco de luta de casa em casa deve mantê-los bem em forma!"

Os homens de Lord Cranston avançaram e Kate foi com eles. Se houve uma breve pausa quando a primeira barricada caiu, qualquer sensação de paz rapidamente evaporou. Kate correu para a primeira das casas, encontrando dois homens quando eles voltaram para ela. Ela chutou o joelho do primeiro, movendo-se para o lado e mal se esquivando de um corte em resposta. Ela pegou a lâmina do segundo soldado sozinha, empurrando-a para o lado enquanto empurrava, sentindo a espada deslizar através da carne ao golpear, sua lâmina afiada tornando a passagem suave ao entrar. um momento, Kate se viu olhando para o primeiro homem enquanto ele puxava uma faca, puxando-a para trás para enfiar nela.

Um tiro de pistola o fez cair, e um soldado Ishjemme entrou no espaço, avançando. Kate assentiu em agradecimento, então puxou sua espada para longe, continuando em frente. Ao seu redor, ela podia ouvir os sons da batalha em todos os lugares agora, com o choque das lâminas, o estalo dos mosquetes e o estrondo mais profundo dos canhões sobrepujando-o. Kate podia sentir a reverberação quando as balas de canhão atingiram as velhas paredes de Ashton, as barricadas ao redor deles levando golpe após golpe agora.

Ela não teve tempo suficiente para assistir ao ataque, porém, porque um soldado já estava correndo para ela com um machado. Kate se abaixou sob o balanço, aproximando-se e esfaqueando com sua espada, acertando o homem pela base do crânio. Ela deu um passo para trás para deixá-lo cair, aparou um golpe de uma espada e cortou novamente em um novo alvo. Com tantos homens ao seu redor, não havia tempo para fazer mais do que cortar e se mover, nem mesmo observando para ver se os homens que ela atacou se levantaram novamente.

"Estamos empurrando-os para trás", disse Lord Cranston. "Eles vão recuar para as barricadas. Precisamos manter a pressão!"

Kate assentiu e enviou a mesma mensagem para Emeline. A mensagem que Emeline enviou de volta quase congelou Kate no lugar.

Sophia levou a capitânia e um pequeno grupo, Emeline enviou. Podemos vê-los daqui. Há uma nova frota atacando a cidade. Eu acho que ela está

tentando afastá-los.

Kate não podia acreditar. Sua irmã não faria algo assim, faria? Kate procurou um prédio alto o suficiente para deixá-la ver e viu uma torre do relógio. Ela correu para isso, derrubando um homem que tentou entrar em seu caminho enquanto ela fazia isso. Uma bala de mosquete arrancou dos paralelepípedos ao lado dela, e ela se jogou para o lado bem na hora que um segundo veio. Tinha que haver um franco-atirador lá em cima, esperando para pegar qualquer um que chegasse perto.

Kate não tinha tempo a perder. Ela atacou a torre, mantendo a cabeça baixa para que os tiros passassem por cima dela. Ela chutou a porta, e ela cedeu, deixando-a entrar. Ela subiu a escada em espiral dentro da estrutura, subindo dois degraus de cada vez, ignorando os estilhaços que voaram quando quem estava lá disparou outro tiro.

Ela chegou mais perto do topo a cada passo. Um soldado desceu para atender ela, balançando uma espada. Kate deu um passo para trás, desviando o golpe, fintou para um lado, depois cortou para o outro enquanto o homem aparava. Ela o pegou no pescoço, deu um passo para o lado e puxou sua espada para longe.

Ela sentiu os pensamentos do segundo homem e se jogou no chão quando ele disparou uma pistola no local onde sua cabeça estivera. Ela veio e atacou, usando sua espada como uma lança agora, acertando o segundo soldado no peito. Os dois se viraram em uma dança lenta enquanto ele ficou paralisado, então Kate o chutou, fazendo-o cair escada abaixo.

Ela olhou para fora, olhando através da fumaça da batalha, tentando ver o Porto. Quando ela o fez, parecia que seu coração estava preso em um torno. Emeline estava certa. A nau capitânia de Sophia estava se separando do corpo principal da frota, apenas alguns navios com ela para apoio. Mais da metade dos navios no porto pareciam estar se movendo para segui-lo, enquanto além de Ashton, uma nova força estava se aproximando das águas do Estreito de Knifewater.

O que você está fazendo? Kate enviou para sua irmã.

O que eu preciso, a voz de Sophia voltou.

Não havia mais do que isso. Nenhuma explicação, nenhuma esperança de que sua irmã algum grande plano além de se sacrificar. Kate olhou para a cena por mais um momento, olhou para a luta perto dos portões e soube o que importava mais para ela do que o outro. Não havia sequer uma escolha a fazer.

“Se você vai fazer algo estúpido, então eu também farei!” Kate declarou em voz alta.

Ela começou a correr de volta pela torre, esperando chegar a tempo.

CAPÍTULO DOZE

Angélica entrou na torre da prisão do palácio, parando por um momento na entrada porque queria parecer absolutamente perfeita. Ela se certificou de que a coroa estava bem colocada em sua cabeça e acenou para os carcereiros enquanto dava um passo à frente.

"Onde ele está?" ela perguntou.

"A cela de cima, majestade", disse um dos carcereiros.

Angélica assentiu, então se virou para os guardas reais com ela. "Espere aqui."

Eles não questionaram, não tentaram apontar o perigo. Parecia que Angélica havia escolhido homens obedientes para a tarefa. Ela fez seu caminho através da torre, passando por portas solidamente trancadas e se perguntando quem estava atrás de cada uma. Ela faria questão de saber. Talvez alguns deles fossem úteis em troca de sua liberdade.

Ela esperava que Sebastian fosse muito mais do que isso.

A porta no topo da torre era de ferro e guardada por um carcereiro.

Ele se levantou de um salto quando Angélica se aproximou, destrancou a porta e fez uma reverência ao abri-la. Angélica o ignorou ao entrar.

O espaço interior era menos esquálido do que ela teria preferido. Lá não havia correntes aqui nem barras. Sebastian tinha uma cama e uma mesa, velas e até papel. Ele estava sentado naquela mesa como se estivesse tentando compor uma carta de algum tipo. Ele olhou para cima quando Angélica se aproximou. Ele estava machucado e com a barba por fazer, mas Angélica tinha que admitir que ela gostava disso.

"Normalmente, os homens se curvam na presença de sua rainha", disse Angélica.

Sebastian se levantou, mas não se curvou. Isso trouxe um lampejo de raiva em Angélica, mas também o desejo de ir até lá e beijá-lo. Ela ignorou ambos.

"Vejo que você se casou com meu irmão," Sebastian disse. Havia anéis escuros sob os olhos, como se não tivesse dormido.

"Foi ele que não fugiu", disse Angélica. Ela tentou mantê-la tom leve, mas era difícil manter uma nota de amargura. "Foi ele que me fez rainha."

"E qual de vocês assassinou minha mãe?" Sebastian exigiu, seu mãos agarrando a borda da mesa como se ele pudesse quebrar parte dela.

"Meus guardas me dizem que você fez isso, Sebastian," Angélica disse. "Eles pegaram você entrando no palácio no momento da morte dela. Eles jurarão por sua culpa."

Ela observou Sebastian encaixando as peças pouco a pouco. Ele era mais esperto do que seu irmão, pelo menos, embora isso realmente não fosse dizer muito.

"Você me deixou sair para que eu pudesse ser pego", disse Sebastian. "Você assassinou minha mãe!"

Angélica balançou a cabeça. "Rupert fez isso, embora obviamente eu esteja feliz que ela se foi. Você sabe que ela tentou me matar?"

"Rupto?" Sebastian disse, como se não acreditasse muito. "Eu vou-"

Angélica ergueu a mão para detê-lo. "Infelizmente, é tarde demais para fazer qualquer coisa. Rupert sofreu justiça por suas ações. Ele tomou veneno ontem à noite, depois que nos casamos. Não sou rainha há um dia inteiro e já sou uma viúva.

Sebastian piscou para ela então, obviamente ainda não entendendo muito bem.

"Você... *por que*, Angélica?"

Ela deu de ombros. Era uma pergunta tão chata. Um tão óbvio. "O que quer que eu diga, Sebastian? Que fiz isso porque queria ser rainha? Eu fiz, e eu sou. Que seu irmão ou sua mãe teriam me matado se eu os deixasse viver? Nós dois sabemos que é verdade. Além disso, Rupert *não* é o irmão que eu preferiria ter.

Sebastian se afastou dela então. "Você não pode estar falando sério. Depois do que você acabou de me dizer..."

"O que eu disse não faz diferença", disse Angélica, friamente. "A situação em que você está sim."

"Eu poderia dizer às pessoas o que você fez", disse Sebastian. "Eles iriam prendê-lo em um instante."

Angélica balançou a cabeça. "Ninguém acreditaria em você. Eles me *preferem*. Minha regra. Minha versão da verdade. Eles não querem mais que sua família os controle. Então, se eu disser que você matou sua mãe, e Rupert tirou a própria vida pelas coisas que fez... eles vão aceitar isso.

"Os nobres sabem que posso confiar em mim," Sebastian disse. "Quando me levanto diante de um júri deles, eles vão ouvir."

Angélica sorriu com isso. "O que poderia importar se não estivéssemos em guerra. Em tempos de paz, tenho certeza de que você seria levado perante a Assembleia dos Nobres para ser julgado pelo assassinato de sua mãe. Na guerra, ninguém se oporá se as coisas forem feitas mais rapidamente."

"Então você vai me matar também?" Sebastião exigiu.

Angélica fez uma pausa, dando-lhe algum tempo para considerar todas as maneiras que pode acontecer. "Isso," ela disse finalmente, "depende de você."

Sebastian sentou-se novamente. "O que você quer, Angélica?"

Ela deu de ombros. "Quero o que sempre quis. Eu quero ser rainha. Quero você como marido. Eu já tenho um desses dois, mas o outro? Aceite casar comigo, Sebastian. Direi que seus 'crimes' foram cometidos por Rupert e vamos retratar isso como um grande momento de reconciliação. As coisas como sempre deveriam ser. Eu governarei, é claro; você será meu consorte em vez de meu parceiro, mas eu sempre planejei ser o único a dirigir as coisas uma vez que nos casássemos, de qualquer maneira.

Sebastian começou a balançar a cabeça. Angélica deu um passo à frente e lhe deu um tapa.

"Não se atreva a dizer não para mim", disse ela. "Você fugiu de mim, *duas vezes*. Você escolheu outra pessoa em vez de mim. Você jogou fora chance após chance de ser feliz. Bem, ainda podemos ser, nos *meus* termos.

"Você acha que eu poderia me casar com qualquer um que tentasse me forçar a isso?" Sebastião exigiu.

"Acho que todas as nobres que já viveram já estiveram onde você está." Angélica retrucou. "Nós não temos escolha, nos dizem com quem nos casar por pais e maridos. Você acha que eu não poderia te fazer feliz? Que você não teria uma vida boa? É isso ou *nenhuma* vida, Sebastian. Você se casa comigo ou morre."

"Então eu morro," Sebastian disse.

Angélica se afastou dele, sem conseguir acreditar em seus ouvidos. Ninguém a rejeitou. Rupert tinha aproveitado a chance de ser seu marido. Outros homens teriam feito qualquer coisa para estar com ela, *feito* qualquer coisa por apenas um sorriso. No entanto, aqui estava Sebastian, rejeitando-a *novamente*.

"Você vai se arrepender disso," disse Angélica, correndo em direção à porta. Ela fez uma pausa quando chegou lá. "Termine de escrever suas cartas, Sebastian. Você vai morrer hoje. Você vai *morrer!*"

Ela saiu da cela, pensando em todas as maneiras que Sebastian poderia morrer, pensando em todas as coisas que poderiam ser feitas a um traidor. Naquele momento, nenhum deles parecia suficiente para compensar o que ele tinha feito.

Sebastian estava sentado em sua cela, contemplando sua morte. Ele esteve pensando sobre isso a maior parte da noite, porque ele não tinha dúvidas de que quem quer que tivesse colocado

ele lá planejou que ele morresse, mas agora que ele se encontrou com Angélica, ele sabia que não havia caminho de volta.

"Tanta morte, só para que ela possa ser rainha", disse ele, e uma onda de emoção tomou conta dele com esse pensamento. Ele sabia que sua mãe se foi, mas a dor de sua morte surgiu nele novamente. A dor de perder o irmão juntou-se a ela, apesar de tudo o que Rupert tinha feito, apesar de ele ser o motivo de sua mãe estar morta.

Não, não o motivo. Ele era a arma, mas Angélica tinha sido a mão empunhando essa arma. Era fácil ver agora o quanto ela manipulou as coisas, o quanto ela controlou tudo.

"E agora ela vai me matar," Sebastian disse.

Isso não parecia do jeito que ele achava que deveria. Ele principalmente se sentiu entorpecido com a perspectiva, como se alguma parte dele tivesse aceitado a realidade disso há muito tempo. Talvez fosse apenas porque ele já tinha passado tanto tempo trancado nas celas embaixo da casa de Rupert que ele já havia assumido que sua execução aconteceria em algum momento.

Talvez fosse porque ele escolheu isso. Sebastião não tinha dúvidas de que Angélica estava falando sério quando o pediu em casamento, e ele suspeitava que ela teria feito o possível para fazer os dois felizes, em vez de simplesmente envenená-lo como fizera com seu irmão. Ela provavelmente teria sido uma boa esposa, uma boa mãe para seus filhos, e poderia até ser uma boa rainha.

Mas Sebastian não foi capaz de fazer isso. Isso teria sido uma traição que ele não poderia suportar, nem mesmo para salvar sua vida.

"Será em breve", disse a si mesmo. Angélica não gostaria de esperar para vê-lo morrer e, em todo caso, Sebastian imaginou que tudo seria mais... conveniente assim. Se toda a sua família estivesse morta, não haveria como alguém questionar seu governo.

Significava que, se ele tinha despedidas para dizer, deveria escrevê-las agora. Por o que parecia ser a centésima vez, ele se sentou na mesa da cela, a luz do sol significando que ele não precisava da luz das velas, apenas a tinta e o pergaminho raspado esperando por sua pena.

Ele tentou organizar seus pensamentos, mas essa era a maneira errada de fazer isso. Este não era o momento para pensar nas palavras perfeitas. Tudo o que ele podia fazer agora era tentar escrever o que sentia:

Minha querida Sofia,

Quando você ler isso, se você ler isso, eu estarei morto. Eles vão dizer que cometi crimes que pertencem ao meu irmão e à sua noiva. Eles vão me executar por eles. A única culpa que tenho é por não estar ao seu lado. Eu tentei chegar até você. Com todo o meu coração, lutei para estar ao seu lado.

Eu não tenho palavras para o quanto eu amo você e nosso filho. Passei minha vida me concentrando em ser quem eu achava que deveria ser, mas a verdade é que a única pessoa que quero ser é seu marido e o pai de nosso filho. Espero que quando você vier contar a eles sobre mim, você possa encontrar pelo menos algumas coisas boas para dizer sobre mim.

Nunca duvide que eu te amo. Sebastião.

Sebastian largou a caneta. Ele não conseguia pensar em mais palavras do que isso, apenas tentar pensar em todas as maneiras pelas quais as coisas poderiam ter sido melhores. Sentou-se na sala da torre, pensando em Sophia e esperando o momento em que seus carrascos viriam buscá-lo.

CAPÍTULO TREZE

Sophia estava na proa de sua nau capitânia, observando os navios inimigos perseguirem baixo. Ela ficou ali deliberadamente, tão alta e orgulhosa quanto qualquer comandante poderia, para que os navios perseguidores a vissem ali.

Sienne puxou seu braço, sua boca puxando para ela.

"Não, Sienne", disse Sophia. "Eu tenho que ficar aqui. Eles têm que me ver para que possam perseguir."

Sophia duvidava que o gato da floresta entendesse alguma de suas palavras, mas ela parecia entender a determinação de Sophia de ficar onde estava. Ela se agachou ao lado de Sophia, olhando furiosa para os navios que avançavam.

Era impossível para eles não vê-la. A nau capitânia tinha todas as flâmulas e bandeiras reais penduradas nela, declarando a presença de Sophia mesmo enquanto a embarcação a mantinha afastando-se de seus inimigos. A meia dúzia de navios com ela recuou, transformando a nau capitânia na ponta de uma formação de flechas, tornando ainda mais óbvio que Sophia estava lá para ser tomada.

Seus inimigos pareciam entender. Pelo menos, Sophia viu a frota avançando balançar, virando da cidade em direção a ela.

"Está funcionando", disse Sophia.

Sienne rosnou, suas orelhas chatas. Sophia não precisava do aviso do gato da floresta saber o quão perigoso isso era. Tão poucos navios não podiam esperar enfrentar uma frota inimiga inteira por muito tempo. O melhor que podiam esperar fazer era correr e continuar correndo.

"Corte ao longo da costa!" Sofia chamou. "Precisamos afastá-los da cidade!"

"Sim, majestade," o capitão gritou de volta, e ele começou a gritar as ordens que iriam colocá-lo em prática. Os marinheiros de lá se moveram para obedecer, sem questionar o perigo disso, embora tivessem que saber quão pequenas eram suas chances de sobreviver a isso. Os soldados a bordo começaram a carregar canhões e amarrar as armaduras, prontos para a batalha marítima à frente.

Sua cunha de navios correu paralela à costa, aproximando os navios inimigos, os da cidade seguindo em seu rastro enquanto a frota maior se movia para interrompê-los. Sophia podia adivinhar o momento em que eles iriam alcançá-los, mas atrasou o momento em que teria que dizer qualquer coisa, desde que se atrevesse.

"Vez!" ela gritou, e o capitão do navio pareceu entender o que ela tinha em mente. O navio deles virou para estibordo, as madeiras gemendo com o

esforço de fazer a manobra. Atrás dela, as outras naves giravam em seu rastro, dirigindo-se para uma brecha entre os dois grupos de inimigos que avançavam.

Para surpresa de Sophia, ela viu a frota à frente já se movendo para verificar a manobra. Um deles, mais rápido que os outros, estava entrando no caminho da capitânia. Sophia ouviu o estrondo de seus canhões e teve que se preparar para ficar de pé enquanto os tiros passavam. As armas de sua própria nave ladraram em resposta, e por um momento o mundo se encheu de fumaça de canhão.

Sophia estendeu a mão, sentindo as mentes dos homens da outra nave. Ela podia senti-los à sua frente, e Sophia fez o possível para lançar pensamentos confusos em sua direção, tentando atrasá-los em sua perseguição. O capitão da nau capitânia virou a embarcação novamente, mais tiros de canhão, e desta vez Sophia ouviu o estilhaçar de madeira quando uma bala de canhão inimiga atingiu o alvo.

"Precisamos continuar!" ela gritou, bem acima dos sons da batalha.

Eles se aproximaram de um navio inimigo, os soldados em ambos os navios para atirar um no outro com mosquetes e arcos, a chuva de pequenos mísseis parecendo conectar os dois por um momento. Sophia se obrigou a não mergulhar para se esconder, porque ela soube naquele momento que sua presença era a principal coisa que dava força a seus homens. Ela estendeu a mão com seu poder, agarrando os pensamentos de um soldado apontando um mosquete para um de seus homens. Ele ficou ali, incapaz de se lembrar do que estava fazendo, até o momento em que uma flecha o atingiu.

Resumidamente, eles deslizaram em águas abertas. Por um momento, Sophia pensou que os navios poderiam retomar sua perseguição, e ela poderia levá-los para mais longe da cidade. Então ela viu a frota que se aproximava se espalhando, formando uma espécie de rede de navios que se estendia contra o fundo do mar aberto.

O capitão da capitânia correu para a frente, xingando enquanto olhava para fora.

"Eles estão tentando nos pegar contra a costa. Se eles podem nos prender lá, eles poderão nos cercar e nos capturar."

"Não se continuarmos correndo", disse Sophia.

"Não há para onde correr, majestade", disse ele. "Nós podemos ficar e lutar, ou podemos tentar nos render. Isso pode pelo menos mantê-lo seguro. Eles vão querer um prisioneiro tão valioso vivo."

Ele não disse o que aconteceria com todo mundo lá, mas Sophia podia ver isso em seus pensamentos. Ela balançou a cabeça.

"Render-se não é o ponto", disse ela.

"Nem uma luta que perdemos em minutos", retrucou o capitão.

"É por isso que corremos", disse Sophia.

"Correr para *onde*?"

Sophia apontou para a margem. Até onde ela podia ver, era a única opção que lhes restava. "Os barcos de Ishjemme são feitos para serem encalhados, não são?"

"Não algo deste tamanho", disse o capitão.

Olhando para fora, Sophia podia ver a frota inimiga se aproximando. Ela tomou sua decisão.

"Faça isto de qualquer maneira. Tem uma praia lá. Aponte para isso."

"Isso é-"

"É a melhor opção que temos", insistiu Sophia.

O capitão fez uma reverência. "Como você ordena, minha rainha. Homens, tragam o navio por aí. Qualquer um que não seja necessário para dirigir o navio, prepare-se!"

A nau capitânia girou pesadamente, até que sua proa ficou de frente para a costa. Sophia voltou para perto de um dos mastros, agarrando-se a ele à medida que se aproximavam cada vez mais. Ao lado dela, Sienne se agachou, suas garras cavando na madeira.

"Espere, garota", disse Sophia.

Ela sentiu o momento em que a quilha do navio raspou ao longo da praia em um momento de moagem, contato de torção. Sophia sentiu o convés abaixo dela estremecer e sacudir, ameaçando arremessá-la para longe se ela não mantivesse seu aperto, do jeito que um prédio poderia ter sacudido durante um terremoto. Ao lado dela, Sienne choramingou, e Sophia teve que estender a mão com sua mente para acalmar o medo do gato da floresta. Ela desejou que alguém pudesse acalmá-la.

Ela viu soldados sacudidos pelo impacto, mergulhando na água enquanto o impulso do navio arrastou-o para a praia. Ela sentiu o momento em que começou a tombar, equilibrando-se por um momento antes que o mundo inteiro parecesse tombar para o lado.

"Pule", Sophia gritou para quem quisesse ouvir, antes de se libertar do mastro e mergulhar nas águas rasas. Ela veio gaguejando, meio emaranhada entre o cordame e chutando para longe. Ela se arrastou em direção à praia, onde Sienne já estava saindo, parecendo tudo menos satisfeita com a encharcamento. Ao redor de Sophia, os soldados e marinheiros faziam o mesmo.

Os soldados dos outros navios se atiravam de suas próprias embarcações, pegando barcos ou arrastando suprimentos, puxando-os em direção à praia enquanto encalhavam. As conchas encalhadas dos navios formavam uma espécie de barricada ali, e Sophia só podia esperar que isso desacelerasse o exército que estava vindo atrás deles.

"Pressa!" ela gritou. "Precisamos nos formar. Eles virão atrás de nós."

Já podia ver os navios perseguindo-os balançando atrás deles, movendo-se mais devagar do que eles só porque não queriam colidir com a costa.

Ela olhou ao redor, observando as dunas gramadas da praia e a vasta extensão do terreno aberto atrás.

"Lá!" ela gritou, apontando para as dunas. "Precisamos lutar e volte, desenhe isso o máximo que pudermos."

Ela não disse o óbvio: que não havia esperança de vencer isso. Os homens ali tinham que saber disso por saber. Provavelmente a maioria deles sabia disso mesmo quando começaram essa distração desesperada. O máximo que podiam esperar era adiar o inevitável tempo suficiente para que as forças da cidade fizessem sua parte.

"Muito do pó preto está molhado agora", reclamou um soldado.

– Mas não tudo – insistiu Sophia. "Vamos usar o que temos. Arrastar canhão até a praia. Carregue-os com tiro de canhão."

Os homens trabalharam com o tipo de velocidade que dizia que sabiam o quão desesperadora era a situação, os oficiais gritando ordens enquanto trabalhavam. Eles arrastaram canhões por entre as dunas, puxaram os botes de desembarque de cabeça para baixo para fazer uma cobertura grosseira e colocaram mosquetes e bestas carregados para baixo, prontos para uso. Mesmo assim, Sophia não tinha certeza se eles teriam tempo suficiente para fazer tudo o que precisavam, porque o inimigo já tinha uma flotilha de pequenos barcos na água, os homens se aproximando dela e de sua força muito menor.

"Espere até que eles comecem a pousar", disse Sophia. "Eles estarão vulneráveis como eles saem entre os navios."

"Você deveria ir embora, majestade," um dos soldados a chamou. "Vamos mantê-los aqui."

Sophia balançou a cabeça, então pegou um mosquete. "Eles só vão atacar enquanto estou aqui. Eu não quero que eles voltem para a luta na cidade."

Ela esperou com o resto deles entre as dunas, observando o os barcos do inimigo se aproximaram, os homens saindo deles pelas águas rasas. Sophia percebeu naquele momento que eles poderiam cobrir o solo das naves muito rapidamente; para não derrubá-los antes que se transformasse em uma brutal luta corpo a corpo.

Ela teve que atrasá-los, então ela estendeu a mão com seus poderes, empurrando seu caminho para as mentes dos homens ali, aproveitando a força pulsante da terra sob seus pés. Ela os segurou ali por pura força de vontade, cortando o espaço entre um pensamento e o seguinte. Sofia não sabia

quanto tempo ela poderia segurá-lo, mas por enquanto, deixava os homens ao ar livre sem proteção.

"Agora!" ela gritou, e suas forças dispararam. Canhão explodiu, cortando faixas das tropas atacantes. Os mosquetes soaram, derrubando homens individualmente. O rugido atravessou o poder que ela estava usando para mantê-los lá, e os homens avançaram com uma carga agora. Sophia puxou o gatilho de seu mosquete, o chute dele batendo a coroa de volta nela. Um soldado inimigo caiu, mas outro correu para tomar seu lugar. Sienna saltou sobre aquele homem, rasgando e dilacerando.

Ao redor de Sophia, homens lutaram e morreram. Ela viu um marinheiro atingido por uma baioneta estendendo a mão para esfaquear seu atacante com uma faca, e um soldado Ishjemme saltar entre um grupo de inimigos, esfolando-se com um machado até que o derrubou. Sua barreira inicial contra os homens que chegaram à praia arrancou o coração do primeiro ataque, mas ainda havia muitos homens para lutar. Enquanto Sophia observava, homens golpeavam e cortavam com espada e machado, punhal e baioneta.

Então, tão repentinamente quanto a mudança da maré, os mercenários a serviço de Ashton voltaram para a praia, correndo até que pudessem se abrigar entre os barcos.

"Conseguimos!" Um homem chamado. "Nós os derrotamos!"

Um grande aplauso subiu entre os homens. Sophia não se juntou a ela. Eles repeliram um ataque, mas ela podia ver que a próxima onda de atacantes já estava na água, aglomerando-se para se posicionar enquanto se aproximavam da praia. Pior, ela podia ver um grupo deles pousando mais acima, muito longe para fazer qualquer coisa, movendo-se para o campo aberto além da praia para cercar suas forças.

Eles não foram feitos lá ainda. Eles mal tinham começado.

CAPÍTULO QUATORZE

Enquanto corria pelas ruas da periferia de Ashton, Kate amaldiçoou a velocidade que ela havia perdido pela primeira vez. Isso significava que ela só podia se mover rapidamente para tentar salvar sua irmã, só podia esperar que Sophia ainda estivesse viva quando Kate chegasse a ela.

Os homens acompanharam Kate enquanto ela corria, e ela reconheceu os uniformes dos homens de Lord Cranston. O próprio Lord Cranston corria ao lado dela agora, ofegante com o esforço. Will estava mais abaixo, correndo junto com um olhar determinado e uma espada na mão.

Eles bateram em um grupo de soldados inimigos na rua. Se a batalha principal fosse a prioridade de Kate naquele momento, ela poderia ter parado para lutar. Do jeito que estava, ela conseguiu dar um golpe perverso em um soldado que passava, empurrou outro para fora de seu caminho e continuou correndo, ignorando os breves sons de batalha atrás dela enquanto o resto dos homens de Lord Cranston lutavam.

"Para onde vamos, Kate?" Lord Cranston exigiu enquanto corriam.

"A costa além da cidade", disse Kate. "Minha irmã está em perigo!"

Kate podia sentir aquele perigo pulsando através dela quase tão seguramente quanto ela podia sentir a batida de seu próprio coração. Ela precisava chegar a Sophia.

"Você não vai me dizer que isso não é o que um mercenário faz?" Kate perguntou enquanto corria. "Que o trabalho pelo qual estamos sendo pagos é mais importante do que eu ir para minha irmã?"

Para sua surpresa, Lord Cranston balançou a cabeça. "Você está aqui como uma irmã, não como uma mercenária," ele disse. "E, além disso, juramos servir. Suspeito que tentar salvar Sophia conte como isso.

Eles correram pela cidade, as casas ficando cada vez mais espaçadas à medida que alcançavam os limites da expansão de Ashton. Ela podia ver o ponto onde o rio encontrava o mar à frente, com o campo aberto da fazenda dando lugar às dunas de areia e às ondas. Ela podia ver a batalha lá também, e o que Kate viu só a fez correr mais rápido.

Sophia e suas forças estavam no coração das dunas, os restos dos navios que ela havia levado encalhados como carcaças de grandes baleias abaixo dela. Homens se aproximaram da água em barcos de desembarque, enquanto uma segunda força se espalhava nas terras agrícolas atrás das dunas, obviamente pronta para pegar Sophia entre eles. Kate podia ouvir os sons de mosquetes e lâminas à frente, sentir o cheiro da fumaça e o fedor da morte da batalha.

"Se não fizermos nada, eles serão esmagados", disse Kate. Ela não podia permitir isso. Custe o que custar, ela tinha que salvar sua irmã.

"A força terrestre é a ameaça", disse Lord Cranston. "Eles estão em uma boa posição para segurar os da água, mas os outros podem atacá-los pela retaguarda como eles fazem."

"Então nós os atacamos," Kate disse, começando a avançar.

Lord Cranston segurou seu braço. "Atacar uma força maior em terreno aberto?"

"Você tem uma ideia melhor?" Kate perguntou.

"Possivelmente. Artilharias! Precisamos de isqueiro, óleo e pó, *agora!* Qualquer coisa que vai queimar!"

Kate franziu a testa. "Vamos queimá-los?"

"Dizem que quando o Novo Exército atacou, o louco Príncipe Rupert queimaram metade da península em que estavam. Não precisamos de nada tão grandioso..."

"Apenas o suficiente para cortar o inimigo em pedaços mais manejáveis," Kate terminou por ele. "Mas Sophia está lá."

"O vento vem da costa", disse Lord Cranston, "e de qualquer forma, ela estará segura o suficiente naquelas dunas."

Era um plano perigoso, arriscado e *estúpido*, mas que outras opções havia?

"Dê-me óleo!" Kate chamou.

"Kate, eu realmente não acho-"

"Sou rápida e posso lutar tão bem quanto qualquer um aqui," Kate rebateu. Ela pegou óleo das mãos de um soldado que estava esperando, sem esperar por uma resposta enquanto ela saía correndo.

Outros correram com ela, partindo em uma dispersão de caminhos individuais que os levariam pela frente das forças inimigas. Kate correu pelas terras agrícolas, pisando no trigo que já estava em grande parte achatado pelos esforços da batalha. Ela abriu a tampa do frasco de óleo, deixando o líquido escorrer atrás dela enquanto corria.

Kate podia ver o inimigo avançando, obviamente adivinhando que algo estava acontecendo. Tiros soaram, e Kate sentiu algo passar por seu ouvido, perto demais para ser confortável. Ela viu um homem cair sob a barragem de balas de mosquete e flechas, dardos de besta e armas de arremesso, mas não ousou parar. Ela continuou até que seu frasco de óleo estava meio vazio, então o jogou nas forças inimigas que avançavam para quebrar entre eles.

Kate acenou para as forças que esperavam dos homens de Lord Cranston, e viu Lord O próprio Cranston dá um passo à frente, uma marca em chamas na mão, como um padre

poderia ter feito por uma pira funerária. Ele tocou no pedaço de óleo mais próximo.

O efeito foi quase instantâneo, as chamas saindo do ponto de contato para se espalhar no que parecia ser uma parede de fogo, o trigo servindo de combustível para as chamas à medida que o óleo o saturava. Estava tão quente que Kate teve que se afastar, mas manteve os olhos nos inimigos que avançavam.

Flechas de fogo vieram das forças de Lord Cranston, e onde elas atingiram as manchas de óleo, novas chamas saltaram. Kate viu o local onde ela jogou seu frasco explodir em uma conflagração brilhante, homens gritando enquanto as chamas os tomavam. O fogo aumentou em uma dúzia de outros pontos, rasgando em pedaços a formação dos homens que avançavam pelos campos. Kate respirou fundo pela fumaça, então avançou para eles enquanto os homens de Lord Cranston corriam pelo lado.

Ela bateu na primeira fila de homens, cortando um e se mantendo em movimento. Uma espada veio em direção ao seu rosto e Kate aparou por instinto antes de atacar de volta automaticamente. Seu pé emaranhado no milho e ela caiu por um momento, mas isso só significava que um golpe de espada apontado para sua cabeça passou por cima dele. Kate esfaqueou para cima e ouviu um homem gritar.

Ela lutou para voltar a ficar de pé, usando a pressão dos homens ali como apoio, mesmo enquanto tentavam matar uns aos outros. Ela desviou o golpe de uma lança curta, cortou a perna de um homem e mergulhou mais fundo na luta.

Ela podia ver o fogo se espalhando ao seu redor agora. O calor era intenso, a fumaça espessa o suficiente para transformar a batalha em torno de Kate em uma confusão cega. Ela pensou que podia ver Will pressionando lâmina contra lâmina com um soldado, Lord Cranston disparando uma pistola de perto, mas eles foram rapidamente perdidos na pressão de tudo, a próxima espada a se esquivar, o próximo golpe a ser dado.

Kate não podia acreditar como estava ficando cansada. Antes, quando ela teve a força que a fonte de Siobhan lhe deu, parecia que ela poderia lutar para sempre. Agora, parecia que sua espada ficava mais pesada a cada golpe que ela dava, e uma parte dela tinha o desejo estúpido de simplesmente parar e olhar ao redor no meio da batalha.

Mas parar era morrer. Kate continuou se movendo, por mais pesadas que suas pernas parecessem.

Um soldado apareceu na frente dela, uma espada longa e cortante em seu punho. Kate evitou um golpe, então aparou outro, a pura força disso sacudindo sua espada de seu aperto por um momento. Sem tempo para pensar, Kate correu para perto do homem, agarrando-o e conseguindo colocar as duas mãos no braço da espada.

Eles trocaram uma enxurrada de golpes, cada um que Kate recebeu sentindo como se tivesse sido atingida por um martelo. Tão perto, ela podia sentir o cheiro do suor de

seu oponente, veja a sujeira de seu uniforme e as manchas de sangue que o mancharam no decorrer da batalha. Ela contra-atacou com joelhos e cotovelos, não se atrevendo a soltar o braço da espada do homem por medo de ser cortada em um instante se o fizesse.

Ele a jogou para trás, e Kate tropeçou no corpo caído de outro soldado, mal rolando para ficar de pé a tempo de evitar um golpe lateral da espada. Ela puxou uma adaga do cinto, sabendo que não era nenhum tipo de arma quando colocada contra uma espada.

O soldado parecia saber disso também.

— O que você vai fazer com isso? Ele demandou. “Cortar minhas unhas?”

Kate recuou, então, sem aviso, arremessou a adaga com toda a força que tinha. O soldado gritou quando ela cortou sua bochecha, e ele tentou dar um golpe meio cego da espada que ele segurava. Kate já estava se movendo, e, mergulhando para o local onde ela deixou cair sua espada e a pegou, ela se virou e empurrou, pegando o soldado no coração enquanto ele levantava sua espada para um golpe mortal.

Ele tombou para trás como uma árvore caindo, e por um momento ou dois, Kate estava um espaço livre na batalha. Dali ela podia ver a luta na praia, podia ver os soldados de Sophia mantendo sua posição, ainda atirando nos inimigos que vinham de barco, recusando-se a ceder terreno. Com as chamas cortando os soldados que poderiam ter vindo por terra, eles tiveram uma chance.

Ela viu sua irmã orgulhosamente no centro de tudo, seu gato da floresta atacando qualquer inimigo que chegasse perto demais. Os soldados com ela mantinham uma barreira constante de fogo contra os que se aproximavam, enquanto os homens lutavam corpo a corpo pela encosta. Kate podia ver alguns dos que estavam na praia começando a recuar, claramente não querendo continuar a luta quando não tinham o apoio dos outros no interior.

Ela voltou para sua luta a tempo de varrer o corte de um machado, desviando e cortando o homem que o golpeou. Ela se arrastou sobre sua forma caída para mergulhar no meio de um grupo de soldados, cortando e cortando enquanto avançava. Foi como mergulhar em um corredor cheio de espadas, aço afiado empurrando-a de todos os lados.

No momento em que Kate saiu, ela estava quase coberta de sangue. Ela não tinha certeza de quanto era dela e quanto era de outras pessoas. A essa altura, quase não fazia diferença. Ela abriu caminho para o espaço livre, procurando o resto da companhia de Lord Cranston,

sabendo que ela precisava lutar para voltar para eles se eles quisessem se juntar a sua irmã.

Quando ela olhou em volta, porém, tudo o que ela podia ver eram os uniformes de o inimigo, preso com ela dentro de um círculo de chamas. Meia dúzia de inimigos avançaram juntos sobre Kate, e com o fogo subindo ao redor, não havia saída que ela pudesse ver.

CAPÍTULO QUINZE

Will marchou para a frente com os outros da companhia de Lord Cranston, sentindo a mesma sensação doentia de pavor que sempre vinha antes de uma luta. Sua espada estava em sua mão, pronta para enfrentar o inimigo. Ele ouviu Kate pedindo óleo e isca, não entendeu por um momento o que ela pretendia fazer.

Foi só quando ela começou a correr com os outros que ele entendeu.

— Não podemos deixá-la fazer isso, milorde — disse ele a Lord Cranston. Ele não até mesmo tentar fingir que era apenas a preocupação de um soldado por outro membro de sua companhia, ou pela pessoa que eles juraram servir.

“E como você a impediria, Will?” seu comandante perguntou.

Will odiava, mas sabia que Lord Cranston tinha razão. Kate já estava longe demais para parar, e mesmo que ele pudesse alcançá-la, o que ele poderia dizer para dissuadi-la?

“Tudo o que podemos fazer é apoiá-la”, disse Lord Cranston, “e mantê-la segura. Homens, flechas de fogo prontas! Prepare, desenhe, solte!”

Will observou o arco das flechas, então viu as chamas subindo ao atingirem, formando bancos de fogo que pareciam ameaçar engolir tudo. O trigo nos campos pegava fogo em linhas que se espalhavam e se alargavam em rede, cada fio ligado ao anterior.

Serviam como rios em chamas, criando ilhas e bolsões de inimigos. Will podia ouvir os gritos dos moribundos de dentro dela, sentir o cheiro da fumaça que subia das fogueiras. Atacar no meio daquela conflagração seria loucura, mas ele não se importava naquele momento. Kate estava em algum lugar, e ela precisava dele, precisava de todos eles.

“Avançar!” Lord Cranston ordenou, e eles atacaram.

Will não hesitou, mas mergulhou no caos, golpeando com a espada o primeiro inimigo que se aproximasse. Ele lutava agora, não por lealdade ou porque lhe tinham ordenado, mas para tentar abrir caminho até Kate. Apressando-se assim, ela teria se colocado no coração do inimigo, e Will estava determinado a garantir que ele a alcançasse antes que seus números maiores fossem demais.

Ele bloqueou um golpe, empurrando um homem para trás, golpeando outro que ameaçou o soldado ao seu lado. O homem lançou um sorriso na direção de Will, e então seus olhos se arregalaram em choque quando uma lança o atravessou por trás. Will se aproximou para apunhalar o homem que o havia matado e continuou.

Ele abriu caminho pela confusão, tentando vislumbrar Kate, tentando descobrir onde ela poderia estar no caos da luta além da cidade.

Quando Will finalmente a viu, foi pior do que ele havia imaginado.

Ela estava no centro de um áspero círculo de fogo, pelo menos meia dúzia de soldados se aproximando dela mesmo enquanto as chamas faziam o mesmo. Kate parecia desafiadora, mas ela não tinha a velocidade superior que ela tinha, e mesmo suas habilidades não podiam derrubar tantos homens de uma só vez. Will a encarou, esperando encontrar alguma forma de ajudá-la, alguma brecha pela qual ela pudesse...

O anel de aço no aço o trouxe de volta a si mesmo, e Will se virou para encontrar Lord Cranston lá, sua espada levantada para bloquear um golpe que obviamente tinha sido destinado à cabeça de Will. Sem pensar, Will empurrou com sua espada, mergulhando-a nas entranhas do atacante, observando enquanto o homem caía para trás.

"Obrigado, meu senhor", disse ele a Lord Cranston. "Eu não tinha pensado que você gostaria de me salvar."

"Você é um dos meus homens, Will," Lord Cranston respondeu.

"Mas com Kate..." Will começou.

"Eu estava preocupado sobre vocês estarem juntos porque eu pensei que você iria distraí-la, ou ela iria distraí-lo. Que vocês passariam batalhas tentando salvar uns aos outros, ao invés de obedecer ordens."

"E agora?" Will perguntou, apontando para onde Kate estava presa, cutucando os homens avançando para mantê-los para trás.

"Agora eu acho que você está perdendo tempo. Vá até ela."

Will não precisava de nenhum incentivo. Ele correu em direção à parede de chamas, Lord Cranston seguindo em seu rastro. Will tossiu enquanto se aproximava, a fumaça espessa enchendo seus pulmões. O calor do fogo era como um dos fogos de forja de seu pai, quase uma força física empurrando-o para trás. Só a visão de Kate ali, aparando e empurrando, mal evitando um golpe na cabeça, foi o suficiente para mantê-lo tão perto.

"Não tem como passar!" Will gritou.

"Um soldado encontra um caminho!" Lord Cranston ligou de volta. Ele pisou em um dos focos de fogo mais próximos, desabotoou sua capa e tirou uma garrafa de água, esvaziando-a sobre o material. Ele jogou para Will. "O quanto você quer salvá-la, garoto? O que você faria? O que você daria?"

Só havia uma resposta para isso.

"Qualquer coisa", disse Will. Ele adicionou sua própria água à de Lord Cranston, então envolveu o manto de Lord Cranston firmemente em torno de si, esperando que o material fornecesse pelo menos alguma proteção.

Ele mergulhou para frente, saltando pelo trecho onde as chamas pareciam mais baixas, saltando sobre o fogo, *através* do fogo. O calor perverso o lambeu, queimou sua pele, mas ele e Lord Cranston tinham abatido as chamas o suficiente para este salto. Will rolou, chamas se espalhando em sua capa emprestada, e voltou a ficar de pé a tempo de cortar a perna de um soldado. O homem cambaleou para trás, e isso criou uma abertura para Kate enfiar sua espada em sua garganta.

Ainda havia cinco deles, porém, e as chamas ainda estavam se aproximando.

"Temos de ir!" Will gritou para Kate acima do rugido das chamas. Ele a agarrou, conseguindo agarrar seu braço e puxá-la para ele. Ele olhou em volta procurando um ponto por onde pular, mas agora não havia lugares onde as chamas estivessem baixas e o calor evitável. No entanto, também não havia espera, porque cada segundo aproximava as fogueiras.

Will sabia que havia apenas uma coisa a fazer.

"Eu te amo", disse ele, antes de dobrar Kate em seus braços. Ele se envolveu ao redor dela, a capa envolvendo os dois. Ele só esperava que a combinação fosse suficiente para manter Kate segura.

Ele mergulhou os dois no fogo, a dor imediata quando o calor o atingiu. Will passou tempo suficiente em torno da forja para saber que a dor era boa, porém, porque as piores queimaduras passavam pela dor e saíam do outro lado, tirando a capacidade do corpo de senti-las.

Isso não teve nenhuma misericórdia cruel. Em vez disso, Will gritou quando ele e Kate atravessaram o fogo juntos, embora o calor tenha tirado até o fôlego de sua garganta. Seu salto através das chamas só pode ter sido uma batida de coração ou duas de movimento, mas pareceu durar uma eternidade.

Eles caíram na terra, e cada toque dela trouxe dor para Will. Suas costas estavam em agonia, os restos do manto de Lord Cranston caindo, ainda em chamas.

"Vai!" Kate gritou. Will olhou para ela, certificando-se de que ela estava certo, que ela não tinha sido ferida pelo fogo. Essa era a parte disso que importava, não qualquer dor que estivesse rastejando por seu corpo naquele momento.

"Will, você está ferido", disse Kate, ajoelhando-se ao lado dele, seus dedos tocando sua bochecha com surpreendente ternura.

"Eu vou... ficar bem," ele prometeu a ela.

"O que você estava pensando?" ela exigiu. "Você poderia ter sido morto."

"Isso não importa, se você estiver seguro", disse ele.

"Claro que importa, seu idiota", ela respondeu. "Eu amo Você."

Essas poucas palavras pareciam tirar mais dor do que Will poderia têm acreditado. Ele teria sofrido muito mais ao ouvi-los do que algumas queimaduras.

"Precisamos colocá-lo em segurança", disse Kate. "Nós precisamos..."

Ela parou, e Will levou um momento para perceber que ela estava olhando além do limite do fogo que eles colocaram no lugar, para um local onde um pequeno grupo de soldados de Ashton encontrou um caminho para as dunas, através de um pequeno espaço onde o fogo se extinguiu. Eles estavam avançando em silêncio, armas em punho, em direção ao local onde Sophia estava dirigindo a defesa contra os ataques do mar.

"Vá," disse Will. Ele podia ver a preocupação no rosto de Kate, a determinação de fazer alguma coisa.

"Mas eu não posso deixar você aqui," Kate disse. "Você está ferido. Você é-"

"Não sou eu quem vai governar Ashton," Will disse. Ele se inclinou para beijar Kate, apesar da dor que o movimento trouxe. "E eu não vou tentar impedi-la das batalhas que você precisa lutar, Kate. Vai. Salve Sofia."

Kate assentiu e saiu correndo, alguns dos homens de Lord Cranston a seguindo, seguindo seus passos enquanto ela se apressava pelo mesmo buraco pelo qual o grupo de assassinos havia passado. Will a observou ir, sentando-se para não ter que tirar os olhos dela novamente. Ele não arriscaria perdê-la de vista agora, não arriscaria perdê-la do jeito que pensava que tinha feito antes.

Isso significava que ele viu Kate correndo para frente, sem tempo para ser furtivo, sem tente ser cauteloso. Ela se atirou nos homens que se aproximavam de sua irmã, cortando o primeiro deles antes que ele pudesse se virar. Um segundo começou a girar para encará-la, mas o sabre de Kate o acertou no braço e depois na garganta.

Ela arrancou uma pistola do cinto dele mesmo quando ele caiu, disparando com a mão esquerda.

Os homens que o seguiram colidiram com a força tentando se esgueirar pelas dunas, o som de tiros e aço carregando mesmo sobre a batalha em que estavam. O barulho foi mais do que suficiente para atrair a atenção de Sophia e dos outros ali, e Will viu seu gato da floresta se virando, correndo para se juntar à luta.

Ao seu redor, a luta continuou. Will viu homens caindo quando as lâminas os atingiram, e outros correndo, gritando enquanto tentavam se manter à frente dos incêndios.

Lord Cranston caminhou em direção a ele, estendendo a mão.

"O que você está fazendo aí embaixo, soldado? Ainda há uma batalha a travar."

Will aceitou agradecido e o homem mais velho o colocou de pé.

"Estou orgulhoso de você, Will. O que você fez foi corajoso."

"Eu passaria por mais do que um incêndio por Kate," Will o assegurou.

"Eu não estava falando sobre o incêndio", disse Lord Cranston. "Eu estava falando sobre ser corajoso o suficiente para deixá-la voltar à luta."

"Como se eu pudesse parar Kate," Will disse. Ele estremeceu com a dor nas costas.

"Como se qualquer um de nós pudesse", disse Lord Cranston. "Agora, você está pronto para continuar lutando?"

Will queria dizer não. Ele queria se afastar da luta e cuidar de seus ferimentos, mas não podia fazer isso. Enquanto Kate estivesse lá fora, e a luta continuasse, ele faria o que precisasse.

"Sim, senhor", disse ele, pegando sua espada e se preparando para voltar à briga.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Cora se abaixou em uma porta enquanto tiros de mosquete deslizavam pelas pedras de Ashton. Ela teve que se forçar a voltar lá quando os soldados correram para a rua, atacando ela e os outros nas forças de Ishjemme.

Os dois grupos se chocaram com uma força doentia, e um soldado enfiou uma lança nela. Cora conseguiu se jogar para o lado bem na hora. Seu corte em resposta errou o alvo, mas Aidan estava lá então, sua espada derrubando o homem que a atacava. A violência veio em uma breve explosão, ameaçando pegá-los todos na rua para serem derrubados por arqueiros ou canhões, mas em instantes eles estavam claros, correndo para se juntar à força principal de Hans.

Emeline estava ao seu lado enquanto a prima de Sophia dirigia os combates nesta seção da periferia. Cora adivinhou que ela lhe daria atualizações sobre a situação de Sophia, se houvesse alguma. A julgar pelo olhar preocupado no rosto de Emeline, não havia.

"Mais soldados", disse Cora, quando se aproximaram.

"Eles estão lutando de casa em casa", disse Hans em resposta. "Eles sabem que eles têm a vantagem de conhecer a cidade melhor do que nós."

"Não melhor do que *todos* nós," Cora apontou.

Emeline assentiu com isso. "Cora costumava trabalhar no palácio, e eu conheço todos os melhores caminhos pelas ruelas."

"Poderíamos cortar Sheerwater Street", sugeriu Cora. "Se entrarmos nos cinemas de lá, eles terão boas vistas dos telhados próximos."

"Seria bom ter um terreno alto", disse Hans. "Muito bem. Seguiremos sua liderança."

Cora engoliu. Ela não quis dizer que ela deveria de repente assumir o comando de um exército inteiro.

"Você pode fazer isso," Emeline assegurou a ela. "Você só tem que nos mostrar o melhor caminho."

Cora assentiu e então partiu, as forças de Ishjemme seguindo em seu rastro. Ela liderou o caminho por ruas estreitas, cortando um espaço onde os açougueiros penduravam seus produtos após o abate. O cheiro dele estava muito próximo daquele que já enchia as ruas.

Ela empurrou através dele, empurrando para o lado os lados de carne bovina e suína que pendiam de ganchos, fazendo-os balançar. Ela ainda estava fazendo isso quando uma figura saiu do caos, um cutelo na mão.

"Morram, invasores!" ele gritou. Ele não estava usando o uniforme de nenhum dos grupos de soldados e parecia mais um açougueiro do que um lutador. Mesmo assim, o cutelo balançando para a cabeça de Cora era mais do que afiado o suficiente para dividi-lo se acertasse.

Aidan estava lá então, interceptando o golpe e empurrando o homem para trás. Ele ergueu a espada para um contragolpe, mas Cora segurou seu braço.

"Aidan, espere, ele é apenas alguém protegendo sua casa", disse ela.

Aidan estava de pé sobre ele, e Cora sabia sem que lhe dissessem que ele estaria passando pelos pensamentos do açougueiro.

"Você está certo", disse ele. Ele se virou para o açougueiro caído. "Não estamos aqui para machucar você. Só precisamos passar pelo seu prédio."

"Para matar pessoas inocentes!" disse o açougueiro. "Eu sei como vocês, forasteiros, são, vocês vão..."

Cora percebeu que não havia chance de convencê-lo. Em vez disso, ela chutou o cutelo dele e o ignorou. Eles tinham uma cidade para tomar. Ela continuou na frente, saindo na Sheerwater Street, onde dois velhos teatros em ruínas ficavam acima do resto dos prédios ao redor, inclinando-se tanto sobre a estrada que quase se tocavam.

"Ali", disse Cora, apontando. "Se chegarmos lá, poderemos ver onde as tropas reais estão escondidas."

Ela e os outros avançaram pela rua agora vazia. Essa era uma sensação estranha em Ashton, onde normalmente qualquer viagem significava ser cercado por dezenas de estranhos, tendo que cuidar de sua bolsa em caso de batedores de carteira. O silêncio absoluto foi desconcertante quando Hans fez sinal para que os homens se aproximassem das portas dos teatros, carregando machados que pareciam mais adequados para derrubar árvores do que para lutar uma batalha.

As lâminas do machado se cravaram nas portas, e elas se estilhaçaram. Num instante, o silêncio deu lugar a gritos e sons de violência.

"Tem soldados aí!" Cora gritou, enquanto mais tropas de Ishjemme entravam no espaço. Um homem recuou da violência, sua túnica coberta de sangue. Cora fez o possível para puxá-lo para longe da luta enquanto ele caía, tentando levá-lo a algum tipo de segurança.

Mas não havia segurança. Tão quieta quanto a rua estava momentos antes, agora estava inundada de figuras lutando, algumas saindo dos prédios próximos, outras marchando pelas ruas laterais. Cora não sabia se eles estavam esperando em uma emboscada, ou se eles apenas se reuniram para o

sons de violência. Nas curvas e reviravoltas das ruas de Ashton, era impossível dizer o que estava acontecendo.

Um grupo de soldados correu para eles, e Cora se viu cara a cara com um deles, que tinha uma espada erguida para um golpe descendente. Lembrando-se de suas breves aulas de espada, Cora empurrou, e sentiu a lâmina que ela segurava afundar. Essa foi uma sensação muito diferente de derrotar Emeline em uma partida-treino. Não havia nada da mesma alegria nisso, apenas a sensação nauseante de carne dando lugar a uma borda afiada, misturada com alívio que não era ela quem estava caindo no chão, morrendo.

Ela deu um passo para trás, cedendo quando outro soldado veio até ela, aparando um golpe. Aidan entrou na brecha, empurrando o homem para trás, e eles continuaram lutando. Em questão de segundos, parecia que as coisas haviam crescido tanto que havia brigas por toda parte. Cora viu Aidan preso em uma luta corpo a corpo com um dos soldados, os dois travados juntos, nenhum deles capaz de soltar o braço da espada do outro.

Cora pegou um mosquete de um homem caído, trabalhando para carregá-lo. Pareceu levar uma eternidade, seus dedos tremendo com a necessidade de trabalhar rapidamente. Ela teve que despejar pólvora e enfiar o chumaço, adicionar uma bola de chumbo e preparar o pavio, tudo isso enquanto os homens lutavam ao seu redor, as lâminas colidindo ao seu redor. Forçando-se a ficar calma, ela ergueu o mosquete, apontou-o e puxou o gatilho.

Por um momento a fumaça dele encheu o mundo, mas quando se dissipou, o homem que estava lutando com Aidan estava cambaleando.

Hans e Emeline, enquanto isso, estavam se aproximando, em meio à pressão de tudo.

"Precisamos de outra rota!" Hans gritou, acima do barulho da batalha.
"Qual caminho?"

Cora tentou pensar, então apontou. "Por aqui. Talvez consigamos entrar no mercado."

"Bom, podemos reagrupar lá", disse Hans.

Cora liderou o caminho, os outros a seguiram. Pareceu levar uma eternidade antes que eles saíssem na praça do mercado, barracas e barracas abandonadas onde haviam sido montadas. Ela caminhou para dentro dele, o povo de Hans seguindo, os sons da batalha ainda lá no fundo enquanto o mais lento deles travava uma batalha contínua com o inimigo.

"Quando cheguei aqui, não esperava isso", disse Hans. "A guerra deve ser limpa, *ordenada*. Os exércitos são feitos para enfrentar uns aos outros no

campo, não briga nas ruas.”

“De alguma forma, duvido que a guerra tenha sido *legal*”, disse Cora, pensando em como deve ser para as pessoas comuns de Ashton enquanto dois exércitos lutavam pela cidade. Mesmo com os soldados de Ishjemme tentando ser cuidadosos, quantos morreriam presos entre os dois?

“Isso precisa acontecer,” Emeline disse, obviamente vendo alguns de seus pensamentos. “Você viu o país que a viúva criou. Rupert será pior.”

Cora assentiu. Ela poderia concordar com isso. Foi só que o que foi preciso para mudar tudo era tão caótico. Ainda assim, eles começaram a impor um pouco da ordem que Hans queria em seu exército enquanto se moviam para o meio do mercado, começando a formar suas forças, prontas para o próximo empurrão. Eles formaram quadrados apertados, homens tirando um momento para descansar enquanto se preparavam para marchar em direção ao palácio.

Então os soldados inimigos começaram a marchar pelas ruas laterais que levavam à praça.

Havia mais deles do que Cora poderia acreditar, vestidos com as cores de uma dúzia ou mais de famílias nobres da cidade. Isso a fez franzir a testa, porque ela não teria pensado que os nobres se importariam o suficiente com a família da viúva para querer lutar por ela. Isso não importava então embora. O que importava era que eles estavam colocando o canhão no lugar.

Cora se jogou no chão enquanto eles rugiam, então rugiu novamente. Soldados caíram ao redor dela, à esquerda e à direita, enquanto as armas soavam. Ela procurou por Aidan e Emeline e os encontrou agachados atrás do abrigo esguio de um carrinho de mão. Hans estava com eles, segurando um ferimento na perna que já havia sangrado através do pano escuro.

“Somos alvos fáceis como este”, disse Cora.

“Não consigo ver uma saída”, disse Hans. “Emeline, você pode pedir ajuda a Sophia?”

“Eu posso tentar,” Emeline disse. Cora a viu se concentrar por um momento. “Eu estou nem tenho certeza se ela me ouviu.”

Cora tinha que esperar que ela tivesse. A alternativa era que eles tivessem que ficar ali sentados enquanto o canhão os matava. No entanto, quem poderia vir em seu auxílio? Os homens de Kate e Lord Cranston saíram em uma tentativa de ajudar Sophia, e Cora não tinha ideia se eles conseguiram. Ulf e Frig deveriam estar entrando com forças pelo portão do rio, mas não havia sinal deles. Vários navios tinham acabado de partir na preparação para a luta. Eles estavam sozinhos.

Então, de repente, eles não eram.

Figuras colidiram com um dos grupos de soldados, estranhamente vestidos e movendo-se estranhamente. Alguns dos soldados pareciam congelar no lugar enquanto atacavam, suas mentes capturadas, enquanto outros corriam com medo que provavelmente não podiam explicar. Um jovem arremessou um soldado que parecia ter o dobro do seu peso com quase nenhum esforço.

Cora reconheceu os guerreiros de Stonehome imediatamente. Asha e Vincente estavam em seu coração, Asha atacando com um par de lâminas finas, Vincente com algo mais parecido com um cutelo. Eles cortaram o grupo de soldados com a mesma facilidade com que cortaram os aldeões que tentaram queimar ela e Emeline.

Não havia o suficiente deles para vencer sozinho, no entanto.

"Precisamos atacar!" disse Cora.

Hans assentiu, forçando-se a ficar de pé apesar do ferimento.
"Avançar!"

Eles atacaram, e Cora teve que lutar para não se abaixar toda vez que o estrondo de um canhão vinha. Eles se chocaram contra os soldados que bloqueavam a rua, e agora a luta se transformou em um amontoado de corpos e lâminas cortantes. Cora atacou qualquer um que vestisse as cores de um dos nobres, sem ter tempo para pensar, bloquear ou fazer qualquer coisa além de esperar que a luta terminasse.

em breve.

Em todo o caos, Cora se viu matando um soldado, apenas para descobrir ela mesma cara a cara com Asha. A líder de Stonehome brevemente olhou como se estivesse pensando em cortar Cora, então ficou de costas com ela, atacando qualquer soldado que chegasse perto.

"Você nos seguiu", disse Cora. "Você veio para ajudar."

"Viemos rastrear nosso segredo", disse Asha.

"Mas você está lutando de qualquer maneira?"

"Talvez isso seja bom para Stonehome," Asha respondeu. "Talvez ter um de nós no trono ajude."

"Vai," Cora assegurou a ela, aparando um golpe de um soldado. "Quando você conheça Sophia, você vai entender."

"Não pense que isso significa que eu gosto de você," Asha disse. "Isso não acabou. Você partiu com nosso segredo intacto. Eu quero pegar. Só ainda não."

CAPÍTULO DEZESSETE

Lucas atravessou Ashton sozinho, deslizando silenciosamente pela letalidade da batalha em direção ao local onde a entrada do rio era barrada por seus grandes portões. Toda vez que ele via um grupo de soldados abaixo, uma parte dele queria pular do caminho do telhado e se juntar à luta, mas ele se controlava. O oficial Ko sempre lhe ensinara que a chave era lutar as poucas batalhas que importavam.

A batalha pelo portão do rio era importante.

Deveria ter aberto na primeira corrida da batalha para deixar suas forças entrarem na cidade. Os homens que Sophia enviou para fazer isso deveriam ter sido capazes de encurtar a luta por Ashton, permitindo que Ulf e Frig entrassem na cidade. No entanto, não havia aberto, e Lucas podia ver suas forças agora, presas contra a costa por flechas e tiros de canhão. Se eles ficassem lá por muito mais tempo, Lucas temia o que poderia acontecer com seus primos.

Ele podia ver o portão do rio agora, de pé à frente em uma sólida barreira de madeira. Soldados se aglomeraram em torno de seus mecanismos de guincho, controlando-os e certificando-se de que ninguém pudesse atacar de fora ou da rua. Os corpos de pelo menos uma dúzia de homens Ishjemme jaziam espalhados, obviamente aqueles que Sophia enviara para tomar o portão.

Lucas se viu considerando o rio em vez disso, e os barcos que estavam em grande parte abandonados nele, seus donos procurando lugares mais seguros para se esconder uma vez que a batalha começasse. Ele desceu do telhado em que estava, respirou fundo e correu para a margem do rio.

Seu primeiro salto o aterrissou no convés de um barco com um barulho de madeiras. Lucas recuperou o equilíbrio e correu, mantendo o ritmo. Ele pulou a lacuna para o próximo barco como se fosse o espaço de um trampolim para outro, e não parou. A terceira abertura era maior, e por um momento ele pensou que não conseguiria, mas seus braços agarraram a lateral da barca para a qual ele estava pulando, e ele conseguiu se erguer.

Lucas ouviu um grito da outra margem e acelerou, sabendo que não havia mais tempo. Uma flecha passou por ele enquanto corria, e Lucas sentiu a atenção de um mosqueteiro a tempo de se abaixar quando um tiro veio. Ele não parou, porém, dando o salto final para o outro lado do rio mesmo enquanto desembainhava suas espadas curvas.

Os homens vieram até ele, e Lucas adivinhou então que todas aquelas horas passadas com seus mestres da espada não tinham como objetivo torná-lo apto para ser um rei; eles teriam

estava preparando-o para este momento. O oficial era mais do que esperto o suficiente para ver isso chegando. Lucas abaixou-se sob um golpe de espada, cortou o braço de um homem e continuou correndo, não deixando que a batalha o atrasasse enquanto corria para o mecanismo do portão.

Um homem veio até ele e Lucas o jogou para o lado, girando-o sobre seu quadril. Outro avançou e Lucas enfiou a espada da mão direita no coração do homem, depois derrubou uma terceira com um golpe com as costas da mão. Ele se desviou de outro corte e continuou se movendo, forçando seu caminho até os degraus de pedra que levavam ao mecanismo.

Os homens desceram em sua direção, e não havia como evitar todos eles. Lucas sentiu uma lança roçar seu ombro enquanto empurrava para cima, sentiu a dor aguda de uma espada em seu antebraço. No entanto, esses eram ferimentos menores, e os que ele entregou em troca mais do que pagou por eles. Lucas lutou com uma mistura de graça e controle, cada balanço de suas lâminas medido, cada ataque projetado para movê-lo para frente.

Mesmo assim, pareceu demorar uma eternidade antes que ele chegasse ao pequeno espaço onde ficava o mecanismo do portão. As cordas seguraram firme, enquanto três homens permaneceram entre Lucas e seu gol.

Ele fintou alto e então cortou baixo em direção ao primeiro. Quando o homem saltou para trás, Lucas se virou e chutou o segundo no peito, forte o suficiente para mandá-lo cair por cima do muro. O terceiro ergueu um mosquete e Lucas jogou a espada da mão esquerda, fazendo-a girar de ponta a ponta para se enterrar no peito do homem. Ele aparou um corte do terceiro, então desceu sua espada restante com força nas cordas que seguravam o mecanismo do portão no lugar.

Lentamente, inexoravelmente, começou a girar.

"Você provavelmente deveria correr", disse Lucas ao soldado, que o encarou por apenas um momento antes de se virar para fazer exatamente isso. Homens dispararam contra Lucas das muralhas vizinhas, mas ele manteve o mecanismo do portão girando, e agora ele podia ver os portões começando a se abrir.

As pessoas começaram a entrar pela brecha. Ulf e Frig estavam lá, atacando a massa de soldados de Ashton à espera, cortando e cortando. Mais do que pessoal de Ishjemme afluiu, e muito mais. Lucas correu para se juntar a eles, recuperando sua espada lançada antes de mergulhar na briga.

Em segundos, ele foi pego pela violência, mergulhando profundamente em seu coração, movendo-se e golpeando, bloqueando e cortando, nunca ficando parado tempo suficiente para que os inimigos o cercassem. Ele abriu caminho em direção a Ulf e Frig, que conseguiram abrir um espaço livre em torno de si no coração da batalha.

"Muito bem, primo," Frig chamou, quando os soldados reais começaram a recuar. "O que agora?"

Lucas apontou com uma de suas espadas. "Agora lutamos para chegar ao coração desta cidade, juntamo-nos às minhas irmãs e tomamos!"

A batalha na praia estava praticamente vencida quando Kate chegou a Sophia. Os homens que ela e Sienne mataram jaziam onde haviam caído, bem aquém de sua irmã. Na praia abaixo, as tropas de Sophia estavam lutando contra os últimos inimigos que tentaram entrar de barco, enquanto Kate confiava em ninguém mais do que Lord Cranston para terminar a luta no campo atrás deles.

Kate se jogou para frente, abraçando a irmã.

"Você está bem?" ela perguntou a Sofia. "Você está seguro? O que você estava pensando, saindo assim?"

"Eu tive que fazer isso", disse Sophia. "Muitos de nosso povo poderiam ter morrido se eu não o fizesse."

"E você pode ter morrido aqui," Kate apontou. Ela não tinha certeza do que ela teria feito se sua irmã tivesse morrido. Ela não tinha certeza se poderia imaginar um mundo sem Sophia nele. "Foi um risco estúpido de correr."

Mas eu não morri, Sophia mandou para ela. *Você me salvou.*

Você não poderia saber que eu faria isso, Kate apontou.

"Eu não fiz," Sophia disse, "mas eu tive que fazer isso de qualquer maneira. E agora... agora temos que levar Ashton.

Kate assentiu. "Vamos fazer isso juntos."

Ela viu Sophia sorrir com isso, esfregando a redondeza de sua barriga. "Acho que seria melhor se você fosse na frente, irmãzinha. Você pode se mover mais rápido do que eu.

"Então eu vou ter certeza que Ashton está esperando quando você chegar lá," Kate prometeu. Ela abraçou a irmã novamente. "Não faça nada perigoso enquanto eu estiver fora?"

"Eu sinto que deveria estar perguntando isso a você," Sophia rebateu. "Eu serei multar. Meus homens e eu seguiremos. Devo esperar que os portões do palácio estejam abertos quando eu chegar lá?"

"Conte com isso."

Kate riu e correu para onde os homens de Lord Cranston estavam esperando, de pé nos restos fumegantes do campo de trigo. Seus inimigos eram

morto ou tinha fugido, deixando-os no controle dela.

"Precisamos voltar para a cidade", disse ela. "Vocês estão todos comigo?"

Embora eles já estivessem exaustos, a alegria que voltou ainda era o suficiente para fazer Kate sorrir. Ela procurou o local onde Lord Cranston estava, seus oficiais lhe dando relatórios.

"Lorde Cranston, você está em posição de continuar o ataque à cidade?"

Ele assentiu. "Vá em frente, Kate. Homens, formem-se! Vamos voltar para Ashton!"

Fez o coração de Kate inchar de confiança ao ver a velocidade com que eles fizeram isso, prontos e até ansiosos para a próxima luta. Ela marchou no coração deles, não na corrida frenética que tinha sido quando ela estava tentando salvar sua irmã, mas ainda se movendo rapidamente.

Eles alcançaram os arredores da cidade novamente em minutos, e Kate tentou use seus ouvidos para identificar onde a luta foi mais difícil. Esse seria o local para onde eles se dirigiriam, porque esse seria o local onde eles seriam necessários.

"Por ali", disse Kate, apontando para o coração da cidade.

Ela tinha sua espada pronta para problemas enquanto avançava, uma pistola preparada contra a violência que ela sabia que deveria estar em algum lugar à frente. Ela liderou o caminho ao longo de ruas de paralelepípedos e sob linhas de roupa lavada entre as casas, o clamor do aço se aproximando.

À frente, ela viu duas forças apanhadas em batalha. Um lado usava as cores de Ishjemme, enquanto os outros usavam uma variedade heterogênea de cores nobres. Kate ficou de pé e observou a violência por um momento, seus olhos escolhendo um jovem no centro dela, girando e cortando, movendo-se com o tipo de graça e letalidade que só poderia significar uma coisa.

Lucas?

Ele olhou para cima, seus olhos procurando os dela através do campo de batalha. Mesmo em aquela distância, Kate o viu sorrir.

Irmã, você está aqui.

Eu estarei, Kate mandou de volta, e então deu um grito de guerra enquanto avançava para se juntar à briga, sabendo sem ter que pedir que os homens de Lord Cranston se juntariam a ela. As últimas fileiras do inimigo começaram a se virar enquanto corriam para a frente, mas já era tarde demais. Kate disparou sua pistola no inimigo mais próximo, cortou outro e mergulhou fundo na confusão.

Ela cortou seu caminho em direção a seu irmão e pôde ver Lucas à frente, ceifando seu caminho em direção a ela por sua vez. Os homens presos entre os dois não

parecem saber para onde se virar, e muitos deles se contentaram em correr pelas ruas laterais, tentando fugir da pressão de ambos os lados.

Como nuvens de tempestade se afastando, as forças reais se dispersaram, deixando Kate enfrentando o jovem que ela tinha visto do outro lado do campo de batalha. Ela podia sentir a conexão com ele instantaneamente, e abriu os braços, puxando-o para um abraço cuidadoso apenas pela presença de tantas lâminas.

"Irmão!"

"Irmã", Lucas respondeu com um sorriso. "Eu te conheci antes, é claro, mas espero que desta vez não haja uma bruxa possuindo seu corpo, tentando fazê-lo me matar."

"Eu só estou interessado em matar um grupo de pessoas hoje," Kate o assegurou. "E a maioria deles está no palácio."

"Então devemos ir nessa direção", disse Lucas. "Sophia não está com você?"

"Ela está seguindo", disse Kate. "E eu quero ter certeza de que a cidade está bem e verdadeiramente segura antes que ela chegue aqui."

"Um bom plano," Lucas concordou.

Kate olhou para o palácio. Ela não tinha dúvidas de que a viúva forças já o teriam reforçado, mas isso não importava. Nada importava. Eles estavam dentro dos muros de Ashton agora, e logo, seria deles para dar a sua irmã.

CAPÍTULO DEZOITO

Sophia podia ver que sua nau capitânia não seria reflutuada às pressas; a viagem para a praia tinha rasgado buracos em seu casco perto da quilha, deixando feridas abertas que levariam a atenção de uma equipe de construtores navais para curar. Fazia com que parecesse uma baleia encalhada que havia sido caçada por gaivotas até o osso.

Algumas das embarcações menores tinham calados mais rasos, porém, e ela ficou observando enquanto seus homens começavam a empurrá-los de volta para a água.

Sienne não parecia impressionada com a perspectiva, choramingando enquanto Sophia se dirigia para a linha d'água.

"Eu sei", disse ela. "Mas é só mais uma viagem de barco, então estaremos de volta em terra."

O gato da floresta ainda não parecia impressionado, mas pulou no barco. Sophia conseguiu entrar com menos graça, mas os marinheiros estavam à disposição imediatamente, ajudando-a a embarcar. Soldados empilharam-se nos barcos, amontoando-os já que havia menos disponíveis e se preparando para a perspectiva de outra batalha árdua.

"Leve-nos de volta para a cidade," Sophia ordenou. "O mais rápido que puder."

"Sim, majestade", respondeu um dos oficiais, e os remadores do barco começaram a trabalhar na água, enquanto os marinheiros levantavam a vela. Havia ainda menos navios agora do que no caminho para a praia, mas Sophia não estava com medo. Ela tinha feito o que veio fazer. Ela havia comprado tempo para suas forças.

Sophia ainda podia ver as naves inimigas à distância, mas elas pareciam estar recuando agora, como se percebesse que sua parte na batalha havia acabado. Talvez eles estivessem esperando que ainda pudessem correr para se proteger. Sophia ficou feliz com isso, porque ela e os outros ainda estavam vulneráveis enquanto voltavam para a cidade. Ainda havia muita água aberta para cobrir.

Não havia ninguém para atacá-los nesta curta jornada, porém, e foi só quando Sophia se aproximou da cidade que ela ouviu os sons da batalha novamente, viu os últimos combates na batalha de navio a navio no porto. Com a maioria dos navios seguindo-a, parecia que os que ficaram para defender Ashton estavam sendo esmagados. Mesmo enquanto observava, Sophia viu um navio inclinando-se bruscamente, tombando com velocidade surpreendente nas águas ao redor.

Outro navio estava em chamas, transformado em uma espécie de farol flutuante pela violência.

Os navios de Sophia deslizaram para a frente para se juntar à briga, dois deles se aproximando um navio inimigo maior, a tripulação jogando ganchos para puxá-los ao lado. Eles invadiram o convés como formigas, a tripulação oprimida pelos recém-chegados, mesmo enquanto tentava enfrentar os navios que já estavam lá.

A nave de Sophia ficou fora da violência. Ele se conteve, e ela adivinhou que seu capitão estava tentando protegê-la. Nesse caso, ele obviamente não aprendeu a lição de tudo o que eles acabaram de fazer: ela não precisava ser protegida, não se isso significasse que mais de seu povo morreria.

Ela viu o portão do rio começando a se abrir e sabia que esta era sua chance de agir.

"Lá", ela ordenou, "na cidade."

Já Sophia podia ver tropas terrestres entrando, entrando para reprimir qualquer resistência nos portões. Mesmo assim, ela sabia que a chave seria colocar tantos soldados quanto possível dentro das paredes internas de Ashton o mais rápido possível. Seu navio virou para se aproximar do portão do rio, assim como todos os outros de sua frota.

O navio deslizou para a cidade como um tubarão se lançando na rede de um pescador para roubar sua pesca. Ao redor de Sophia, o ar estava denso de fumaça e sons de violência. À medida que o navio se aproximava da costa, encostando-se à margem do rio, Sophia saltou mais graciosamente do que havia embarcado, com Sienna se juntando a ela e os homens correndo para acompanhá-lo.

"Vocês homens, ajudem a proteger este lado do rio para que os outros possam desembarcar," ela ordenou, apontando. "Você, pegue um destacamento e certifique-se de que não estamos prestes a entrar em um contra-ataque. Quero batedores nos telhados e mensageiros enviados aos meus primos para descobrir onde estão todos na cidade.

Encontrar Kate foi mais fácil, porque significava apenas estender a mão com seu presente.

Kate, Lucas, Emeline, onde estão todos vocês?

Lucas e eu estamos no desfile real, Kate mandou de volta.

Também estamos a caminho, mandou Emeline.

Nós nos juntaremos a você lá, Sophia respondeu, então se virou para suas tropas, levantando a voz dela. "Estamos indo para o desfile real. Fiquem juntos, e mantenham-se disciplinados. Não quero saques, nem pessoas inocentes feridas. Estamos libertando esta cidade, não a conquistando."

Ela provavelmente não precisava dizer isso, mas ela queria ter certeza. Ela partiu pela cidade, soldados movendo-se ao seu redor em um amplo círculo de proteção.

Sophia podia ver rostos nas janelas de algumas das casas, alguns deles olhando brevemente para fora e correndo para trás, outros olhando com medo óbvio. Sofia

podia entender isso: eles não sabiam quem ela era, ou que eles estavam seguros. Tudo o que eles viam era um exército invasor, vindo do outro lado do mar para tomar sua cidade.

Ela precisava fazer algo sobre isso.

“Envie grupos de pregoeiros e mensageiros”, disse Sophia. “Tê-los grite quem somos e que estamos aqui para libertá-los do domínio da viúva.” Um pensamento lhe ocorreu; o pensamento mais importante de todos, de várias maneiras. — E faça com que gritem que há uma recompensa por qualquer informação que nos permita encontrar Sebastian em segurança.

Sophia não tinha certeza do que faria se ele *não* estivesse seguro. Ela não tinha certeza se alguma coisa poderia transformá-la no tipo de conquistadora encharcada de sangue que as pessoas pareciam temer, mas ela suspeitava que se alguma coisa pudesse, seria a notícia de que algo havia acontecido com Sebastian.

Ela só tinha que esperar que não chegasse a isso.

“Avançar!” Sophia ordenou, e eles continuaram a avançar pela ruas. A parte mais estranha era como as coisas estavam quietas lá. Ela podia ouvir os sons da batalha em algumas das ruas menores ao redor deles, mas a maior parte da cidade estava silenciosa, exceto pelos chamados dos mensageiros que ela enviou. Quase não havia sinal de inimigos agora.

Parecia mais um desfile do que uma batalha. Sophia caminhava em um espaço aberto, acalmada pela presença de suas tropas ao seu redor, Sienne ao seu lado, com as orelhas do gato da floresta erguidas enquanto observava o perigo. No entanto, não havia perigo a ser encontrado. Parecia que aqueles soldados inimigos que estiveram lá foram enviados para outro lugar, ou viram que a cidade havia caído em tudo, menos nome.

Gradualmente, as pessoas começaram a sair de suas casas, algumas abrindo janelas para olhar para fora, outras entrando hesitantes nas ruas. Quando aqueles não foram feridos pelos soldados ao redor de Sophia, mais se juntaram a eles, formando uma multidão que a encarava, ainda sem compreender bem o que estava acontecendo.

Sophia fez o possível para explicar enquanto caminhava. “Povo de Ashton, meu nome é Sophia Danse. Sou a Filha de Lord Alfred e Lady Christina Danse, e sou a herdeira legítima deste reino. Não estou aqui porque quero conquistar você! Estou aqui porque quero salvar o homem que amo!”

Ela continuou chamando por eles. Era uma sensação estranha, estar no centro de tanta atenção, mas Sophia não se sentiu tão nervosa fazendo isso como ela pensou que poderia. Ela se sentiu quase como se estivesse exatamente onde deveria estar, como se tudo isso fosse precisamente o que deveria estar acontecendo naquele lugar.

momento. Alguém jogou uma flor e Sophia a pegou, girando-a em suas mãos e depois enfiando-a em seu cabelo.

Foi um momento de paz, mas ao seu redor, Sophia podia ver sinais de que as coisas não estavam nada pacíficas há pouco tempo. Algumas das casas vizinhas tinham marcas de tiros de canhão em pedras em ruínas ou buracos perfurados na madeira. Um casal ardia em ruínas, embora felizmente houvesse poucos deles. Também era impossível ignorar os cadáveres que enchiam as ruas, soldados reais e homens com as cores de Ishjemme deitados onde haviam caído.

"Vamos enterrar todos eles," Sophia sussurrou para Sienne.

Atrás dela, Sophia podia ver a multidão começando a segui-la, as pessoas seguindo suas forças como a cauda de um cometa.

Eles seguiram em frente, e agora o desfile real estava à vista, a grande largura que conduzia ao palácio. Ali ainda soava o choque de lâmina contra lâmina e o latido de mosquetes. Sofia não hesitou.

"Cobrar!" ela ordenou, e para sua surpresa, não foram apenas os soldados com ela que correram para lá. Alguns da multidão com eles também, a massa extra se acumulando nos soldados que tentavam bloquear a rota para o palácio.

Sophia viu Lucas lá embaixo, lutando no centro da batalha, e Kate ao seu lado. Eles cortavam e empurravam em harmonia aparentemente perfeita, cada um atingindo as lacunas que os outros deixavam. Combinado com o peso das tropas extras se juntando à luta, em momentos, as forças reais estavam correndo. Kate parecia querer correr atrás deles, mas em vez disso, ela se virou para Sophia.

Sophia foi até ela para abraçá-la.

"Ashton é nosso", disse Kate com um sorriso.

Lucas se adiantou, oferecendo uma reverência, mas Sophia não ia deixar por isso mesmo. Em vez disso, ela o puxou para seu abraço, segurando-o perto de sua irmã.

"Obrigada", disse ela, "a vocês dois."

Eles recuaram.

"Foi um prazer", disse Lucas.

Kate assentiu. "Eu sempre *quis* atacar Ashton com um exército. De claro, do jeito que eu imaginei, mais disso acabou pegando fogo."

Sophia não tinha certeza de quão séria sua irmã estava falando, embora pelo que ela tinha feito no orfanato, havia todas as chances de que Kate estivesse falando sério.

"Estou feliz em ver você se recuperando de tudo que Siobhan fez com você." disse Sofia. "Achei que teríamos que invadir sem você."

"Você quase fez", disse Kate.

Sofia balançou a cabeça. "Nós não poderíamos ter feito isso sem você. Você trouxe o pessoal de Lord Cranston, e você me salvou na praia.

"Você foi quem atraiu suas forças," Kate apontou.

Lucas riu. "Talvez devêssemos apenas dizer que vocês dois foram incríveis e deixar por isso mesmo. Sophia, Ashton é seu.

Sophia olhou para o palácio. "Não tudo disso. Não é a parte que importa."

Até que tivessem o palácio, eles não teriam quaisquer elementos dos partidários da viúva que permanecessem. Não teriam o maior símbolo de poder da cidade, nem o coração do governo do reino. Mais importante, eles não teriam Sebastian. Nada disso contava se eles não pudessem chegar até ele. Para todos os outros, essa invasão provavelmente já parecia um sucesso, mas sem ele, foi um fracasso, puro e simples.

"Nós tomaremos o palácio," Lucas prometeu.

Kate esticou os braços como um mestre da espada faria antes de uma luta.

"Estou ansioso para isso. Apenas nos dê a palavra, Sophia.

Sophia olhou para o palácio. Não era um castelo antigo com espessura paredes, mas ainda tinha defesas. As pessoas lá dentro seriam as mais comprometidas com o regime atual, não preparadas para ceder sem lutar. Eles precisavam entrar lá, porém, ou ela nunca veria Sebastian novamente. Ela não podia permitir que isso acontecesse. Ela não iria.

"Pegue", ela ordenou. "Acabe com isso e traga Sebastian de volta para mim."

CAPÍTULO DEZENOVE

Sebastian tentou ficar de pé enquanto o levavam para fora de sua cela na torre, sua braços amarrados atrás das costas. Ele tentou não demonstrar nenhum medo, tentou ser tudo o que um príncipe deveria ser. Ele olhou ao redor, tentando encontrar uma maneira de escapar, mas quatro soldados o escoltaram, cada um com uma mão cautelosa no punho da espada. Não havia nada a fazer a não ser caminhar.

Eles levaram Sebastian para baixo pelo palácio, e os servos pararam em suas tarefas quando ele passou, observando-o enquanto ele ia para a morte. A maioria deles tinha as expressões cuidadosamente vazias de pessoas que aprenderam há muito tempo que não podiam se dar ao luxo de mostrar qualquer reação às coisas que seus superiores faziam. Eles não podiam se envolver, porque sabiam tudo o que isso poderia lhes custar.

Os soldados levaram Sebastian para um pátio, onde uma forca estava esperando, um bloco de carrasco colocado em cima dela. Um carrasco estava ali segurando uma espada de duas mãos, sua máscara sem feições, sem noção de quem ele era ou como se sentia sobre as ordens que recebera. Uma sacerdotisa da Deusa Mascarada estava por perto, já cantando ritos funerários, embora Sebastian ainda vivesse.

Mais servos estavam ao redor, a única audiência para o que deveria ser o último evento de sua vida. Sebastian reconheceu Falks, o jardineiro, que o deixara se esconder nos galpões de plantio quando era jovem, Willis, o camareiro, e mais. Havia nobres também, para assistir ao fim da linhagem da viúva. Sebastian não conseguia decidir se a presença deles era uma espécie de homenagem a ele ou uma demonstração de lealdade ao novo governante. Em última análise, não importava.

A parte que importava estava chegando rápido demais.

“Continue com isso,” um dos guardas disse, empurrando Sebastian para frente.
“Ajoelhe-se, traidor, e seja grato por conseguir algo tão rápido quanto uma espada.”

“Eu não sou um traidor,” Sebastian declarou. “Meu irmão matou nossa mãe e Angélica o assassinou!”

Ele não sabia o que estava esperando ao dizer isso. Não convenceu ninguém de que tudo isso foi um erro, não os fez deixá-lo ir. Sebastian não tinha pensado que isso aconteceria, mas ele não iria ficar parado e deixar as mentiras de lado, mesmo que a dor queimasse quando um dos guardas deu um soco em seu estômago.

Os guardas o empurraram para frente, forçando-o a ficar de joelhos. A sacerdotisa trouxe uma máscara de osso branco, ajoelhando-se com ela diante dele enquanto ela a estendia para ele.

"Para cobrir seus pecados e seu medo", disse ela. Provavelmente era para ser uma espécie de misericórdia, ou o mais próximo de uma que a Igreja da Deusa Mascarada já conseguiu.

Sebastião balançou a cabeça. "Não tenho nenhum pecado a temer aqui. Se você quer me matar, você vai fazer isso olhando para o meu rosto."

"Mas—"

"Não faz nenhuma diferença para mim," o carrasco murmurou. "Máscara, sem máscara, a cabeça dele vai sair do mesmo jeito."

Sebastian ouviu o homem se posicionar ao lado dele com passos pesados.

"Se você tem alguma última palavra, pode muito bem dizê-la", disse o homem.

Sebastian se pegou pensando em Sophia então, e as emoções que brotaram dentro dele ao pensar nela eram quase avassaladoras. Ela receberia a carta que ele escrevera para ela? Ela saberia o quanto ele a amava? Ele queria ver o rosto dela de novo mais do que tudo, mas agora... agora parecia que ele seria decapitado aqui, sem cerimônia, sem o benefício de um julgamento real. Parecia uma maneira inútil e tola de acabar com uma vida.

Sebastian olhou para a pequena multidão de servos e nobres, imaginando Sophia lá, esperando o momento em que o golpe de espada que acabou com sua vida cairia. Ele se perguntou o quão afiada era a lâmina. Doeria, ou passaria por seu pescoço antes mesmo que ele percebesse?

Em algum lugar distante, os sinos começaram a soar. Sebastian os ignorou, concentrando-se nos momentos por vir, em seu amor por Sophia. Parecia a única coisa pura em sua vida e... — Alarme! Alarme!" um soldado gritou, correndo para o pátio. "O inimigo

estão forçando seu caminho para o palácio. Precisamos de todos os soldados que temos!"

O pânico chegou ao pátio tão rápido que quase parecia cômico. Em um momento, os nobres estavam esperando a morte de Sebastian, no próximo, eles estavam circulando, empurrando para sair. Os soldados que trouxeram Sebastian para lá correram para a porta, prontos para lutar ou tentando escapar, ele não sabia dizer qual.

O carrasco, porém, não fugiu. "Inimigo ou não, eu ainda posso acabar com você, você—"

Sebastian chutou o mais forte que pôde, pegando o homem no joelho e fazendo-o cambalear para trás, então ficou de pé. O carrasco praguejou e recuperou o equilíbrio, balançando a grande espada que segurava em um arco desajeitado. Sebastian conseguiu se esquivar, a espada desequilibrando o outro homem ao passar por cima.

"Você não pode se esquivar para sempre", disse o carrasco.

O problema era que Sebastian suspeitava que ele estava certo. A força só tinha tanto espaço, e o pátio além estava cheio de pessoas em pânico que tornariam quase impossível escapar sem tropeçar ou cair.

A menos que ele pensasse em algo, ele ia morrer.

"Aqui, alteza!"

Sebastian olhou para o lado da força e ficou surpreso ao ver Falks, o jardineiro, com uma faca de poda nas mãos. Ele a deslizou pelas tábuas da força na direção de Sebastian, e Sebastian se jogou para ela, aterrissando desajeitadamente, mas conseguindo pegá-la com as mãos amarradas.

"Eu vou lidar com você em seguida, jardineiro!" o carrasco prometeu, quando Sebastian começou a serrar as cordas que o prendiam. O outro homem avançou, sua pesada espada subindo lentamente sobre a cabeça de Sebastian.

Os pulsos de Sebastian se soltaram e ele saltou para cima, sob o arco da espada descendente. A faca de podar era curta, mas afiada quando ele a enfiou no peito do carrasco. A máscara do homem significava que Sebastian não podia ver sua expressão, mas ele podia ouvir o suspiro de surpresa, sentiu o homem lutar para completar seu trabalho nos momentos antes de cair.

A espada do carrasco caiu na força e Sebastian a agarrou apesar de seu peso. Vendo-o assim, a maioria dos nobres restantes correu para a porta. Ele se voltou para Falks.

"Você me salvou."

"Bem, você e seu irmão sempre estiveram nas minhas fábricas, mas você não é um assassino, alteza.

"Eu não sou," Sebastian disse. "Mas Angélica é. Ela matou Rupert.

"Ah, bem..." o jardineiro começou.

— O que foi, Falks? disse Sebastião.

"Bem, sua alteza... acho que há algo que você deveria ver."

Sebastian o seguiu o mais rápido que pôde enquanto o jardineiro o conduzia pelo palácio, usando todas as rotas dos criados que nada tinham a ver com os corredores principais. Ele levou Sebastian para um alpendre baixo que servia como sua casa, e que parecia muito maior quando Sebastian era criança.

Enquanto caminhavam, Sebastian podia ouvir os sons da batalha e, ocasionalmente, via soldados correndo de um lado para o outro pelos corredores. Nenhum deles chegou perto, no entanto. Ele suspeitava que a espada que ele segurava tinha muito a ver com isso. Eles conseguiram chegar ao terreno do palácio, depois à casa de Falks.

Rupert estava deitado em uma cama de acampamento no centro dela, seu peito subindo e descendo, apenas um pouco.

"Quão?" Sebastian perguntou, quase incapaz de acreditar que isso estava acontecendo. Ele tinha tanta certeza de que seu irmão estava morto. Agora, ele não sabia o que pensar, ou o que sentir.

"Alguns dos servos o encontraram", disse Falks. "Eles não ousaram chamar um médico, porque isso teria deixado Milady muito infeliz, mas ele ainda estava respirando e eu... ."

— Então você o salvou? Sebastião perguntou. Ele foi até o irmão. No sono, seu irmão parecia tranquilo, quase inocente. Era uma mentira, mas era uma que Sebastian desejava que fosse verdade.

Falks balançou a cabeça. "Não exatamente. Aqui, ele precisa beber um pouco disso."

Ele passou uma garrafa de água que, quando Sebastian a abriu, cheirava a qualquer coisa, menos água. Ele o pressionou nos lábios de seu irmão, deixando um pouco escorrer.

"O que é isso?" Sebastião perguntou. "Um antídoto para o que o envenenou?"

Falks deu de ombros. "Eu tentei o meu melhor, mas venenos são difíceis. Este já tinha feito muito dano."

Lentamente, como se até isso exigisse esforço, os olhos de Rupert se abriram.

"Sebastião?" ele disse, sua voz quase um sussurro. "Isso é você? Eu mal posso... te ver."

"Estou bem aqui, Rupert," Sebastian disse.

"Acho que são meus olhos", disse Rupert. "E o resto de mim."

"O resto de vocês?" Sebastian disse, o medo voltando. Quão gravemente seu irmão estava ferido?

Falks respondeu isso. "A cura não foi capaz de trazer seu irmão de volta. O veneno era demais."

"Estou dizendo isso, Falks," Rupert disse, então tossiu com tanta força que Sebastian pensou que seu peito iria ceder. "Angelica me envenenou. Ela fez um bom trabalho. Minhas pernas não se movem. Meus braços mal conseguem. Passo metade do meu tempo dormindo e metade do resto delirando."

Pela primeira vez em sua vida, Sebastian sentiu uma onda de pena por sua irmão. Rupert sempre foi o forte, o arrojado, o bonito. Agora ele estava deitado em seu berço e quase parecia não haver mais nada dele.

"Você vai ficar mais forte," Sebastian disse.

"E se eu não fizer?" Rupert atirou de volta. "Você acha que Angélica seria estúpido o suficiente para usar venenos dos quais as pessoas se recuperam? E se eu estiver preso assim? Um objeto... uma *coisa* para as pessoas rirem? Um governante não pode ser assim. Não pode ser tão *fraco*."

Sebastian só podia imaginar como seria para Rupert naquele momento. Toda a sua vida, ele tinha sido intocável, forte, livre para fazer o que quisesse. Agora, ele era quase um prisioneiro em seu próprio corpo.

"Haverá aqueles que pensam que eu mereço isso", disse Rupert.

"Ninguém merece que isso seja feito com eles", respondeu Sebastian.

"Não importa o que eles fizeram?" exigiu Rupert. Seus olhos semicerrados lembrando. "Eu fiz coisas que fariam você estremecer, Sebastian.

Já matei mais pessoas do que um vento de peste. Homem e mulher. Eu tenho torturado. Eu te aprisionei. Eu... matei nossa mãe. Eu a esfaqueei tantas vezes..."

"Você não precisa me dizer tudo isso," Sebastian insistiu. Ele não queria ouvir, não queria saber de todas as coisas horríveis que seu irmão tinha feito em sua vida. "Você ainda é meu irmão."

"Eu sou uma fração dele!" Rupert gritou, com um leve indício de sua antiga raiva. "Um monstro. Não, eu era um monstro antes. Agora, eu sou apenas a sombra de um. Você sabia que eu tentei estuprar aquela garota que você tanto ama? E ela não seria a primeira."

A raiva cresceu em Sebastian com esse pensamento, vermelha e crua. "Por que me dizer isso?"

"Porque talvez então você tenha coragem de fazer o que precisa fazer." disse Rupert. "Eu preciso de você... para me matar, irmão."

"O que? Não!" Sebastian balançou a cabeça ferozmente. "Não, eu não vou."

"Eu quero que você", disse Rupert. "E você sabe que eu mais do que mereço. Quero seu perdão, Sebastian, mas também quero sua ajuda. Eu não posso viver assim."

"E se você merecer?" Sebastian atirou de volta, sua raiva tanto pelo que Rupert exigiu dele quanto por qualquer coisa que ele fez. "Por que eu deveria ser o único a fazer isso? Como você pode me pedir para fazer isso?"

"Porque você é meu irmão," Rupert disse, como se isso respondesse tudo.

A pior parte foi que, de uma forma estranha, aconteceu.

Sebastian podia sentir as lágrimas brotando em seus olhos, a dor grande demais para conter. Ele pegou a mesma faca que ele usou para matar o carrasco. Era perversamente afiado, mesmo que nunca tivesse sido feito para combate.

"Eu não acho que posso fazer isso", disse Sebastian.

"Claro que você pode", respondeu Rupert. "Você ouve os sinos de alarme? Significa que minha adorável esposa deixou invasores entrarem. O que você acha que eles farão comigo se me pegarem?"

Sebastian não tinha uma resposta para isso. Sophia tinha todos os motivos para odiar Rupert, mas ele não conseguia imaginá-la sendo cruel ou vingativa. Kate, porém...

"Você estaria fazendo a coisa gentil", disse Rupert. "A *única* coisa."

"Eu..." Sebastian se aproximou, colocando a ponta contra o peito de Rupert, onde estava seu coração.

"Você pode fazer isso, irmão", disse Rupert. "Você sempre foi o único quem cumpriu o dever dele, não foi? Bem, este é o seu dever agora."

Sebastian sufocou as lágrimas. "Eu te amo, Rupert."

Rupert não disse nada por um momento ou dois. Quando as palavras vieram, eles estavam mal acima de uma respiração. "Eu também te amo."

Sebastian empurrou a lâmina para casa.

CAPÍTULO VINTE

Ao redor de Angélica, todos os seus sonhos desmoronaram. Ela ouviu o toque dos sinos que significavam que as pessoas tinham forçado a entrada no palácio, ouviu os gritos, os gritos, o estalo de pistolas e mosquetes. Cada um foi como um golpe de martelo em tudo o que ela havia planejado.

Ela correu pelo palácio, para os quartos reais, passando pelos guardas nas portas.

"O que você está esperando?" ela exigiu, apontando de volta para baixo corredor. "Defenda sua rainha. Junte-se à batalha!"

Os dois homens ali se entreolharam e então partiram na direção que Angélica havia apontado. Ela não tinha ideia se eles realmente se juntariam à luta que ela podia ouvir à distância, ou se eles simplesmente fugiriam assim que estivessem fora de sua vista. Não importava; dois soldados em uniformes reais teriam que lutar, porque os invasores não lhes dariam outra escolha.

"Eu deveria ter matado Sophia quando a conheci", disse Angélica, olhando ao redor dos quartos. Havia tanto aqui. Tanto que tinha sido dela tão brevemente.

Uma parte dela queria ficar aqui, sentada majestosamente na frente das portas, esperando o inimigo chegar. Essa parte dela dizia que ela deveria mostrar a esses camponeses o que era uma verdadeira rainha, e ficar orgulhosa quando Sophia viesse confrontá-la. Pelo menos assim ela veria o olhar em seu rosto quando soubesse que Sebastian estava morto.

Um lampejo de mágoa a percorreu com isso, então raiva por ter o sentimento. Sebastian a traiu, repetidas vezes, recusando-a. Ele tinha fugido de seu casamento. Ele a escolheu. Ele merecia morrer por isso, e sentir... isso, não fez nada para mudar isso. Ela não sentiria pena dele. Não sentiria amor.

"Não seja fraca," Angélica disse a si mesma. "Você pode sobreviver a isso. Eles têm Ashton, mas isso não significa nada. Você pode pegar de volta."

Sua família ainda tinha terras, amigos, recursos. Ela iria deixar Ashton e vão para suas terras no exterior. Sophia não era a viúva, para caçá-la onde quer que ela corresse. Ela não enviaria assassinos, certamente não para meio mundo. Angélica, porém, e uma vez que o reino estivesse sem um líder novamente, as pessoas começariam a se lembrar de quem havia sido coroado como seu

rainha. Ela pode nem precisar de um exército para fazer isso, apenas as palavras certas na hora certa.

"Mas trarei um exército," Angélica prometeu.

Mas antes disso, ela tinha que sobreviver. Ela podia ouvir os sons da batalha abaixo se aproximando. Um olhar de sua janela mostrou a luta nas ruas, com as cores reais e as de Ishjemme se misturando em uma mistura que era vermelha com sangue e preta com fumaça.

Se ela esperasse aqui, havia todas as chances de que algum soldado empreendedor a matasse assim que todos eles corressem, ou que eles fizessem as coisas que os soldados sempre faziam na guerra, apesar da pretensão de Sophia de que ela defendia o que era certo. . Mesmo que eles simplesmente a levassem como prisioneira, ela ainda seria a prisioneira da pessoa que ela mais odiava no mundo, esperando ser executada de qualquer maneira que a fantasiasse de Sophia. Angélica pensou em todas as coisas que *faria* se as posições fossem invertidas e estremeceu com tudo o que imaginou.

Não, ela não podia se permitir ser capturada.

"Então pare de perder tempo e *pense*," ela disse a si mesma.

O primeiro passo foi simples. Ela pegou uma pequena bolsa e a encheu com moedas, jóias, tudo o que ajudasse a pagar para que ela escapasse. Nada muito volumoso; por mais que Angélica tivesse gostado de levar sua coroa com ela, isso a marcaria tão seguramente quanto erguer a bandeira de sua família. Ela precisava de coisas que pudessem ser escondidas. Ela levou apenas o mínimo de facas e venenos pela mesma razão.

Assim que ela ultrapassou Ashton, seu plano parecia simples: pegar um cavalo e cavalgar pelas terras de sua família, então encontrar um barco para alguma segurança mais permanente. A questão era como ela saiu de Ashton, do palácio, mesmo desta sala sem ser notada por quem ela era.

Angélica se pegou pensando em Rupert, e como ele enganou sua mãe brevemente. Ela pensou em Sophia, e todo o tempo que ela passou se passando por um nobre. Se seu inimigo podia fazer isso, não havia uma certa ironia no que *ela* estava considerando?

"Servo. Servo!" ela gritou, imaginando se alguém se incomodaria em vir, ou se ela teria que sair à procura de alguém adequado. Quase para sua surpresa, uma garota entrou correndo na sala, fazendo uma tímida reverência. Seu cabelo era de um loiro sujo, não exatamente o tom certo para as necessidades de Angélica, mas não havia tempo para fazer mais.

"Sua Majestade?" ela disse.

Angélica deslizou um pedaço de corda em sua mão silenciosamente. "Eu tenho um trabalho para você, garota."

Ela se aproximou do criado, quase atrás dela.

"Você vê," Angélica disse, "eu preciso morrer. Eu quero que você me ajude com isso."

"Sua Majestade?"

Angélica percebeu o choque no tom da garota. Não foi nada como o choque, no entanto, quando Angélica deslizou o cordão de estrangulamento em volta de sua garganta e puxou com força. A criada lutou, é claro, com as mãos voando para a garganta, mas Angélica já estava puxando o mais forte que podia, e ela tinha a vantagem da surpresa. O servo chutou, depois cambaleou e finalmente ficou imóvel.

Angélica se ajoelhou ao lado dela por vários segundos, desejando que sua respiração diminuísse. Ela tinha assassinado antes; ela havia matado o marido. Comparado a isso, uma serva não era nada, e ela não tinha *tempo* para ser fraca assim. Ela tinha que *agir*.

Parecia levar uma eternidade para trocar de roupa com o servo morto, despindo seu vestido simples e trocando-o pela elegância de Angélica. O vestido era cinza, solto, sem forma, mas talvez fosse uma coisa boa, já que atrairia menos olhares para ela. Certamente esconderia melhor as coisas que ela queria levar consigo. Ela tentou não ouvir a forma como os sons da batalha estavam se aproximando enquanto ela trabalhava, porque não havia nada que ela pudesse fazer para acelerar essa decepção.

Uma vez que Angélica vestiu seu dublê relutante, ela cortou um cordão de cortina, amarrando uma ponta ao redor do topo do trilho da cortina do quarto, a outra ao redor do pescoço do servo morto. Não era uma cena muito convincente, mas pelo menos lhe daria algum tempo.

Angélica podia ouvir o barulho das lâminas agora, mas sabia que não podia deixá-lo ali. Ela puxou as tranças finas de seu cabelo, então pegou uma faca e segurou-a nos fios dourados. Isso era mais difícil do que matar o servo tinha sido. Isso *importava*. Ainda assim, ela conseguiu fazer isso, cortando o cabelo mais curto, depois esfregando a fuligem da lareira como uma maneira rápida de escurecê-lo. Levantando a bainha de seu vestido, ela pegou um dedo enegrecido de fuligem e desenhou a marca do Escravo em sua panturrilha. Não era algo que ela teria feito em qualquer outro momento, mas agora era provavelmente a melhor proteção que ela poderia encontrar.

Os sons da luta estavam muito próximos para mais do que isso. Rapidamente, Angélica limpou as mãos no vestido, acrescentando uma camada de sujeira que

enojou-a, compôs suas feições em uma máscara adequada de angústia e saiu dos aposentos reais, correndo pelo corredor.

Dois dos soldados de Ishjemme, obviamente bem à frente do resto, estavam sobre os corpos dos guardas que Angélica tinha enviado para protegê-la. Parecia que os dois homens haviam cumprido seu dever, afinal. Estranhas as coisas pelas quais os homens encontravam para morrer, mas Angélica sentiu uma ponta de gratidão. Sem eles para desacelerar as coisas, talvez ela tivesse sido pega no meio de seus preparativos.

Ela ainda poderia ser pega agora, porém, e o medo a encheu com esse pensamento, mesmo quando os dois soldados olharam para ela.

"Oh, Deusa," ela gaguejou, áspera sua voz do jeito que ela áspero o resto de sua aparência. "Por favor, não me mate!"

"Não estamos aqui para matá-lo", disse um dos soldados. "Quem é Você?"

"Você pode ver que ela é apenas uma serva," o outro forneceu. "Você vai precisar venha conosco. Não é seguro aqui."

Ele provavelmente quis dizer isso como uma gentileza, mas seria a mesma coisa como sendo uma prisioneira, e Angélica duvidava que a proteção que seu disfarce oferecia durasse para sempre. Ela ainda tinha uma carta para jogar.

"A... a rainha..." Angélica disse, intercalando as palavras com alguns soluços.

"Então e ela?" o primeiro soldado exigiu. "Ela está aqui?"

Angélica apontou na direção de onde tinha vindo. "Ela... ela está *morta!*"

Foi o suficiente para fazer os homens correrem na direção dos aposentos reais. Angélica correu com a mesma rapidez na direção oposta, entrando nos corredores dos criados assim que pôde. Nesse espaço, os soldados estariam *esperando* servos assustados. Ela se apressou, escolhendo uma rota que ela esperava que a levasse para fora o mais rápido possível.

Foi o que aconteceu, levando-a para um lugar nos jardins do palácio não muito longe do labirinto formal que tantos nobres adoravam dar uma volta nas tardes ou noites ensolaradas, quando queriam encontrar uma maneira de ficar a sós com possíveis amantes. . Angélica conhecia bem aquele labirinto e todas as portas próximas a ele que poderiam deixá-la sair para a cidade, livre para trabalhar na próxima parte de sua fuga.

Isso parecia fácil o suficiente, mas ela contava sem o cordão de soldados inimigos que estavam nos jardins, contendo uma multidão de nobres, servos e mais, que estavam fazendo barulho suficiente entre eles para serem ouvidos acima dos sons restantes do lutar.

"Isso é intolerável!" disse um nobre. "Você não conhece a família Eu sou de?"

"Não", respondeu um soldado. "Esse é o ponto."

Angélica entendeu naquele momento. Eles estavam passando por eles, aparentemente classificando-os entre aqueles que estavam livres para ir e aqueles que tinham que ficar. Provavelmente, o grupo que caiu no lado errado dessa decisão seria mantido para interrogatório, ou prisão, ou mesmo execução. Era exatamente o que Angélica teria feito, e exatamente o que ela esperava evitar.

Por um momento, Angélica pensou em correr de volta para o palácio, mas então ela sentiu uma mão em suas costas, um soldado Ishjemme ali empurrando-a para frente, mesmo que gentilmente.

"Você não tem nada a temer", disse ele. "Você é um servo, certo?"

Num impulso, Angélica levantou a bainha do vestido para mostrar a marca que aplicara com fuligem.

"Mostre-lhes isso e eles vão deixar você ir", disse ele. "Nossa rainha já foi contratada como você. Ela odeia as pessoas sendo tratadas assim. Em breve, você estará livre. *Verdadeiramente* grátis."

Angélica não teve que fingir seu sorriso. Se o que este soldado disse era verdade, então ele não tinha ideia de como ele estava certo. Ela deslizou para a multidão, deixando-a escondê-la em um mar de rostos. Logo ela estaria livre, e então ela poderia começar a trabalhar para desfazer tudo que Sophia tinha feito hoje.

CAPÍTULO VINTE E UM

Fora do palácio, Emeline lutou para ajudar as tropas a entender tudo o que estava acontecendo. Teria ajudado se ela mesma tivesse mais uma ideia. O palácio parecia em grande parte quieto agora, sugerindo que a pouca resistência dentro estava vacilando, mas parte da razão pela qual ela estava do lado de fora era que ela não queria participar de qualquer violência que restasse lá.

Em vez disso, ela estava aqui, ajudando um contingente de soldados de Hans a reunir as pessoas que fugiam do palácio, ajudando a separar aqueles que poderiam ser soltos com segurança daqueles que ainda poderiam representar uma ameaça.

— Por quanto tempo você vai nos manter aqui? uma nobre de meia-idade exigiu.

Emeline não se incomodou em apontar para ela que este provavelmente era o mais seguro lugar para ela agora. Até agora, não houve nenhum relato de saques ou violência contra nobres, mas Emeline suspeitava que provavelmente levaria apenas uma faísca de luta para fazê-lo.

"Tenho certeza que não vai demorar muito", disse Emeline, simultaneamente alcançando a mente da nobre para aprender o máximo possível sobre quem ela era.

Ela podia ver Aidan e Cora fazendo o mesmo a algumas dezenas de metros de distância, mas havia tanta gente lá fora agora que não havia tempo para parar e conversar. Parecia que pelo menos metade das pessoas no palácio estava lá nos jardins agora, e mais estavam chegando no momento em que perceberam que não era um castelo antigo, seguro contra invasores, e que esses invasores estavam agora dentro.

"Você precisa ir e ficar ali," Emeline disse, apontando para um grupo de outros nobres que não estavam ativamente envolvidos na luta, mas que não podiam simplesmente ir.

"Mocinha, eu-"

"Agora, por favor", disse Emeline, com o tipo de cansaço em sua voz que veio de muitas pessoas tentando dizer a ela o quão importante eles eram.

À sua maneira, o que ela estava fazendo era tanto uma invasão quanto a do Palácio. Ela estava usando seus talentos de uma maneira que equivalia a saquear mentes, alcançando-as para descobrir quem era uma ameaça, quem tinha informações, quem estava apenas assustado e tentando fugir.

Ela foi até um criado, não vendo nada além de lembranças de ter gritado com ele. e bateu por ser muito lento. Ela gesticulou em direção aos portões do jardim.

"Você pode sair se quiser", disse Emeline.

Ele encolheu os ombros. "Para onde eu iria?"

Emeline realmente não tinha uma resposta para isso. Ela podia deixar os criados irem, mas isso não tornava a cidade mais segura, nem lhes dava comida ou abrigo.

"Você não precisa ir a lugar nenhum se não quiser."

Ela continuou andando pela multidão, observando as mentes das pessoas ao seu redor enquanto ela andava. Ela viu pensamentos de violência na mente de um homem e concentrou sua atenção em um homem alto com cabelos curtos. Seus pensamentos contavam sua história: ele era um soldado que havia desertado e planejava esfaquear quem o descobrisse. Emeline gesticulou para alguns soldados, apontando para ele.

"É melhor não tentar usar a faca que você tem", disse ela. "Ninguém vai te machucar a menos que você tenha cometido um crime."

Mesmo assim, ele saltou para a frente, e um par de soldados saltou sobre ele, derrubando-o no chão. Emeline se afastou da briga; ela tinha sido parte de luta suficiente por um dia. Ela estava tão focada na luta à sua frente que quase perdeu um lampejo de pensamentos próximos que era demais para ignorar.

Milady d'Angelica estava em algum lugar na multidão.

Emeline franziu a testa, olhando para ele. Não havia sinal dela ali à primeira vista. Ela não era óbvia em suas jóias, ou na coroa que parecia ser dela agora. Emeline começou a examinar as nobres, verificando-as uma a uma para ver se havia algum sinal dela.

Isso era muito importante para fazer sozinho.

Kate, Aidan... todos. Acho que Milady d'Angelica está em algum lugar aqui.

Ela enviou isso o mais amplamente que pôde. Talvez Asha e os outros de Stonehome recebessem sua mensagem. Sophia certamente o fez.

Tem certeza? Tenho homens me dizendo que ela está morta.

Acho que ouvi seus pensamentos, Emeline respondeu.

Uma imagem cintilou na mente de Emeline de um rosto. *Essa é ela. Estarei lá assim que puder.*

Não. Essa era a voz mental de Kate. *Eu vou fazer isso. Você é necessário lá. Achar ela para nós,* Emeline.

Emeline planejava. Pelos pensamentos dos outros ali, ela podia ver o quão importante a nobre era, e ela não estava disposta a deixá-la fugir do palácio.

Emeline começou a olhar ao redor do resto da multidão agora, verificando-os um por um, tentando encontrar os pensamentos que ela queria. Havia uma maneira óbvia de encontrar a mulher que ela queria, é claro, mas era arriscado. Ainda assim, com tantos soldados ao redor, pode valer a pena...

"Milady d'Angélica!" ela chamou. "Faça-se conhecido. Eu sei que você está nessa multidão em algum lugar! Renda-se pacificamente!"

Ela sabia que não deveria esperar uma resposta, mas ela não precisava de uma. Em vez disso, ela observou os pensamentos da multidão ao seu redor, vendo quem estava confuso, quem estava surpreso com o anúncio e quem entrou em pânico.

"Lá!" Emeline gritou, apontando para uma mulher usando um vestido de empregada. "Pegue ela!"

Ela estava uma fração de segundo atrasada, porque a mulher que tinha casou com Rupert e tomou o reino já estava correndo.

Kate veio correndo para os jardins a tempo de ver uma figura fazendo uma pausa da multidão ali contida, correndo para a entrada do labirinto formal do palácio.

Dela? Kate mandou para Emeline.

É ela.

Então ela é minha, Kate mandou de volta.

Se ela tivesse sua antiga velocidade, a perseguição teria levado uma questão de segundos. Kate a teria derrubado sem tentar, e tudo isso teria acabado. Em vez disso, mesmo correndo o mais rápido que podia, ela não conseguiu chegar a Angélica antes que o pretenso governante do reino chegasse à entrada do labirinto.

"Não pense que eu não vou te encontrar," Kate gritou enquanto seguia sua presa até lá. Ela puxou sua espada.

Embora o labirinto fosse apenas uma coisa formal, projetado para encantar nobres entediados, ainda parecia haver reviravoltas mais do que suficientes para ela perder o caminho para Angélica.

Mesmo assim, Kate não perdeu sua posição. Os pensamentos de Angélica eram tão claros como um farol brilhando através do nevoeiro.

"Eu sei onde você está," Kate gritou. "Eu posso sentir você. Saia agora e torne isso mais fácil."

"Então você pode me matar?" Angélica exigiu de algum lugar para a esquerda. "Você acha que eu não sei o que você fez na Casa dos Não Reivindicados?"

"Então você deve saber que é uma má ideia tentar me machucar e irmã", disse Kate. "Você deveria saber que não pode escapar também."

Ela caminhou pelo labirinto, deixando seu senso de onde Angélica estava guiá-la. Deveria ter levado Kate direto para ela. Em vez disso, Kate se viu vagando por um caminho após o outro, tendo que dar meia-volta toda vez que chegava a um beco sem saída.

"Saber onde estou não ajuda muito em um labirinto, não é?" Angélica disse, com uma risada que irritou os nervos de Kate. "Já estive aqui tantas vezes que conheço como conheço minha própria casa. Quanto tempo antes de eu chegar a uma saída, Kate? Quanto tempo até que você tenha que dizer à sua irmã que eu escapei de você?"

"Você não vai escapar," Kate prometeu a ela.

"É melhor você torcer para que não, porque se eu fizer, eu irei atrás de você e de sua irmã."

Kate manteve sua atenção na posição de Angélica, mas também começou a atenção para o layout do labirinto agora, tentando aprender suas voltas e reviravoltas enquanto ela andava. Qualquer labirinto projetado para nobres meio bêbados não poderia ser tão difícil de navegar. Haveria um padrão para isso.

Ela começou a fazer o seu caminho, lentamente no início, então em algo próximo a uma corrida. Porque ela estava correndo, Kate mal teve tempo de se abaixar quando seu pé pegou um galho, soltando outro que estava dobrado para trás, um dardo de algum tipo preso em um garfo nele. Kate não tinha certeza de que tipo de substância estaria no dardo, mas não tinha dúvidas de que seria algo mortal.

"Kate?" Angélica chamou. "Você ainda está aí? Você ainda está *respirando?*"

Quantas mais armadilhas podem existir assim? Cada momento que Angélica conseguia ficar fora de vista era um momento em que ela poderia colocar outra armadilha simples no caminho de Kate. Kate teve o suficiente.

A coisa sobre um labirinto como este é que só era um problema quando você estava no nível do solo. Escolhendo uma cerca viva de aparência robusta, Kate começou a subir.

Não foi fácil. As sebes eram mais difíceis de escalar do que as árvores, e Kate não tinha mais o benefício da força e agilidade supremas que uma vez tivera. Em vez disso, ela teve que subir lentamente, confiando em seu peso leve e velocidade para deixá-la chegar ao topo.

Quando o fez, viu a cabeça de Angélica balançando abaixo dela, a apenas algumas fileiras de sebes de distância. Kate correu então, equilibrando-se na sebe onde ela estava sobre ela como uma corda bamba, ousando um salto através do breve espaço entre dois e xingando quando sua perna afundou na suavidade da folhagem. Ela conseguiu recuperar o equilíbrio, mal, e pulou para o outro lado, dobrando uma esquina enquanto Angélica estava se virando para correr.

"Há um beco sem saída desse jeito," Kate gritou, avançando sobre ela com o nível de sua espada. "Poderia muito bem virar e me encarar, morrer com alguma honra."

"Você vai me matar?" Angélica perguntou, e então jogou uma faca desajeitadamente sem parar.

Kate já estava balançando para fora do caminho. "Eu posso ver você decidir fazer cada movimento", disse ela. "Eu sei o que você vai fazer assim que o fizer. Vá em frente, pegue outra faca. Dê-me uma desculpa."

"Se você sabe tudo isso, então você saberá que eu não vou," Angélica disse com um leve sorriso. "Você não me mataria a sangue frio. Você não me mataria. Sua irmã ficaria brava se você fizesse isso."

"Minha irmã me *agradeceria* por me livrar de você," Kate disse, mas o problema era que Angélica tinha razão. Sophia não iria querer que ela fosse morta assim, sem motivo para isso. Ela não iria querer aquele sangue nas mãos de Kate.

Uma parte de Kate queria fazer isso de qualquer maneira. Foi ela quem fez o que precisava ser feito. Ela era a única que poderia se banhar no sangue do mundo se tivesse que fazer isso para manter sua família segura. Ela continuou avançando sobre Angélica... ...e parou.

Em última análise, não foi o fato de Sophia não querer isso que a impediu, porque Kate duvidava que sua irmã quisesse qualquer uma das mortes com o nome de Kate para eles. Não era o tortuoso indício de incerteza que ela podia ver no fundo da mente de Angélica, sem saber se Kate realmente faria isso ou não. Certamente *não* era o pensamento de como todos os nobres do reino reagiriam ao assassinato de seu governante tão breve.

Não, era o pensamento de sua sobrinha ainda não nascida, que um dia governaria tudo isso. Quando crescesse, Kate queria poder olhar para ela e dizer-lhe que quando eles retomaram o reino, eles estavam fazendo a coisa certa. Queria poder olhar para ela e não ter que mentir sobre tudo o que tinha feito hoje.

"Parece que você vai viver," ela disse, puxando o braço de Angélica atrás das costas. "Mas eu não apostaria que fosse por muito tempo, depois do

coisas que você fez.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sophia estava nas portas do palácio real e lembrou-se da primeira vez que tinha ido lá. Ela estava tão preocupada que seu disfarce pudesse não funcionar, que as pessoas a descobrissem, que ela fosse mandada de volta para a Casa dos Não Reivindicados ou pior. Agora as portas pendiam em ruínas estilhaçadas e, apesar da batalha que levava para chegar tão longe, Sophia tinha apenas uma

preocupação:

Sebastião.

"Nós temos que encontrá-lo, Sienne," ela disse, enquanto subia os degraus que levavam para dentro. O gato da floresta andava ao lado dela, olhando em todos os cantos como se procurasse ameaças em potencial.

"Você não deveria entrar no palácio ainda," Jan insistiu, correndo. "Nós ainda têm bolsões de resistência. Vamos nos certificar de que tudo está seguro."

Sofia balançou a cabeça. "Não há tempo para isso. Eu tenho que encontrar Sebastian.

Ela se apressou, Jan e uma dúzia de soldados seguindo seu rastro em um esforço para garantir que ninguém pudesse machucá-la. Sophia podia ouvir gritos e pancadas ocasionais que sugeriam que ainda havia brigas no prédio, mas principalmente os corredores do palácio pareciam vazios.

Sophia desceu por eles, tentando descobrir onde o palácio teria celas, ou se havia alguém que pudesse ajudá-la a encontrar o homem que ela amava. Ela estava tão concentrada em encontrar Sebastian que quase foi direto para o meio de uma luta, um grupo de soldados reais lutando corpo a corpo com um grupo de seus homens, espadas se chocando e sangue fluindo no espaço confinado do corredor enquanto um grupo de servos e nobres se viram presos mais abaixo, incapazes de passar por causa da violência à sua frente.

Um soldado correu para Sophia e Sienne se moveu para interceptá-lo, golpeando com garras. Jan agarrou seu ombro para puxá-la de volta, enquanto os outros começaram a correr por ela, prontos para se juntar à luta.

"Não", disse Sofia. "Pare com isso. *Pare com isso!*" Ela enviou as palavras com um pulso de seu poder mesmo enquanto ela os gritava, o som e a magia ondulando juntos sobre os combatentes. Quase para sua surpresa, eles pararam, olhando para ela, a breve pausa na batalha chocantemente silenciosa depois dos sons anteriores.

“Já houve violência suficiente”, disse Sophia. Ela olhou para os soldados reais, olhando-os nos olhos um por um. “Ashton caiu. Seu palácio caiu. No momento, você continua lutando porque acha que será uma posição corajosa, mas tudo isso significa que você morre. Já houve matança suficiente para um dia. Abaixue suas armas e eu prometo que você não será prejudicado.”

Por um momento, Sophia se perguntou se seria suficiente. Talvez os homens de lá não confiassem no que ela tinha a dizer, ou talvez acreditassem tanto nos governantes atuais que estavam preparados para morrer por eles. Lentamente, porém, um por um, os homens começaram a abaixar suas armas, colocando-as cuidadosamente no chão ou deixando-as cair ruidosamente.

Sophia atravessou a luta até o local onde os servos e os nobres estavam parados, parecendo tão assustados quanto alguns momentos atrás. Talvez receassem o que poderia acontecer com eles após a violência, ou talvez a longa experiência os tivesse ensinado melhor do que confiar nos governantes.

“Vocês estão seguros agora,” Sophia os assegurou. “Meus homens vão levá-lo para uma sala onde você pode ficar fora da luta até que tudo se acalme na cidade. Primeiro, porém, algum de vocês sabe onde está o príncipe Sebastian? Acho que o irmão dele o levou. Eu preciso encontrá-lo.”

Ela tentou manter um pouco do desespero que sentia fora de sua voz. Ela não queria que as pessoas soubessem o *quanto* ela precisava encontrar Sebastian, ou talvez ela não quisesse contar isso para um mundo que já havia colocado tantos obstáculos em seu caminho.

Ela vasculhou as mentes das pessoas ao seu redor, tentando encontrar respostas. O que ela viu lá a fez recuar.

“Eles vão *executá* -lo?” ela exigiu, escolhendo um servo cujo pensamentos mostraram isso mais fortemente.

“A rainha Angélica ordenou”, disse o homem. “Ela disse que ele assassinou a mãe dele.”

Sophia não acreditou nem por um instante. Havia coisas que Sebastian simplesmente não era capaz, e matar um membro de sua família era um deles. Podia, no entanto, acreditar que Angélica inventaria alguma coisa para ter uma desculpa para se livrar de alguém.

“Para onde o levaram?” ela exigiu. Ela tinha que chegar até ele antes era tarde demais. Lutando ou não, o maior perigo naquele momento era que ela poderia não estar lá a tempo de proteger Sebastian. “Onde?”

O servo apontou. "Há um pátio..."

Sophia já estava correndo na direção que ele havia apontado, uma imagem fixa em sua mente junto com sua determinação de chegar lá antes que o pior acontecesse. Não importava agora que ainda houvesse luta no palácio, ou que os soldados com ela tivessem que correr para acompanhá-la. Tudo o que importava era chegar a tempo.

Ela chegou ao pátio, viu o bloco do carrasco, o viu vazio.

Ela estava muito atrasada? Olhando ao redor do pátio, Sophia pôde ver sinais de violência. Um homem com uma máscara de carrasco jazia morto, e havia sangue na forca, mas isso era de qualquer luta que o matou, ou tinha vindo da execução de Sebastian? O pensamento fez o coração de Sophia apertar em seu peito. Não havia corpo, porém, nenhuma prova de que Sebastian estivesse realmente morto, e Sophia não sabia se esperava ou se temia por causa dessa ausência.

"Encontre-o," ela ordenou. — Custe o que custar, encontre Sebastian. Eu tenho que saber se ele está bem."

Os soldados fugiram, espalhando-se para fazer o que Sophia havia pedido. E se eles não conseguiu encontrá-lo, no entanto? Ela não podia imaginar enfrentar tudo isso sem Sebastian lá. Ela cruzou o mar, invadiu um reino para poder salvá-lo. Tudo isso seria como cinzas se descobrisse que ela chegou tarde demais.

"Vossa majestade", disse um soldado, correndo, e por um breve momento Sophia ousou esperar que fossem notícias de Sebastian. "Lord Cranston quer permissão para se mudar para a cidade para lidar com quaisquer soldados que tentem se reagrupar."

"Diga a ele..." Sophia não conseguia pensar naquele momento; não podia começar a se concentrar em nada até que tivesse uma resposta sobre o destino de Sebastian. "Diga a ele para fazer o que achar melhor."

Ela pensou que poderia haver um momento de paz para simplesmente espere, mas já havia outro corredor entrando no pátio, e outro.

"Vossa majestade, onde devemos colocar todos os nobres e servos que encontramos em quartos distantes?"

"Vossa majestade, vários dos homens estão tentando abrir o tesouro, mas continua trancado."

"Temos relatos de pessoas vagando pelas ruas. Não sabemos se é um motim, ou um grupo de soldados disfarçados, ou qualquer outra coisa."

Sofia balançou a cabeça. "Eu não posso lidar com tudo isso. Agora não."

“E ainda assim você precisa, porque você é a rainha.”

Sophia olhou para cima para ver Lucas se aproximando. Ele tinha sangue em seu roupas normalmente imaculadas, mas pelo menos ele parecia ileso.

Eu preciso me concentrar em Sebastian, Sophia enviou para ele.

Você enviou pessoas para encontrá-lo, Lucas mandou de volta, *você não pode fazer mais nada. Agora, porém, seu povo precisa de você.*

Eu não posso...

Você pode, Lucas insistiu. *Seja a rainha deles, irmã.*

Sofia fez uma pausa. Ela sabia que seu irmão estava certo, mas isso não tornava as coisas fáceis. Ela não podia simplesmente tirar Sebastian de seus pensamentos, não importa o quanto ela tentasse. Lucas estava certo, porém, ela precisava fazer isso.

“Kate capturou Angélica,” Lucas disse em voz alta. “Ela estava tentando escapar, disfarçada de serva. Ela assassinou o servo para tentar nos fazer pensar que ela estava morta.

“Tranque-a em um quarto em algum lugar por enquanto”, disse Sophia. “Vou descobrir o que fazer com ela quando houver mais tempo.”

Ela se virou para os três mensageiros que vieram até ela. “Não temos pessoas suficientes no momento para vigiar cada pequena sala”, disse ela ao primeiro. — Escolte-os até o salão principal ou o pessoal de Hans nos jardins, para que possamos contê-los até que o palácio esteja totalmente seguro. Certifique-se de que eles estão bem cuidados.”

Ela se virou para o segundo. “Não precisamos nos preocupar com o tesouro agora. Haverá chaves para isso, mas se for seguro, isso provavelmente significa que ninguém vai saqueá-lo.”

Com o terceiro, ela considerou um momento a mais, mas apenas um momento. “Se as pessoas estão nas ruas, é porque não entendem o que está acontecendo. Continue contando a eles o que está acontecendo e veja se consegue alcançar o homem que enviei para Lord Cranston. Diga-lhe para deixar qualquer soldado que queira recuar. Eles vão parar de lutar assim que perceberem que isso está feito.”

Os mensageiros fugiram e Lucas sorriu. “Você vê,” ele disse, “você *pode* fazer isso. Embora suspeite que haja mais uma dúzia de criados esperando com novos problemas.

“Então eu vou lidar com eles,” Sophia o assegurou.

Ela saiu para encontrá-los, mudando-se para o palácio com Lucas em um lado e Sienne do outro. Quase assim que ela fez isso, ela fez uma pausa, olhando.

Sebastião estava lá.

Ele estava andando em direção a ela, vestido com simplicidade, e parecendo ter passado por mais do que Sophia podia imaginar. Ele tinha sangue nele, e um olhar assombrado em seus olhos que falava de coisas que aconteceram que Sophia provavelmente não gostaria de ouvir. Mesmo assim, ao vê-la, seu rosto se iluminou de esperança.

"Sofia?"

Ele correu para ela, e Sophia foi ao seu encontro, jogando os braços ao redor dele enquanto ele a varria em um beijo que parecia ter todo o peso de todo o tempo que eles passaram separados por trás dele.

"Eu pensei que eles tinham te matado," Sophia sussurrou, perto o suficiente que parecia que eram apenas os dois ali.

"Eles estavam indo", disse Sebastian. "Seu ataque os distraiu, e então um servo me salvou..."

Parecia haver mais do que isso, mas Sebastian não disse isso, e Sophia não o pressionou sobre isso. Fosse qual fosse o olhar escuro em seus olhos, ela queria simplesmente fazê-lo desaparecer.

"Eu te amo", disse ela.

"Eu também te amo", respondeu Sebastian. "O que quer que tenha acontecido, pensar em você me fez passar por isso. Eu tentei tanto chegar até você."

Sophia deu um passo para trás, olhando para ele. Era difícil acreditar que Sebastian estivesse realmente ali com ela; era realmente dela novamente. Ela lutou por ele. Ela invadiu um reino para ele, e agora aqui estava ele.

"Eu nunca vou deixar você ir de novo," Sebastian prometeu. "Estarei ao seu lado, aconteça o que acontecer."

Sophia pegou a mão dele. Ela precisava ouvir isso mais do que sabia. Mais do que isso, ela precisaria dele ao seu lado nos próximos dias, porque conquistar este reino era uma coisa, mas ela suspeitava que governar seria muito mais complicado.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Kate atravessou o palácio, arrastando Angélica com ela. A nobre não resistiu, talvez porque tivesse adivinhado todas as coisas que Kate poderia fazer se Angélica lhe desse qualquer tipo de desculpa. O palácio estava quase tão quieto, e provavelmente por muitas das mesmas razões: a presença do exército impunha-lhe uma espécie de ordem, mesmo que impossibilitasse a continuidade dos negócios normais do dia.

“Por aqui,” Kate disse, sentindo a presença de sua irmã à frente.

“O grande salão,” Angélica disse ao lado dela. “Que lugar perfeito para um usurpador. Eu me pergunto, ela será uma tirana também?”

“Fique quieta,” Kate retrucou, puxando Angélica para uma sala que parecia grande o suficiente para que eles pudessem usá-lo para um quadrado de perfuração, se quisessem. Provavelmente havia soldados suficientes para isso, mas também havia muitos outros: nobres, servos, pessoas que pareciam mercadores ou mensageiros.

Sophia estava sentada no centro de tudo em um trono, com Sebastian ao lado dela. Lucas estava um pouco longe, assim como seus primos, que pareciam ter superado a batalha inteiros, exceto por um ferimento na têmpora de Ulf que ele tinha pressionado com um pano e um curativo enrolado na perna de Hans.

“Sophia,” Kate gritou, e a multidão se abriu para ela, abrindo espaço enquanto Kate passava por eles. “Eu a peguei.”

Sofia sorriu com isso. “Eu sabia que você iria.”

“E agora?” Angélica exigiu ao lado de Kate. “Você vai me massacrar na frente de todos para provar sua crueldade? Você vai fazer aquele seu gato me comer?”

Sofia deu de ombros. Kate não esperava isso. Ela esperava que sua irmã já estivesse lá, pronta para enfiar uma faca em seu inimigo. Mas talvez Kate estivesse apenas pensando no que *faria*.

“Acredite ou não, Angélica,” Sophia disse, “você não é minha maior preocupação agora. Frig, Ulf, podem garantir que a ex-rainha não vá a lugar nenhum? Eu vou falar com ela quando tiver lido com coisas mais importantes.

Kate podia sentir Angélica fumegando com isso, mas não era exatamente como se ela pudesse lutar quando os gêmeos a puxaram para um lado. Ela suspeitava que era parte do ponto, uma pequena vingança da parte de Sophia.

“O que é mais importante do que *vê -la morta?*” Kate perguntou.

"Praticamente tudo", disse Sophia. "Há mil e um coisas para lidar agora que a batalha terminou. Você, para começar."

"Eu?" Kate disse com uma carranca.

"Montamos uma força de invasão", disse Sophia, "mas agora preciso de alguém que possa organizar um exército de verdade e gerenciá-lo para mim. Não há ninguém em quem confio mais para fazer isso do que você, Kate. Eu quero fazer de você o Comandante do Exército Real."

"Eu?" Kate disse, parando em choque, certa de que tinha que ser algum tipo de piada. "Mas eu-"

"Você é o melhor soldado que conheço", disse Sophia, "e nós dois sabemos que você seria maravilhoso nisso."

Kate balançou a cabeça. "Há outras pessoas que merecem mais. Hans é um comandante. Lorde Cranston..."

"Ambos concordam comigo que você deve ser o único a fazer isso", Sophia disse com um sorriso. "Eu não esqueci todas as coisas que você fez para nos trazer aqui, Kate. Apenas diga sim."

"Sim", disse Kate, sem saber mais o que dizer. "Mas... antes que eu tenha que pular em todas as coisas que precisam ser feitas aqui, antes que eu realmente tenha que ser o comandante, posso cuidar de algumas coisas? Eu... vou precisar de alguns homens."

"Que tipo de coisas?" Sofia perguntou.

Kate a deixou ver, enviando os pensamentos de tudo o que precisava fazer para sua irmã.

"Tem coisas que eu também não esqueci."

Kate saiu do palácio para Ashton, andando por ruas que estavam quase tão cheias quanto em um dia de mercado. Parecia que as pessoas estavam saindo para as ruas para ver o que estava acontecendo. Eles olharam para Kate enquanto ela passava, mas Kate não conseguia sentir nenhum ódio ali, ou raiva, ou desejo de defender o regime que os havia empurrado para baixo por tanto tempo. Eles estavam simplesmente esperando para ver o que Kate e sua irmã fariam. O que eles representavam.

Bem, Kate iria mostrar isso a eles.

Ela desceu em direção ao templo da Deusa Mascarada, respirando fundo antes de entrar, como se o próprio ar

contra ela. Lá dentro, ela não ficou surpresa ao encontrá-lo lotado, uma sacerdotisa mascarada em pé no púlpito, fazendo um sermão para um grupo reunido que parecia consistir principalmente de outras sacerdotisas e freiras no centro, com nobres e pessoas comuns espalhadas ao redor deles. em um anel largo. Kate pôde distinguir um grupo de vigias em um canto, um grupo de caçadores do templo em outro. Havia até alguns homens cujos pensamentos mostravam que eles eram traficantes de escravos, parados ali abertamente, como se não se importassem com como as coisas haviam mudado na cidade.

"E o que aconteceu com nossa cidade hoje?" a sacerdotisa exigiu, no meio do sermão. "Vou lhe contar o que aconteceu: foi tomado pelas próprias forças que nossa deusa procura conter. Por aqueles que se renderam aos males da magia. Por bruxas e aqueles que as apoiam!"

Kate ouviu um murmúrio de apoio ao redor da sala.

"Demos nossa cidade para aqueles que querem devolver nosso país para os dias em que a magia era selvagem e não havia ordem no mundo", continuou a sacerdotisa. "Para as pessoas que libertariam os Escravos sem pensar no que eles ainda devem! Quem iria minar nosso bom trabalho e perturbar a delicada paz que se manteve desde o fim das Guerras Cívicas!"

Outro ruído de aprovação percorreu a sala. Kate seguiu em frente.

"Talvez algumas coisas precisem ser perturbadas", disse ela, levantando a voz. As pessoas olharam para ela então. Talvez alguns até reconhecessem quem ela era, mas ela queria ter certeza. "Meu nome é Kate Danse. Minha irmã agora é a rainha."

Ela se moveu até a frente do templo, os olhos de todos ali sobre ela.

"Toda a minha vida", disse ela, "pessoas como você me disseram que eu era má, apenas por existir. Pessoas como você me disseram que eu deveria ser grato por ter recebido um lar onde fui espancado e negligenciado, e depois ser contratado para pagar pelo privilégio. Pessoas como você se juntaram na noite em que homens vieram matar minha família, ou você ficou parado enquanto muitas outras famílias *eram* assassinadas.

Você está preocupado que minha irmã esteja aqui para mudar as coisas? Você deveria ser."

"Bruxa!" a sacerdotisa disse, apontando para ela.

Kate apontou para trás. "Quantas pessoas você já condenou com essa palavra? Quantas pessoas foram queimadas por isso, enforcadas ou vendidas? Quanto sangue você tem em suas mãos?"

"Estou limpa aos olhos da deusa," a sacerdotisa insistiu. Ela gesticulou para os outros ali. "Amigos! Temos uma oportunidade. Se tomarmos isso

miserável, as pessoas verão que podem revidar. Eles se levantarão conosco. Eles vão derrubar o invasor que ameaça a todos nós. Agarre-a!”

Os vigias e os caçadores começaram a avançar, movendo-se em direção a Kate enquanto 1.

Kate riu disso. “Você não achou que eu vim aqui sozinha, achou?”

Ela bateu palmas, e os soldados saíram das sombras que eles rastejou enquanto ela estava falando, segurando bestas e pistolas. Eles cercaram as pessoas ali, e uma parte de Kate queria lhes dar a ordem de atirar, só para tornar o mundo um lugar um pouco melhor. Mas aquele não era o reino que eles estavam construindo, e ela sabia que Sophia não iria querer.

“Leve-os sob custódia”, disse Kate. Ela olhou para a sacerdotisa. “Enquanto estamos falando aqui, os homens estão indo para cada casa de vigia onde eles arrastaram de volta os escravos, cada mansão de traficantes de escravos, cada casa que mantém órfãos para vendê-los. Todo mundo que participou disso, *cada um*, saberá como é estar acorrentado para variar, e é melhor você rezar para sua deusa para que minha irmã não se lembre de tudo o que você fez com ela como bem como eu.”

Kate se virou, ignorando seus protestos, e saiu da igreja. Ela ainda tinha mais uma parada a fazer – uma mais feliz.

Kate caminhou por Ashton quase na direção oposta daquela ela entrou com a invasão, indo do centro para as bordas, passando pelos esquadrões de homens retirando corpos das ruas, passando pelas muralhas da cidade com novas cicatrizes de mosquete para adicionar às antigas. Ela sabia de cor o caminho que estava percorrendo. Afinal, ela estava indo para o único lugar na cidade que ela já teve a chance de chamar de lar de verdade.

A forja não estava acesa quando ela chegou, nenhuma fumaça saindo da chaminé, e isso fez Kate parar, esperando que tudo estivesse bem, temendo que pudesse não estar e que algum ato de violência pudesse ter impedido Thomas de ir embora. do cuidado com que as tropas de Ishjemme haviam se deslocado pelos arredores. Então ela viu o cavalo com as cores dos homens de Lord Cranston do lado de fora e sorriu, correndo para bater na porta.

Thomas a abriu, tão grande e saudável quanto Kate se lembrava. Ele não hesitou, mas puxou Kate para um abraço que quase a esmagou.

"Eu sabia que você voltaria eventualmente", disse ele, e Kate podia ouvir a felicidade em sua voz. "Embora eu ache que não é para ser aprendiz comigo de novo?"

Kate balançou a cabeça com um sorriso. "Tenho outro emprego agora."

"Comandando um exército nada menos", disse Thomas. "Entre, Kate. Winifred está fazendo pato assado."

Tanto a esposa de Thomas quanto Will estavam lá dentro, o cheiro de comida sendo cozinhado era delicioso. Para surpresa de Kate, Winifred aproximou-se e abraçou-a tal como o marido fizera. A mãe de Will sempre foi a mais cautelosa com sua presença na forja.

"É bom vê-lo seguro", disse ela. "Quando você saiu e não voltou, eu temi que algo acontecesse com você. Venha, sente-se. Conte-nos tudo o que aconteceu com você."

"Eu não saberia por onde começar", disse Kate.

"Que tal você começar com a parte em que você foi para a guerra e não voltou?" sugeriu Thomas. "E sente-se enquanto você faz isso. Você deve estar faminto."

Kate fez isso, e ela teve que admitir que havia algo simples em contar a história de como ela lutou ao lado dos homens de Lord Cranston, então teve que abandoná-los. Como ela lutou para se livrar de Siobhan, e como ela viajou para encontrar a verdade sobre si mesma.

"E agora você voltou aqui", disse Thomas. "Casa."

"Casa," Kate concordou, porque a forja era o único lugar que parecia fora de Ishjemme. "Eu queria voltar e agradecer por tudo que você fez por mim."

"Não há necessidade de agradecimentos", disse Thomas. "Você é nossa família, se ainda houver espaço para nós ao lado da realeza da sua real."

"Sempre," Kate prometeu, tirando uma bolsa de dentro de sua túnica. "E Eu também tenho um dom. Não é muito, ainda não abrimos o tesouro real, mas eu queria trazer algo."

Ela pensou na vez em que ela e Will voltaram com seu pagamento da empresa de Lord Cranston. Havia muito mais ouro desta vez, mas ela queria aquela memória novamente.

"E, já que agora estou no comando do exército da minha irmã, me ocorre que vou precisar de alguém que saiba sobre armas supervisionando seu suprimento." disse Kate. "Seria um grande trabalho, mas assim que abrimos o tesouro... haverá trabalho suficiente para garantir que você nunca mais seja pobre."

Thomas olhou para ela, a generosidade da oferta parecendo atingi-lo.

"Você vai fazer isso, Thomas?" disse Kate.

"Claro que eu vou", Thomas assegurou a ela. Ele sorriu. "Provavelmente vou precisar aceitar um aprendiz".

"Chega de conversa sobre guerra", disse Winifred. "Vamos nos concentrar em coisas mais felizes por um tempo. Will diz que você encontrou um irmão que não sabia que tinha.

"Esse é Lucas," Kate disse. "É difícil não mencionar a luta se estivermos falando sobre ele, desde que o conheci no meio de um campo de batalha."

Winifred sorriu ao ouvir isso. "Bem, suponho que isso seja uma exceção."

"Mas as coisas vão melhorar," Kate prometeu. "Sophia vai cuidar disso agora que ela é rainha."

— E você também, tenho certeza — disse Winifred.

Kate esperava que sim.

"Agora, você vai ficar aqui a noite? Vou arrumar uma cama na forja para você.

Kate balançou a cabeça. "Eu gostaria de poder, mas não posso abandonar Sophia assim tão cedo depois de tudo. Eu tenho que voltar para o palácio."

"E eu deveria ir com você," Will disse. "Isto é, eu gostaria... se você quiser? Quero dizer, eu tenho algo para lhe perguntar.

Kate sorriu para sua falta de jeito. "Eu adoraria."

Ela pensou em todas as coisas que eles poderiam fazer no caminho, todos os cantos ela poderia encontrar onde se esconder e beijá-lo, e seu sorriso se alargou mais.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Will pensou que ele estava com medo antes da batalha. Agora, porém, enquanto ele e Kate caminhavam de volta por Ashton, ele se sentia mais nervoso do que nunca. O pior que poderia ter acontecido na batalha era morrer. O pior que pode acontecer aqui... e o melhor...

"Suas mãos estão tremendo," Kate disse, enquanto pegava as dele nas dela.

"Todo mundo treme depois de uma batalha," Will disse com um sorriso. Ele não se sentia pronto para contar a verdadeira razão de seus nervos. Ele queria que o momento fosse perfeito.

"Acho que sim", disse Kate, embora soasse como se ela não acreditasse inteiramente nele. Outro pensamento preocupante veio a Will então: e se Kate lesse o que ele estava planejando em seus pensamentos? Isso arruinaria completamente o momento.

"É estranho," Will disse, pensando rapidamente. "Ashton ainda parece o mesmo."

"Como *deve* ser?" Kate perguntou.

"Eu não sei," Will admitiu. "Uma ruína, talvez? Não, isso não está certo. Eu sabia que nunca iríamos destruí-lo."

"Sophia nunca faria isso", disse Kate, em um tom que sugeria talvez ela poderia ter gostado. "Mas eu sei o que você quer dizer. Depois de tudo isso, parece que tudo deveria ser diferente."

"Mas a cidade parece a mesma," Will disse, com um aceno de cabeça. Kate sempre parecia entender o que ele queria dizer. Era apenas uma das razões pelas quais ele a amava.

"Nós vamos fazer as coisas diferentes, no entanto", disse Kate. "Vamos fazer com que pessoas como nós não sejam empurradas para baixo o tempo todo. Faremos isso para que as pessoas não tenham que ter medo."

— Você acha que podemos? Will perguntou.

Kate assentiu. "Eu acho... Siobhan, a mulher da fonte, costumava falar sobre possibilidades, e ver o que pode acontecer. Ela fez soar como um jogo onde ela estava movendo as peças."

"Parece assustador," disse Will. Ele não gostava exatamente da ideia de alguém puxando as cordas de sua vida como um marionetista.

"É, mas há um lado bom nisso também", disse Kate. "Significa que o que fazemos, as coisas que escolhemos, importam umas para as outras, se nada mais."

"O que você faz sempre importa para mim," Will assegurou a ela.

Kate sorriu com isso. "Mesmo se eu correr bem no meio de uma batalha?"

"Especialmente então," Will assegurou a ela. Ele se moveu com cuidado, beijando-a quase provisoriamente. Não havia nenhuma batalha acontecendo para distraí-los agora, nenhuma perspectiva de Lord Cranston aparecer para lhes dizer que não o fizessem. Mesmo assim, ele queria ser cuidadoso, porque não queria arriscar afastar Kate.

Depois, Kate ficou ali sorrindo para ele, e naquele momento o mundo parecia conter os dois. Parecia impossível para Will que eles pudessem estar aqui assim, depois de tudo o que aconteceu ao redor deles. Não fazia muito tempo que ele era um jovem recruta, partindo para se juntar ao regimento de Lord Cranston, depois voltando para casa e descobrindo que uma garota estranha havia aparecido para ser aprendiz de seu pai.

"O que você pensa sobre?" Kate perguntou.

"Eu pensei que você soubesse," Will disse.

Kate balançou a cabeça. "Seus pensamentos são seus," ela disse, então sorriu. "Além disso, eu poderia encontrar você pensando em alguma outra garota, e então eu teria que desafiá-la para um duelo ou algo assim."

Will riu disso, embora pudesse imaginar Kate fazendo isso com muita facilidade, e quase certamente vencendo. Ela percorreu um longo caminho desde o dia no campo de treinamento, quando ela não foi capaz de afastar nem mesmo os novos recrutas.

"Só estou pensando em quão longe chegamos de onde começamos"

Will disse. "Você, particularmente. Quando te conheci, você era um fugitivo selvagem que queria lutar. Então você era aprendiz da bruxa da fonte.

Então você acabou sendo filha da realeza e agora é comandante dos exércitos reais.

"Não é tão impressionante," Kate disse enquanto as duas continuavam seu caminho pelas ruas de paralelepípedos. "Não é como se o reino tivesse um exército permanente desde as guerras civis."

"Não se coloque para baixo", disse Will. "Além disso, acho que isso vai mudar agora que você está no comando. Você entrará na Assembleia dos Nobres e exigirá que eles lhe dêem soldados suficientes para lutar e...

"Você quer passar toda a caminhada de volta ao palácio discutindo todas as aqueles velhos senhores murchos? Kate perguntou. "Ou você quer me beijar de novo?"

"A segunda," disse Will.

Kate pegou sua mão. "Boa escolha."

Esse beijo foi mais faminto do que o primeiro, mais selvagem, provavelmente porque Kate foi quem deu o primeiro passo. Às vezes era estranho pensar que ela era uma princesa, dado o quão pouco ela se encaixava no que todos esperavam de uma, mas eles estavam voltando para o palácio de Ashton, e sua irmã era a nova rainha do reino...

“Por aqui,” Kate disse, puxando Will para fora da rua principal, em um canto escondido por uma pilha de caixotes.

—Kate, o que você está fazendo? Will perguntou.

“Eu acho que quando eu voltar para o palácio, Sophia vai querer que eu entre com todos os tipos de trabalho, e não podemos voltar para a casa de seus pais e começar a nos beijar na frente deles, então aqui está o que temos, Will.

Kate o puxou para ela, e Will se viu respondendo automaticamente, beijando-a de volta. Parecia tão certo estar aqui assim com Kate. Ela era uma criatura do ar livre, e da cidade, que... ..exceto que ela não era, era? Will tinha pensado nisso apenas um minuto atrás.

Kate pode não agir como uma princesa, mas ela *era* uma. Ela era a irmã do novo governante do reino, de uma família tão nobre que provavelmente nunca teriam conhecido alguém como ele, a menos que ele estivesse lá para lutar por eles ou entregar as armas de seu pai.

Will não tinha certeza do que significava ser uma princesa, mas suspeitava que não significava estar com gente como ele. Ele se afastou de Kate, ignorando seu breve protesto.

-Will, o que você está fazendo? ela exigiu.

"Nós não devemos fazer isso", disse ele. "Não *podemos* fazer isso."

"Não há ninguém por perto para nos ver", disse Kate, colocando a mão sobre o coração agora pulsante de Will. "Confie em mim, eu saberia se houvesse."

"Eu sei disso," disse Will. "Mas esse não é o ponto."

Kate franziu a testa. "Bem, podemos esperar até voltarmos ao palácio se você tipo, e aposto que eles têm camas muito *confortáveis*, mas...

"Não é isso que eu quero dizer, Kate," Will disse. "O que quero dizer é que alguém como você e alguém como eu... nunca vai funcionar. Não deveríamos ficar juntos."

Ele ficou ali, meio que esperando que Kate batesse nele.

"Mas eu pensei... eu pensei que você gostasse de mim."

"Eu te *amo* ", disse Will, e foi por isso que ele teve que fazer isso. "Mas olhe para mim, Kate, e olhe para você."

Isso não esclareceu as coisas tanto quanto Will esperava.

"Estou olhando para você", disse Kate. "E eu sei que eu quero você. Ou é só que você percebeu que uma ex-garota contratada não é o que você quer?"

"Você acha que não é bom o suficiente para mim?" Will disse com uma nota de surpresa. Como Kate poderia pensar isso? Ela era a pessoa mais incrível que ele já conheceu. Não havia ninguém no mundo bom o suficiente para ela. Certamente não como ele. "Eu sou aquele que não é bom o suficiente para você."

— E quem te disse isso? Kate exigiu, em um tom que sugeria que, quem quer que fosse, eles provavelmente estavam em uma briga.

"Ninguém me disse isso", disse Will. "É apenas... é óbvio, não é?"

Kate o socou então, com força, no braço.

"Para o que foi aquilo?" Will exigiu.

"Por ser uma idiota, e por me fazer pensar que você não se importa comigo," Kate retrucou.

"É claro que eu me importo com você," Will disse. "Mas não é sobre isso para princesas, é? Eles não podem sair por aí sendo vistos com plebeus, podem?"

"Este pode," Kate insistiu.

"Você diz isso agora," disse Will, "mas e quando os nobres começam a lhe dizer o que fazer?"

"Estou ficando realmente tentada a socar você de novo", disse Kate.

"Eles provavelmente vão fazer você se casar com algum príncipe distante para garantir um aliança ou algo assim," Will disse. "Não... bem, não eu."

"Não seja idiota, Will," Kate disse. "Sophia nunca tentaria me fazer casar com alguém que eu não quisesse, e a ideia de que alguém poderia me *obrigar* é..." Ela fez uma pausa, aparentemente repetindo algo em sua cabeça. "Espere, você disse que tinha algo para me perguntar antes. Você ia me pedir em *casamento* ?"

Will congelou, percebendo o que ele tinha acabado de dizer. Ele olhou para os pés. "Bem... hum, eu pensei que talvez agora você tivesse levado Ashton, e todas as coisas com a bruxa foram feitas..."

"Você ia me pedir em casamento, Will?" Kate exigiu.

"Hum... sim," Will admitiu. "Eu pensei que poderia ser romântico, andando juntos assim, e eu ia me ajoelhar e... estou estragando tudo, não estou?"

"Só um pouco", disse Kate, com apenas uma sugestão de sorriso desta vez. Will não podia culpá-la. Ele tinha ido longe demais. Voltou-se para casa.

"Eu... eu deveria..."

"Bem, continue com isso", disse Kate.

Will se virou para ela. "Eu sinto Muito?"

"Propondo. Prossiga com a proposta."

Isso pegou Will um pouco de surpresa. Mais do que um pouco, na verdade. Ele mal conseguia acreditar antes que Kate pudesse querê-lo, e depois que ele estragou as coisas assim...

"Eu ainda estou esperando", disse Kate.

"Hum... Kate, você vai..."

"Eu pensei que você disse que ia fazer isso em seu joelho," Kate interrompeu.

"Se você vai me fazer pensar que está me deixando, o mínimo que você pode fazer é fazer isso corretamente."

"Você está gostando disso, não está?" Será que adivinhou.

Kate deu de ombros. "Talvez um pouco."

Will caiu sobre um joelho. Ele faria muito mais do que isso por Kate.

"Kate", disse ele. "Eu te amo mais do que qualquer outra pessoa neste mundo. Eu quero passar o resto da minha vida com você. Você me daria a honra de ser minha esposa?"

Kate ficou lá, e ficou lá...

"Kate?" Will disse.

Ela sorriu, e Will sabia que ela estava fazendo isso deliberadamente. "Eu não sei sobre ser sua esposa, mas você pode ser meu marido, se quiser.

"Você vai se casar comigo?" Will disse.

"Eu vou me casar com você."

Will gritou de alegria, o som vindo quase do nada. Era chocantemente alto contra o pano de fundo da cidade. Alto o suficiente, na verdade, para que uma janela se abriu acima, e uma mulher se inclinou para fora, um penico nas mãos.

"Mantenha o barulho lá fora!" ela gritou. "A menos que você queira que isso acabe vocês! Quem você pensa que é, gritando assim?"

Kate disparou. "Eu sou uma princesa, e este é Will, que é filho de um ferreiro. E ele é bom o suficiente para ser meu noivo!"

Os dois se esquivaram quando a mulher derrubou o penico na eles, então partiram juntos de braços dados em direção ao palácio, ainda rindo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Angélica se ressentiu de ter que esperar em um lado da quadra quase tanto quanto como ela odiava ser uma prisioneira. Não era assim que o mundo deveria funcionar. Ela deveria estar sentada no trono, com pessoas vindo até ela, buscando ajuda, declarando lealdade. Não era para ser Sophia.

Ela era quem deveria ter Sebastian ao seu lado.

Em vez disso, ele ficou ali ao lado de Sophia, ambos ainda respirando apesar dos melhores esforços de Angélica. Ela viu a maneira como eles sorriam um para o outro sempre que havia um espaço para fazê-lo, perfeitamente felizes, perfeitamente contentes um com o outro nos momentos antes de outro suplicante se apresentar.

Angélica teve que se perguntar o quão estúpidos eles eram para se sentir assim. As pessoas sempre encontravam uma maneira de decepcioná-lo. Eles sempre te traíram.

— Traga adiante, Milady d'Angelica — disse Sophia.

Angélica não se incomodou em esperar que um soldado a arrastasse para frente, porque isso faria parecer que ela estava com medo. Em vez disso, ela saiu orgulhosa, recusando-se a deixar que os trapos e a sujeira de seu disfarce escondessem o fato de que ela era melhor do que qualquer um dos outros ali. Ela tinha sido ameaçada pela viúva, tinha enfrentado Rupert em seu pior. O que Sophia era comparada a isso?

"Eu sou o governante coroado deste país", disse Angélica, em uma voz clara, para que ele se espalhasse por todos os outros na sala, "e você usurpou meu trono por invasão".

As palavras não eram para Sophia, mas para todas as pessoas ao seu redor. Ela queria que todos que ouvissem se lembrassem de que a mulher atualmente sentada no trono não tinha o direito de fazê-lo.

"Tenho todo o direito, Angélica", disse Sophia.

"É isso, bruxa!" Angélica retrucou. "Mergulhe em meus pensamentos. Invada-os do jeito que você invadiu nossa cidade."

O que seria necessário, ela se perguntou, para colocar as pessoas contra Sophia? Quantas palavras? Quantas pequenas mentiras empilhadas juntas? O que seria necessário para fazer as pessoas verem isso como uma invasão de alguma bruxa apoiada por estrangeiros?

"É hora de parar, Angélica", disse Sophia, em um tom de voz tão razoável que isso só fez aumentar a raiva de Angélica. "Acabou."

"Sobre?" disse Angélica. "E ainda assim você está ao lado de um homem que assassinou sua mãe. Você sabe o que é Sebastian?"

"Melhor do que você jamais poderia," Sophia assegurou a ela, seus braços descansando nos lados dourados do trono que ela ocupava.

"Ele foi pego perto dos aposentos da viúva, praticamente de pé sobre o corpo dela!" Angélica tentou.

Sofia balançou a cabeça. "Isso não vai funcionar, Angélica. eu sei que Sebastian não fez o que você o está acusando. Rupert fez.

Angélica tentou impedir que surgissem os pensamentos que o admitiriam, mas eles estavam lá, quer ela os quisesse ou não.

"Que papel você desempenhou nisso?" Sofia perguntou a ela. "Qual foi o seu papel nisso tudo? Na guerra, nas mortes?"

Angélica olhou ao redor dos rostos reunidos, preparando-se para o que parecia ser sua maior apresentação. Também seria seu último se ela não julgasse direito.

"Sou tão vítima aqui quanto qualquer outra pessoa", disse ela. "Tudo o que sempre busquei foi o que uma mulher da minha posição deveria buscar: um bom casamento para melhorar a sorte da minha família. No entanto, através dos filhos da viúva, encontrei-me envolvido em eventos dos quais nunca quis fazer parte."

Ela olhou na direção de Sebastian.

"Você deveria ser minha, mas você escolheu a garota errada. Então, quando você deveria se casar comigo, você fugiu, não uma, mas duas vezes. Sua mãe me mandou atrás de você na primeira vez, depois tentou me matar na segunda, tentou me *matar* por causa do que *you* fez. A única maneira de sobreviver a tudo isso era aliar-se ao seu irmão, e devo lhe contar sobre todas as coisas *que ele* fez? Não, você provavelmente não gostaria de ouvi-los. Você sabe que ele assassinou a mãe dele e te trancou. Isso não foi o pior, e você teria visto se não tivesse passado a vida cega para ele. Eu me encontrei acorrentada a um monstro, então me tornei rainha bem a tempo de tentar defender minhas terras de um bando de invasores que provavelmente destruiriam tudo no reino."

Ela ficou ali, deixando sua raiva esfriar por um momento ou dois. Não era toda a história, é claro, mas a coisa bonita sobre isso era que *era* um pouco dela. Sophia a olhava fixamente. O que era quase tão desconcertante era que o gato da floresta ao seu lado estava olhando para ela com uma intensidade que sugeria que gostaria de devorá-la.

"É uma história interessante, Angélica", disse Sophia. "Devo lhe contar minha versão disso?"

Angélica duvidava que alguém como *ela* pudesse ter algo interessante a dizer.

"Oh, você vai achar isso muito interessante," Sophia disse, lembrando Angélica mais uma vez que seus pensamentos não eram dela. "Você vê, eu estava lá quando você estava apenas tentando conseguir um casamento adequado, como você disse. Como você fez isso? Tentando drogar Sebastian.

"Você fingiu ser alguém que não era," Angélica retrucou.

"Enquanto *you* estava determinado a lembrar as pessoas de quem você era", disse Sofia. "Você tratou as pessoas consistentemente mal, então é de se admirar que Sebastian não quisesse se casar com você? Depois, há o assassinato da viúva.

"Rupert fez isso," disse Angélica, sem vergonha de jogar Rupert em perigo se isso a ajudasse a causar um pouco.

"Tenho certeza que ele fez", disse Sophia. "Eu sei o que ele era tão bem quanto você, mas exatamente quanto você fez para empurrá-lo para o assassinato de sua mãe? Seja honesto. Se você quer viver, diga a verdade pelo menos uma vez na vida."

Angélica olhou para ela e suspeitou que ela realmente falava sério. Havia uma sensação de dureza na expressão de Sophia que ela não esperava dela. Angélica só pensou por mais um momento antes de responder.

"Ela me humilhou," Angélica retrucou. "Ela tentou me matar. Ela mereceu."

"E quando um assassino veio me buscar em Ishjemme?" Sofia exigiu.

"A viúva deixou claro que você precisava morrer, ou eu morreria."

disse Angélica. "Por que eu escolheria a mulher que Sebastian escolheu sobre mim? Além disso, eu queria ter certeza de que você não voltaria.

"Parece que não funcionou," Sophia disse com um leve sorriso. "O que sobre Rupert? Você nega que o matou pelo trono?"

"Eu o matei porque ele teria me matado em breve se eu não tivesse feito isso" disse Angélica. "Você acha que eu me arrependo de tê-lo envenenado?"

"Você se arrepende de *alguma* coisa?" Sofia perguntou. — Foi você quem mandou matar meu tio?

"Isso foi guerra," disse Angélica. "Eu poderia matá-lo ou eu poderia vigiar minha cidade outono. Não tenho dúvidas de que você vai se vingar em breve.

Ela ficou lá, olhando para eles, silenciosamente desafiando-os a encontrar seu olhar.

"Você está falando sobre as pessoas que eu matei, as coisas que eu fiz," ela disse, "mas quantas pessoas morreram em sua guerra? Nesta invasão, quantas pessoas foram massacradas nela só para que você pudesse sentar naquele trono? Eu matei alguns. Você matou centenas, milhares!"

Ela ficou desafiadora na frente deles. Não que ela tivesse algum plano específico para sobreviver a isso, porque que tipo de governante deixaria seus rivais viverem? Se as posições tivessem sido invertidas, Sophia já estaria morta, ou pelo menos implorando pela morte. Não, Angélica sabia que não havia como sair disso implorando ou tentando fugir. O melhor que ela podia esperar era mostrar à nova rainha o que ela era: uma tirana que havia tomado o trono à força.

"É isso que você pensa de mim?" Sofia perguntou. "Que eu sou algum tirano maldito?"

"Você não está sentado naquele trono porque alguém queria você lá" disse Angélica. "Você o tem porque veio com um exército para pegá-lo."

Sofia balançou a cabeça. Ela ficou em silêncio por vários segundos. "Eu tenho isso por causa de você, Angélica. Você e Rupert. Se você não tivesse trancado Sebastian, eu teria ficado em Ishjemme. Se você tivesse nos deixado em paz, se você nos deixasse ser *felizes*, nada disso teria acontecido. Você poderia ter brincado de ser rainha, em vez de perder sua cidade para um exército."

Angélica não acreditou nisso. Mais cedo ou mais tarde, eles teriam vindo. Sophia teria visto a oportunidade de tomar o poder.

"Acredite no que quiser", disse Sophia. "Ainda é a verdade. Nem todo mundo é você, Angélica."

Angélica sorriu com força para isso. "Você não é?" ela perguntou, gesticulando para os outros ali. "Existe alguém nesta sala que não tomaria o poder, se tivesse a chance?" Ela balançou a cabeça. "Execute-me se for preciso, mas não minta para mim. Tenho certeza que a Assembleia dos Nobres vai olhar suas ações e notar que tipo de rainha eles ganharam."

"Quem disse alguma coisa sobre executar você?" Sophia perguntou, e as palavras foram tão chocantes como se ela tivesse descido de seu trono e esbofeteado Angélica.

"O que?" disse Angélica. "Mas você... você é a rainha agora, e eu sou sua *rival*."

"Você soa como se quisesse ser executada", disse Sophia. "Talvez você faça. Talvez você pense que o melhor que você pode ser agora é um mártir da causa

de... bem, esse é o problema com essa ideia, não é, Angélica? Você nunca pensou em ninguém além de você mesmo, mas eu te perdôo por isso."

"Você me *perdoa* ?" disse Angélica. Aqui, agora, assim, era praticamente um insulto. Era uma maneira de dizer que Angélica não podia fazer mais mal ao mundo. Era uma maneira de dizer que ela não importava.

"Eu te perdôo," Sophia repetiu. "Você está certo de uma maneira: eu matei muita gente hoje com essa invasão. Muitos para querer ver mais mortes; mesmo seu. Então você não será executado."

Por um breve momento ao seu redor, Angélica ouviu um alvoroço enquanto vozes protestou. A de Sebastian era uma das mais barulhentas.

"Você vai deixá-la viver, depois de tudo que ela fez?" Ele demandou.
"Sophia, ela mandou matar seu tio. Ela envenenou meu irmão e é responsável pela morte de minha mãe. Ela-"

"Eu sei, Sebastian", disse Sophia. "Mas não são nossos amigos que precisam de perdão; são nossos inimigos. Já houve guerra suficiente para um dia. Por toda a vida. Deixe Angélica voltar para sua família. Quem sabe, talvez eles sejam gratos por isso."

Ah, esse era o plano dela? Angélica entendeu agora. Mande-a de volta para sua família ilesa e espere que eles não se oponham ao novo governante.
Mostre aos nobres que a mudança de regime pode ser razoável.

"Ou talvez eu seja apenas uma pessoa melhor que você," Sophia sugeriu, respondendo aos pensamentos tácitos de Angélica mais uma vez. "Acredite em mim, você não quer mexer com isso. Depois de tudo que você fez, isso não é uma coisa fácil para mim fazer. Mas eu sou. Eu vi o que acontece com reinados que começam com sangue. Vou tentar um tipo diferente."

Angélica mal podia acreditar que estava acontecendo. Eles a estavam deixando ir? Tudo isso, e eles estavam deixando ela sair de lá? Foi um movimento tolo, e um que Angélica nunca teria feito. Ela sabia melhor do que ninguém que a única maneira de um inimigo deixar de ser capaz de te ferir era matando-o.

Ela olhou para Sophia e Sebastian. Eles morreriam. Não hoje, mas eles o fariam, e quando o fizessem, ela teria seu trono de volta. Ela cuidaria disso.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Sebastian ficou parado na sequência do anúncio de Sophia, mal conseguindo acreditar no que tinha ouvido.

"Depois de tudo que ela fez, você vai deixá-la ir?" ele perguntou, olhando para Angélica.

Sofia assentiu. "Tem que terminar em algum lugar. Guardas, levem Milady d'Angelica para pegar suas coisas, escolte-a até os estábulos e mande-a embora.

"Não," Sebastian disse. Ele engoliu. "Quero dizer... eu vou fazer isso. Se Angélica está saindo, então há coisas que eu quero dizer."

Sophia hesitou apenas um momento antes de assentir com a cabeça. Sebastião adivinhei que ela estava pensando em tudo que havia entre ele e Angélica. Ele colocou a mão no ombro dela.

"Você não precisa se preocupar", disse ele. "Eu só quero ver por mim mesmo que ela se foi."

Ele se inclinou para beijar Sophia.

"Volte logo", disse ela.

Sebastian foi até Angélica, pegando seu braço então, não gentilmente.

"Vamos", disse ele, levando-a para fora do corredor. "Mexe-se."

"O que há de errado, Sebastião?" Angélica disse enquanto começava a andar ao lado ele. "Não está feliz em me ver indo?"

Sebastian não respondeu enquanto eles saíam pelos corredores do castelo, indo na direção dos quartos reais que Angélica tinha reivindicado como seu. O silêncio entre eles parecia uma parede que ele não queria escalar.

Angélica, ao que parecia, tinha outras ideias. "Tão bom de Sophia me deixar ir, você não acha? Tão gentil. Tão ingênuo."

"Cuidado, Angélica," Sebastian disse. A verdade era que ele não conseguia entender por que Sophia deixaria uma cobra como Angélica ir depois de tudo o que ela havia feito. Depois do que ela o fez *fazer* ...

Não, ele não pensaria em Rupert; não pensaria na sensação da espada deslizando em seu peito naquele último instante. Não pensaria no modo como Angélica o transformou em um assassino.

"Ah, acho que o tempo para ser cuidadoso já passou, não é?" disse Angélica. Eles estavam perto dos aposentos reais agora. "Se não vamos nos ver novamente, devemos dizer as coisas que queremos dizer, fazer as coisas que queremos fazer. É por isso que você decidiu me escoltar, não é, Sebastian?"

"E se o que eu quiser é estrangular a vida de você por tudo que você fez?"

Sebastião exigiu.

Angélica sorriu de volta para ele. "Isso é mais diversão do seu irmão do que sua. Além disso, Sophia disse que terei permissão para ir, e não acho que você a desapontará por ir contra isso.

Angélica tinha razão. Sophia havia dito que ela estaria segura, e Sebastian não queria ir contra uma de suas primeiras ordens como rainha. Ou melhor, ele queria, mas não podia... não devia...

Chegaram às portas dos aposentos reais e entraram. Lá, servos e guardas estavam retirando um corpo enrolado em um lençol.

"A criada que você assassinou para tentar escapar," Sebastian disse. "Você ao menos sabia o nome dela?"

Angélica deu de ombros. Ela realmente deu de ombros. "Ela existia para servir, e ela o fez, mesmo na morte. Por que eu precisaria saber o nome dela?"

Ela soava como se estivesse gostando de provocá-lo. Provavelmente ela estava. Sebastian sempre soube que Angélica tinha crueldade dentro dela. Foi só que, por um breve período, ele pensou que havia bondade também.

Ele soltou as mãos dela e a empurrou na direção de um baú de roupas.

"Vá e mude, se você vai", disse ele.

"Na frente de todos?" Angélica perguntou com um leve sorriso. "Eu acho que você é mais cavalheiro do que isso, Sebastian."

Sebastian engoliu seu aborrecimento e gesticulou para os outros sair. Angélica olhou para ele, a cabeça inclinada para um lado.

"Não espere que eu vá embora," Sebastian disse. "Você vai correr assim que eu for embora."

"Quando eu vou ser dispensado de qualquer maneira?" disse Angélica. Ela encolheu os ombros, em seguida, deu um passo atrás de uma tela. "Acho que talvez você esteja apenas procurando uma desculpa para ficar, Sebastian."

Agora ele sabia que ela o estava provocando.

"Eu me pergunto por que você insistiu em me escotar," Angélica disse por trás da tela. "É porque você tem coisas a me dizer, ou é porque você percebeu que esta é sua última chance de ficar a sós comigo?"

"Você acha que eu fiz isso como uma desculpa para levá-lo para a cama?" Sebastian disse com uma risada. "Eu recusei você quando isso salvaria minha vida!"

"Acho que os desejos dos homens são muitas vezes diferentes quando eles percebem o que estão prestes a perder", disse Angélica. "Você vai me dizer que você não é..."

curioso?"

"A única coisa que eu estou querendo saber é o que eu já vi em você" disse Sebastião.

"Então deixe-me mostrar a você", respondeu Angélica.

Ela saiu de trás da tela, vestida com o tipo de elegância que até ela normalmente teria reservado para um baile formal. Seu vestido brilhava, e ela ainda encontrou um momento para lavar a fuligem de seu cabelo. Era tanto um traje quanto um conjunto de roupas, mas Sebastian também o via pela armadura que era, ali para manter o mundo do lado de fora, ali para disfarçar Angélica e esconder a dureza por dentro.

Parecia-lhe que ela havia se recomposto, retornado ao que era. Se havia alguma dúvida na mente de Sebastian de que ela nunca mudaria, ela se foi agora.

Ela se aproximou dele, seus lábios ligeiramente entreabertos. Quase automaticamente, Sebastian segurou seus pulsos, certo de que haveria uma faca em uma mão ou na outra.

"Você pode me manter assim, se isso faz você se sentir mais forte," disse Angélica.

"Rupert fez."

Sebastian a empurrou para trás.

"Você sabe o que aconteceu com Rupert depois que você o envenenou?" Ele demandou.

"Ele morreu", respondeu Angélica. "Não vamos fingir que era algo para ser Sinto muito por. Ele era um cachorro louco que precisava ser sacrificado. Você deveria saber disso melhor do que ninguém."

"Ele era meu *irmão*," Sebastian disse.

"O que significa que você viu mais coisas que ele fez do que qualquer outra pessoa," respondeu Angélica. "Uma boa e limpa morte por veneno é muito melhor do que qualquer coisa que ele teria feito comigo a longo prazo."

Sebastião balançou a cabeça. "Limpar? *Limpar*? Rupert não morreu do veneno. Simplesmente... o destruiu, fez com que não sobrasse nada dele. Eu precisei..."

Angélica ficou em silêncio por vários segundos. Por um momento ou dois, parecia que ela poderia realmente confortar Sebastian, e ele não sabia o que faria se ela fizesse isso. Em vez disso, ela sorriu.

"Dói, Sebastian?" ela perguntou. "Dói que você teve que se tornar o tipo de assassino que você nunca quis ser?"

Sebastian ficou ali, com as mãos fechadas em punhos contra sua raiva.
"Sim, isso dói."

"Eu me pergunto, dói ainda mais saber tudo o que vou fazer a seguir?" Angélica perguntou. "Sua linda e cabeça-oça Sophia ordenou que você me deixasse ir, e você vai ter que fazer isso, porque você a ama e é *tão* obediente. Ao mesmo tempo, você sabe que eu vou voltar. Vou gostar de saber que todos os dias, a partir de agora, você estará esperando o momento em que eu enfiar uma faca nela. Você vai ter a comida do seu filho provada por veneno. Você verá inimigos em cada sombra."

"Você está certo," Sebastian disse. "Sophia ordenou que você fosse solto."

Ela também estava certa de que tanto o amor quanto o dever exigiam que ele fizesse isso. Sophia era a rainha agora, e ir contra suas instruções seria minar sua recém-descoberta autoridade. A família de Angélica também era poderosa e não podia se dar ao luxo de antagonizá-los. Tudo isso era verdade... ...e nada disso importava.

"Guardas!" Sebastião chamou. As portas dos aposentos reais se abriram e dois soldados entraram.

"Não vai terminar de me escoltar você mesmo?" Angélica perguntou.

"Não para esta parte", disse Sebastian. Ele olhou para os guardas. "Lá é um pátio no lado sul do palácio onde Angélica mandou montar um bloco de carrasco para minha morte. Escolte-a até lá e execute-a da maneira mais limpa que puder.

"O que?" Angélica disse, choque gravado em suas feições. "Mas você *não pode!*"

"Sophia perdoou você," Sebastian disse, "mas eu não. Você teve um mão na morte de minha mãe e meu irmão. Você tentou me matar, Sophia, e meu filho ainda não nasceu. Cada momento que você vive, você é uma ameaça para minha família. Eu não vou deixar você viver."

"Você não pode fazer isso!" Angélica insistiu. "Se você me matar, minha família vai descer sobre esta cidade e destruí-la. A Assembléia dos Nobres..."

"Reconhecerá um traidor quando souber de um," Sebastian disse. "Mas você está certa, Angélica. Pode ser que você seja tão popular que não possa ser morto. Que você tem tantos amigos que fazer isso tornaria as coisas muito difíceis. Então eu vou te dar uma chance. Esses guardas irão escoltá-lo até o local de execução. Se, no caminho, uma pessoa pedir sua libertação, ela o deixará ir. Um nobre, um servo, um amigo. Se há *alguém* neste

palácio que você não tratou cruelmente quem quer vê-lo vivo, você pode ficar livre.”

Ele sinalizou, e os guardas avançaram para agarrar seus braços. Ele deu um passo à frente, roçando os lábios contra a testa dela.

“Adeus, Angélica. Eu não vou te ver de novo.”

Ele se virou e saiu enquanto Angélica gritava e lutava, enxugando uma lágrima do olho dele. Angélica não merecia suas lágrimas. Em vez disso, ele continuou andando, de volta para a sala do trono, de volta para a pessoa em sua vida que valia mil de Angélica e mais.

Sophia ainda estava lá, no meio de uma multidão crescente de pessoas que provavelmente tinham dúvidas sobre o que aconteceria a seguir. Sebastian sorriu ao vê-la, escondendo todos os pensamentos sobre Angélica. Sophia não aprovaria o que ele acabara de fazer, mas era uma vingança que ele não podia deixar de lado.

Para sua surpresa, ao se aproximar, havia também um segundo trono ao lado dela.

"O que é isso?" Sebastian perguntou, olhando para ele. Era praticamente o gêmeo da que Sophia estava sentada, nivelada com ela no estrado que sustentava a primeira.

Sofia sorriu. “Pedi que trouxessem de uma das salas de recepção. Não me senti bem com você tendo que ficar em algum lugar de lado enquanto eu estava aqui.

“Mas você é a rainha, Sophia. Eu estou apenas-”

"Você será o rei ao meu lado", disse Sophia. “Vamos governar juntos, tomar decisões juntos, curar este país juntos. Quem sabe, talvez ter sua família e a minha em tronos lado a lado comece a colocar algumas das divisões de volta em uma só.”

Era um pensamento bom, embora Sebastian suspeitasse que o que ele tinha feito tinha feito pelo menos tanto para separar aqueles fios novamente. Sentou-se ao lado de Sophia, testando o tamanho do trono. Ele estendeu a mão para a dela, e ela a pegou.

"Então", disse ele, "o que fazemos agora?"

Sophia olhou para ele e depois para a multidão de pessoas reunidas ali, com suas perguntas e seus problemas, suas preocupações e suas esperanças.

“Começamos a governar”, disse ela.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Sophia deveria ter se sentido sobrecarregada, sentada ali após a batalha, os detalhes de um reino inteiro de repente ali para ela administrar. Em vez disso, enquanto ela estava sentada ali olhando para a multidão reunida de nobres e servos, soldados e oficiais, parecia natural. Parecia *certo*.

Ajudou que Sebastian estivesse lá para compartilhar com ela, sentado ao seu lado em seu próprio trono, seguro e dela. Ajudou que as outras pessoas que ela amava estivessem na sala também, desde seu irmão e irmã, até a presença tranquilizadora de Sienne ao seu lado, até seus primos. No entanto, não era apenas isso. Provavelmente pela primeira vez em sua vida, Sophia sentiu como se estivesse fazendo o que deveria estar fazendo. Ela sentiu como se tivesse um propósito, como se ela se *encaixasse*.

"Eles estão esperando que você anuncie o que você quer fazer," Sebastian sussurrou.

"Sobre o que?" disse Sofia.

"Sobre *tudo*."

Tudo era muito, mesmo quando Sophia achava que era a coisa certa para ela fazer. Ela olhou ao redor, tentando decidir por onde começar, estendendo a mão com seus talentos para escolher as preocupações e pensamentos que esvoaçavam ao redor da sala como asas de borboleta.

Ela vai me matar? Eu a insultei, mas não fui o pior deles, fui?

Eu sabia que nunca deveria ter sido amiga de Angélica.

Sophia os escolheu: as jovens nobres que estavam espalhadas ao redor a sala, parecendo tão nervosa como se ela tivesse uma lâmina pressionada em suas gargantas. Talvez eles sentissem que sim, em todos os sentidos, menos no físico.

"Há aqueles nesta sala que me prejudicaram no passado", disse ela. "Quem me maltratou quando eu parecia ser um estranho entre vocês. Quando eu era 'Sophia de Meinhalt' havia muitos aqui que pensavam que eu não tinha nada que tentar me casar com seu príncipe, e que tentaram me expulsar.

Ela balançou a cabeça com um sorriso pesaroso.

"Agora você acha que estou aqui para algum tipo de vingança contra você. Que invadi um reino só para poder me comportar tão mal com você quanto você fez comigo. Direi agora: não estou interessado em vingança. Eu não sou a viúva. Eu *definitivamente* não sou Rupert ou Angelica. Se você quer minha amizade, não deixarei o passado ficar no caminho."

Ela praticamente ouviu o suspiro de alívio ao redor da sala. "Mas essa amizade será baseada no mérito", ela continuou. "Você viu o que eu

pode fazer. Eu saberei quem está apenas tentando me usar para alguma coisa. Eu saberei quem sorri na minha cara, sendo cruel com os mais fracos do que eles. A forma como este tribunal funciona vai mudar."

Alguns deles provavelmente estavam mais preocupados agora. Alguns, aqueles com quem Sophia se importava, provavelmente ficaram aliviados com isso.

Ela olhou para fora para encontrar Lord Cranston em seguida. "A cidade está segura, meu senhor?"

Ele assentiu. "Isto é. As coisas se tornaram... surpreendentemente pacíficas em Ashton.

Aqueles das forças reais que não puderam correr se renderam. As pessoas estão nas ruas, mas a maioria parece estar esperando para ver o que vai acontecer a seguir. Francamente, suspeito que a violência habitual da cidade possa ter *diminuído* um pouco."

Sophia sorriu com esse pensamento. Ela imaginou que voltaria ao normal em breve. Sempre houve pessoas que não tinham em si ser pacíficas.

"Lorde Cranston, como você sabe, minha irmã agora é comandante do meu exército forças", disse ela. "Ocorreu-me que ela precisará de soldados experientes ao seu redor e soldados para comandar. Você e seus homens se juntarão aos meus exércitos permanentemente?"

"Isso depende", disse Lord Cranston com um sorriso. "O que paga?"

"Tenho certeza que Kate pode discutir os detalhes com você", disse Sophia. "Enquanto isso, tenho uma tarefa para você. Quando eu era criança, assassinos vinham à minha casa e a queimavam. Assassinos chegaram às casas dos apoiadores dos meus pais."

"Você quer que eles sejam encontrados e mortos?" Lord Cranston perguntou.

Sofia balançou a cabeça. "Aprisionado, não morto. Não responderei a um massacre com outro, mas também não deixarei impune o assassinato em massa."

"Você é muito mais generoso do que eu seria, sua majestade", Lord Cranston disse, fazendo uma reverência e depois indo para a porta.

Sophia procurou Hans entre a multidão. Seu primo tinha bandagens enrolado em seu lado, sugerindo um ferimento sofrido na batalha.

"Hans, você é organizado e diligente. Preciso de alguém para vigiar o tesouro do reino. Você vai fazer isso?"

Ele assentiu. "Embora se você conseguir convencer Oli a vir, ele pode ser melhor."

"Acho que Oli preferiria administrar a biblioteca do palácio ou iniciar uma escola para todos aqueles que estão abandonados e perdidos."

"Perdoe-me, majestade", disse uma mulher vestida de sacerdotisa, "mas temos *lugares* para crianças assim."

“As Casas dos Não Reivindicados?” Sophia disse, e ela não pôde evitar uma nota de raiva em sua voz. Ela sentiu a mão de Sebastian estender a mão para cobrir a dela, puxando-a de volta para si mesma. “São lugares de crueldade, que não têm nada a ver com amor ou carinho, e a prática de contratar pessoas para pagar dívidas *termina* hoje. É escravidão por outro nome, e eu não vou permitir isso.”

Ela procurou o local onde alguns dos de Stonehome estavam. “Durante muito tempo tivemos uma terra onde quem tem poder só o tem por causa do sofrimento dos outros. Onde os diferentes são culpados, porque é mais fácil do que olhar para as coisas que realmente precisam mudar. A partir deste momento, as leis que proíbem a magia são revogadas. Não haverá mais queimadas, não haverá mais assassinatos.”

“Então as bruxas são livres para fazer o que quiserem?” um homem mais velho em direção ao fundo do salão gritou.

“Eles estarão sujeitos à lei, como qualquer outra pessoa”, disse Sophia. “Use magia para matar, e você será julgado, como se tivesse usado uma faca. Use-o para controlar os outros, para machucá-los, e você será um criminoso. Se você apenas viver sua vida, se você a usar para ajudar as pessoas, você não será.”

Ela se virou para Frig e Ulf, que estavam encostados na parede, parecendo desconfortáveis na presença de tantas pessoas.

“Primos, eu tenho um trabalho para vocês se vocês fizerem isso. A casa dos meus pais, Monthys, encontra-se abandonada muito ao norte. Eu quero que você vá lá. Pegue construtores e artesãos. Torná-lo bonito novamente para mim. Além disso, acho que os bosques e as montanhas de lá combinam com você.

“Eles vão”, disse Ulf.

O homem que havia falado antes deu um passo à frente. “E será que Monthys será sua sede de poder agora?”

Ele parecia velho o suficiente para ser o avô de alguém, curvado pela idade, a elegância que usava bem gasta, parecendo ter sido comprada quando ele era um homem muito mais jovem e maior.

“Perdoe-me”, disse Sophia, “mas quem é você?”

“Eu sou Lorde Algernon Hawksmoor,” ele disse, olhando para ela com uma expressão desafiadora. “Sou membro da Assembleia dos Nobres e tenho idade suficiente para não me importar com o que você faz comigo se eu falar!”

“Eu não estava planejando fazer nada com você”, disse Sophia.

“Mesmo?” Lord Hawksmoor disse. “Nem mesmo se eu disser que você é um tirano?”

Sophia achou difícil não rir disso.

"Por que você diria isso?" ela perguntou.

O homem mais velho ficou ali desafiadoramente. "Já, nesta sala, você procurou mudar as leis do reino por proclamação, sem o consentimento da Assembléia dos Nobres. Você chegou ao trono através da violência.

Você procurou ter pessoas presas por sua ordem, não de acordo com a lei. Você deu posições-chave para membros de sua família. Você deixou claro que planeja ter um exército permanente em seu nome, cheio de estrangeiros e mercenários. Agora você está planejando governar de uma propriedade dias da capital do reino. Do que mais você se chamaria?"

"Sophia não é um tirano", disse Sebastian, ao lado de Sophia.

"Perdoe-me, alteza", respondeu o homem mais velho, "mas gostaria de ouvir o que nossa nova governante tem a dizer sobre si mesma. Tenho certeza de que todos os nobres da Assembléia o fariam.

Sofia se levantou. "Então eles me ouvirão. Venha comigo, Lorde Hawksmoor. Todos, sigam-me."

"Onde estamos indo?" Sebastian perguntou, correndo para segui-la.

"Para a Assembléia dos Nobres", disse Sophia.

Ela caminhou pelo bairro nobre no coração de uma multidão de prédios. Não eram apenas as pessoas da sala do trono agora. Assim que Sophia saiu, havia espectadores esperando para vê-la de relance. Ela podia ver Sebastian, Lucas, Kate e os outros olhando ao redor como se esperassem que um assassino saltasse daquela multidão, mas Sophia podia sentir o humor das pessoas ali. Eles não iriam machucá-la.

"Vamos à Assembleia dos Nobres", disse-lhes. "Venha conosco. Faça parte disso."

Ela liderou o caminho, Sienna caminhando ao seu lado, Lord Hawksmoor seu braço de modo que não era bem certo qual deles estava apoiando o outro. A cada passo, parecia que mais pessoas se juntavam à procissão, até que finalmente ficaram do lado de fora da Assembleia dos Nobres. Sophia respirou fundo e então passou pelas portas.

Havia nobres dentro. Era óbvio que alguns deles tinham ido para lá porque não havia outro lugar para eles irem. Eles se sentaram na grande câmara como se pudessem falar sobre a invasão da existência. Sofia foi ao

coração dele, não sentado no trono ali, ainda não. Alguns dos nobres que o seguiram subiram para seus assentos quase por hábito.

"Meus senhores," ela disse, "vocês sabem quem eu sou. Eu sou Sophia Danse, filha de Alfred e Christina Danse, Senhora de Monthys e Regente de Ishjemme.

Ela esperou que ela entendesse que ela não havia dito que era rainha.

"Lorde Hawksmoor aqui me acusou de tirania, e é verdade que eu poderia caminhar até aquele trono se quisesse e reivindicá-lo. Eu poderia colocar uma coroa na minha própria cabeça. Eu poderia dissolver esta assembléia e governar por ordem real. Não tenho vontade de fazer isso."

"Então você aceita nossa autoridade?" Lord Hawksmoor exigiu. "O arranjo feito com os antigos governantes—"

"Não é meu acordo", disse Sophia. "Deixe-me ser claro: também não desejo que as coisas fiquem como estão. Algumas coisas vão mudar. A escritura será encerrada. A matança daqueles com magia terminará. A Assembléia dos Nobres é uma boa ideia, porque um governante não deve governar sozinho, mas deve haver mais do que apenas nobres nela. As pessoas comuns devem ter uma palavra a dizer em suas vidas, não ter que esperar que seus "melhores" vejam seus problemas. Essas coisas vão acontecer, porque acabei de conquistar Ashton e não *preciso* pedir sua permissão para elas.

Ela deixou um pouco da dureza cair de sua voz uma vez que ela disse isso.

"Mas eu não tenho nenhum desejo de quebrar este reino. Não quero um reinado fundado na violência. Você não tem rei nem rainha agora. Eu tenho a reivindicação mais forte através da minha família. Sebastian tem a única reivindicação restante através dele. Deixe-me ser sua rainha. Deixe-me casar com Sebastian, e vamos curar este reino. Vocês concordarão, meus senhores?"

Ela olhou ao redor da câmara, e um coro de *sim* subiu. Ela olhou para Lord Hawksmoor.

"Sim," ele disse.

Sophia olhou além dele então, para as pessoas além. "E quanto a todos vocês?" ela perguntou. "Você me aceita como sua rainha?"

A alegria que veio deles foi quase o suficiente para cambaleá-la.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Enquanto seu navio deslizava pelos fiordes de Ishjemme, era difícil para Endi julgar que nota tomar com sua aproximação. Ele tinha uma flotilha de navios atrás dele, mas não desejava aparecer como um conquistador. Ele estava voltando de uma guerra, mas não era o momento de aparecer para retornar como o herói triunfante, não com o corpo de seu pai a bordo. Ele sabia, mais do que ninguém, como as aparências podiam ser importantes, e este momento importava mais do que a maioria.

"Quero que nos aproximemos em silêncio", disse ele no final. "Sinalize para os observadores, mas não faça mais do que isso. Meu pai está morto. Este não é o momento para uma abordagem alegre."

"Sim, meu senhor", respondeu o capitão de seu navio.

Eles fluíram ao longo do fiorde, passando pelas estátuas de antigos governantes e figuras de lendas. Uma vez que ele voltasse, Endi ordenaria que as estátuas fossem erguidas para seu pai também. Lars Skyddar deve ser lembrado.

"Eu serei tudo o que você foi," Endi sussurrou. "E mais."

Seu pai tinha feito tanto por Ishjemme. Talvez lembrar dessas partes ajudasse as pessoas a ignorar como ele tentou entregá-lo no final de sua vida. Endi olhou para as estátuas de Lord Alfred e Lady Christina Danse. Talvez ele os tivesse derrubado também.

Embora sua abordagem fosse tudo menos triunfal, ainda havia uma multidão acolhedora esperando por eles enquanto se aproximavam das docas. Endi sorriu ao ver Rika lá, sua irmã acenando quando eles entraram para recebê-los. Endi acenou de volta, então saltou do barco assim que chegou perto o suficiente do cais para fazê-lo.

"Endi!" ela disse, abraçando-o com força. "Você voltou! Você está seguro. A batalha acabou?"

Endi sorriu com o calor das boas-vindas de sua irmã, então se lembrou de manter sua expressão sombria quando ele recuou para segurá-la no comprimento do braço. Foi *um* momento sombrio, porque ele sabia o quanto o que ele tinha a dizer a seguir iria machucá-la.

"É bom ver você também, irmãzinha, mas as notícias são cruéis hoje." Ele levantou a voz para que todos no cais ouvissem. "Nosso pai... nosso pai está morto, e nós fomos traídos!"

"Pai está morto?" Rika perguntou, de olhos arregalados. "Não, Endi, não, ele não pode, ele *não pode*."

Endi a abraçou quando as lágrimas começaram a vir. Uma parte dele só queria confortar sua irmã. Uma parte dele sabia que ia parecer forte, como Ishjemme precisava que ele fosse.

"Sinto muito, Rika", disse ele. "Vamos, vamos levá-lo de volta ao castelo, e eu vou explicar tudo."

Ele a acompanhou pela cidade, seus bosques de árvores e espaços abertos lindos depois da feiúra de Ashton. Atrás deles, os homens de Endi seguiam em procissão, carregando o corpo do pai em cima de uma armação de madeira, preservada da melhor maneira possível no mar, para que todos pudessem vê-lo.

"Oli ainda está no castelo?" Endi perguntou quando eles se aproximaram.

Rika assentiu. — Ele teve tanto para organizar enquanto você esteve fora. Ela olhou de volta para o corpo de seu pai. "Ah... eu não sei como posso dizer a ele..."

"Está tudo bem," Endi prometeu. "Eu cuidarei disso. Eu cuido de tudo."

Quando chegaram ao castelo, Oli estava lá esperando por eles, seu irmão estudioso parecendo com os olhos vazios como se tivesse passado a maior parte do tempo desde que a força de invasão partiu tentando controlar tudo sem desistir de nenhuma de suas histórias. Possivelmente ele tinha. Endi viu Oli olhar além deles, para onde os homens estavam carregando o corpo do pai, viu os punhos do irmão cerrar enquanto ele tentava se manter forte.

"Faremos isso no salão principal", disse Endi, sem esperar que seu irmão perguntas que ele tinha. Ele deu um aceno silencioso para um dos homens que o seguiam, e o homem acenou de volta.

Atravessaram o salão principal, onde já se reuniam alguns dos homens e mulheres que haviam sido deixados para trás. Talvez as notícias do retorno dos navios os tenham atraído, ou talvez tivessem ouvido as notícias do que havia acontecido com seu ex-duque.

Endi foi até a frente do salão, de pé ao lado da cadeira do senhor, com seu irmão e irmã ao lado dele.

"Meus amigos", disse ele, "tenho notícias graves. Meu pai jaz morto, morto por a mão de um assassino. Pela mão da *traição*."

Qualquer que fosse o murmúrio que houvesse no salão ficou em silêncio e, por um instante, Endi sentiu o peso do que ele estava prestes a fazer. Neste momento, ele ainda poderia fazer a escolha de não fazer isso. Ele ainda podia voltar da beira do precipício. Ishjemme precisava dele para pular, no entanto. Precisava dele para mantê-lo seguro.

"Nossos primos vieram entre nós alegando amizade", disse Endi, colocando as mãos em uma das grandes mesas de cavalete da sala e se inclinando para a frente. "No entanto, agora eles mataram nosso pai!"

"O que?" Oli disse de onde estava com Rika. Endi teria sorrido com isso se ele não precisasse parecer sério. Ele suspeitava que seu irmão e sua irmã fariam todas as perguntas certas em todos os momentos certos.

Eles ajudariam nisso com tanta certeza como se ele os tivesse incluído em seus planos.

"Sei que é difícil de acreditar", disse Endi. "Mas Sophia é quem está por trás da morte de nosso pai. Ela pegou seu anel de sinete. Ela nos fez jurar fidelidade a ela.

Ela nos fez ir junto com sua guerra. Então ela o matou para poder governar Ishjemme."

Rika estava balançando a cabeça. "Não, Endi, isso não pode estar certo."

"Eu sei que você gosta dela, irmã," Endi disse, falando para a sala, não para Rika, "mas os sinais sempre estiveram lá. Sophia veio até nós desde o início porque suas tentativas de se aproximar do trono da viúva falharam. Ela persuadiu nosso pai a jurar Ishjemme por sua causa. Ela argumentou contra seu irmão ser o herdeiro legítimo do trono.

Não foi assim que aconteceu, mas foi perto o suficiente.

"Mesmo assim," disse Oli, "é um salto disso para o assassinato. Talvez isso seja algum mal-entendido?"

Endi balançou a cabeça. "Eu sei que você quer ver o melhor em todos, mas neste... Sophia ordenou que toda a nossa família entrasse na batalha por Ashton.

Ela enviou Ulf e Frig para atacar o portão principal do rio. Ela enviou Hans para a luta corpo a corpo mais difícil nos arredores. Ela planejava matá-los."

"Isso não pode estar certo", disse Rika, balançando a cabeça.

Endi sorriu para ela o mais gentilmente que pôde. "Nosso pai... ele morreu envenenado, na véspera da batalha, na nau capitânia de Sophia, no coração de nossa frota. Devemos acreditar que um assassino poderia ter passado por tudo isso? Devemos acreditar que um assassino que conseguiu passar não teria ido atrás *dela* a menos que ela os enviasse?

"Eu não vou acreditar", disse Rika.

Endi avançou, pegando os ombros de sua irmã. "Isso é porque você é gentil, Rika, e quer ver o melhor nas pessoas, mas há mais. Depois do 'assassino' que veio atrás de Sophia, e que te machucou tanto, eu olhei para o homem que fez isso, esse Bjornen. Ele foi visitado por Sophia. Estou certo disso.

Ela organizou a coisa toda!"

"E agora você está de volta aqui com uma frota", um homem gritou do bancos abaixo. "Você não teve estômago para a batalha?"

Endi lançou-lhe um olhar raivoso. Seu irmão e sua irmã poderiam questioná-lo, mas não outra pessoa. Os olhos de Endi identificaram o homem, vestido com roupas de pescador.

— Me chame de covarde de novo, Aggi Forthar, e vamos lutar — retrucou Endi, porque era o tipo de coisa que Ishjemme esperava que seus homens dissessem. "Voltei aqui com outros homens que viram a verdade. Outros homens que querem defender Ishjemme dessa traição."

"Por que nossos irmãos e irmãs não estão aqui?" Oli perguntou. "Eles não são—"

Endi balançou a cabeça rapidamente, levantando a mão para evitar qualquer lágrima da parte de Rika. "Quando eu saí, eles estavam seguros, embora eu me sentisse melhor se eles não estivessem ainda com *ela*. Eles ainda acreditam em Sophia, ainda pensam que ela é nossa amiga. Partindo assim... eu gostaria de tê-los trazido comigo, mas foi a única coisa que pude fazer.

Ele olhou ao redor do corredor, tentando avaliar como as pessoas estavam reagindo, quem estava concordando, quem precisaria ser deixado de lado.

"E agora há apenas uma coisa a fazer, se quisermos proteger Ishjemme."

Ele deu o pequeno passo de lado para o assento de seu pai, e se acomodou nele.

"O que você está fazendo, Endi?" perguntou Rika.

"O que eu devo, irmã", disse ele. "O duque de Ishjemme está morto, e devemos ter alguém para nos manter seguros. Nossos irmãos não estão aqui e foram acolhidos por Sophia de qualquer forma. Amo muito você e Oli, mas este é um momento de força e, de qualquer forma, sou mais velho que vocês dois. Eu devo governar."

Oli inclinou a cabeça para um lado. "De acordo com as leis antigas, o rei ou a rainha decide quem deve ser o próximo duque de Ishjemme."

Endi olhou para ele. "E você acha que Sophia vai escolher alguém além dela mesma? Isso é o que ela *planejou*. Mesmo agora, meus homens estão procurando por qualquer um de seus apoiadores, para garantir que eles não possam fazer mal aqui.

Endi odiava essa parte. Ele odiava que esta noite seria uma noite de facas silenciosas no escuro para aqueles que pudessem se opor a isso, mas não havia mais nada a ser feito. Isso tinha que acontecer.

"Vocês dois devem saber que eu só agiria no interesse de Ishjemme", disse ele.

Rika ainda estava balançando a cabeça.

"Isso está errado", disse ela. "Há algo errado aqui. Sophia não faria isso, e você não pode simplesmente reivindicar Ishjemme assim, Endi. Tudo isso... precisamos melhorar as coisas, não fazer *isso*."

"Eu tenho que fazer isso, Rika", disse Endi. "Você não pode ver isso? Você não vai me apoiar nisso? Por favor?"

Rika balançou a cabeça novamente. "Acho que você está fazendo a coisa errada, Endi" ela disse. "Eu acho... eu acho que você está apenas fazendo isso por si mesma. Eu... eu não vou te ajudar."

Ela não era a única. Aggi Forthar se levantou, batendo com o punho na mesa em que estava sentado.

"Isso é uma coisa errada!" ele declarou. "Nós juramos a nossa rainha, Sophia, e eu não vou ver você usurpar seu trono, Endi Skyddar. Afaste-se disso, ou eu vou arrastá-lo para baixo."

Endi esperava que não chegasse a isso. Ele esperava, mas uma parte dele sabia, e essa parte se preparou. Ele acenou para seus homens, no corredor.

"Mate o traidor!"

Um deles se aproximou de Aggi Forthar, agarrando seu cabelo comprido e trançado e usando-o para puxar sua cabeça para trás. Endi viu o lampejo de uma faca, seguido pelo borribo vermelho quando seu homem cortou a garganta de Aggi Forthar.

Os homens gritaram. Rika gritou, alto e penetrante. Alguns pegaram armas, como se pudessem lutar contra Endi e seus homens, derrubar seu legítimo senhor. Os homens de Endi foram mais rápidos, porém, suas facas e seus machados subindo e descendo.

Foi tão brutal e tão rápido. No espaço de alguns batimentos cardíacos os homens foram de vivo a apenas carne, de pessoas com esperanças e sonhos a apenas algo para queimar em uma pira funerária. Os invernos de Ishjemme sempre o tornaram um lugar duro, mas isso era brutal.

Então ficou em silêncio, ou quase em silêncio. Endi ainda podia ouvir sua irmã soluçando ao fundo.

"Esses homens eram traidores", disse Endi. "Eles colocam um estranho acima dos seus e teriam traído a todos nós."

Os outros no corredor olharam para ele em silêncio atordoado, entendendo o que estava acontecendo. Todos, exceto sua irmã. Ela se moveu na frente dele.

"Como você pode fazer isso, Endi?" Rika exigiu. "Como você pode simplesmente... simplesmente matar pessoas? Isto está errado! Isso é *mau*!"

Ela o esbofeteou então, o golpe ardendo mais do que deveria.

"Eu nunca vou te perdoar por isso, nunca."

Se fosse qualquer outra pessoa, Endi poderia ter batido neles por isso. Como era, ele sinalizou dois dos homens que tinham vindo com ele.

"Minha irmã está obviamente muito chateada com a morte de nosso pai para pensar direito. Por favor, leve-a para seus aposentos e faça com que ela fique lá."

"É isso?" Rika exigiu quando os homens vieram em sua direção, segurando seus braços. "Um golpe? Você está planejando me matar, Endi? Como eles? Saia de cima de mim, vocês dois. Saia de mim!"

Foi tudo o que Rika disse, mas ainda assim, Endi foi até ela. "Eu nunca machucaria você, Rika. Nunca. Você é família. Mas até que você possa ver a verdade disso, preciso ter certeza de que você não agirá contra mim. Vocês ficarão em seus quartos, sãos e salvos."

Ele se virou para seu irmão quando os homens começaram a arrastar Rika para longe, lutando contra eles a cada passo.

"E você, Oli? Preciso trancá-lo naquela sua biblioteca?"

Seu irmão o encarou por um longo tempo, então balançou a cabeça. "Por que você está fazendo isso, Endi?"

"Para Ishjemme, irmão", disse Endi. "Eu preciso protegê-lo. *Precisamos* protegê-lo, das guerras loucas de Sophia tanto quanto qualquer outra coisa. Eu sei que você deve ter dúvidas agora, mas eu serei um bom duque. Vou deixar nosso pai orgulhoso. Você verá, com o tempo."

Todos eles iriam, até mesmo sua irmã.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O Mestre dos Corvos subiu a colina de patíbulos além da cidade, sentindo uma certa diversão com a incapacidade de seus assistentes de acompanhar seus passos. Era um lembrete da força que crescia nele, crescendo a cada momento. Ele caminhou à frente deles, passando por jaulas e jaulas cheias de mortos ou moribundos, inimigos e ex-amigos, criminosos ou simplesmente desafortunados.

"Como se isso fizesse diferença", disse ele ao vento.

Ele caminhou até o topo, onde mais forças estavam em um círculo. Todos estavam ocupados, mas apenas um tinha um morador vivo. O homem provavelmente tinha sido forte uma vez, mas sua força havia caído dele em seu tempo lá, drenada pela fome e pelo trabalho dos corvos.

"Eu sei que lugar é esse," o homem gritou. "Eu sei o que você está fazendo aqui!"

O Mestre dos Corvos ergueu uma sobrancelha para isso, então estendeu os sentidos que não tinham nada a ver com visão ou audição. Com certeza, o homem na jaula tinha uma faísca de talento. Talvez fosse por isso que ele estava lá.

"E o que estou fazendo?" o Mestre dos Corvos perguntou.

"Eu consigo ver!" o homem ligou de volta. "Eu posso ver o padrão das gaiolas!"

O Mestre dos Corvos sorriu levemente com isso, olhando para um arranjo de força que teria parecido aleatório para a maioria das pessoas. Quase qualquer um que estivesse assistindo não teria visto os padrões sutis ali. Mesmo seus subordinados não questionaram sua insistência em colocar as forças exatamente nos lugares certos. No entanto, este tinha visto as espirais e os símbolos trabalhados em escritas antigas, o funil de poder que ajudavam a alimentar, os feitiços trabalhados na morte de outros para amaldiçoar seus inimigos.

"Você tem um bom olho para isso", disse o Mestre dos Corvos. "Quem era você, antes disso?"

"Você não sabe?" disse o homem na jaula. "Eu pensei-"

"Você pensou que você era alguém importante? Você pensou que havia algum grande propósito para você estar lá? O Mestre dos Corvos balançou a cabeça. "Não há propósito além da continuação. Os corvos festejam e eu continuo."

"Eu pensei..." o homem continuou. "Eu pensei que você tinha vindo para me matar, por tudo que eu fiz para frustrar você. Eu pensei que minha morte seria uma coisa gloriosa, ou que eu poderia desafiá-lo levando meus segredos para a escuridão."

"Eu nem sei o seu nome", disse o Mestre dos Corvos.

"Eu sou Ackhert, mago da biblioteca mais escondida, buscador do invisível, vidente de..."

"Sim, sim", disse o Mestre dos Corvos, interrompendo-o. "Tenho certeza que você pensou que era importante."

"Se você não está aqui para mim", disse Ackhert, "se você não está aqui para atormentar me ou me faça revelar tudo o que sei, então o que você está fazendo aqui?"

O Mestre dos Corvos considerou brevemente matá-lo para acabar com o aborrecimento dessa conversa, mas havia pouco a perder falando com ele.

"Eu estou... amarrando pontas soltas. Arrumei as coisas em outro lugar e, em breve, vou me alimentar como nunca antes."

"E os feitiços?" disse Ackhert.

"Vou guerrear contra inimigos perigosos", disse ele. "Vou aproveitar todas as vantagens que puder obter."

Era melhor não desperdiçar energia. Melhor canalizá-lo em toda a magia necessária da maneira mais limpa possível. Havia muitas coisas a fazer para a invasão que estava por vir, e fazer todas elas precisaria de poder focado com precisão, não disperso.

"Ah", disse ele, quando viu os primeiros corvos no horizonte, pontos pretos contra o pano azul do céu, "você os vê? Você vê o poder que eles carregam?"

O homem na jaula olhou para eles, e pela forma como suas feições empalideceram, o Mestre dos Corvos sabia que ele *via*.

Logo, era impossível ignorá-los. Os corvos passaram de pontos a bandos, parecendo nuvens de tempestade agora contra o céu, em vez de manchas. Eles voaram para perto, as forças puxando-os, o poder que eles reuniram tangível como a sensação de um relâmpago vindo no ar. Eles se estabeleceram nas forças aos milhares, às dezenas de milhares.

"Tantos..." Ackhert disse, obviamente mal capaz de compreender.

O Mestre dos Corvos não o culpou por isso.

"Houve batalhas", disse ele. "Um sacrifício dos vivos para tomar um trono. A morte de alguém que há muito procura me manter fora. Abates e contra-abates."

"O poder lá..." o outro homem respirou.

O Mestre dos Corvos sorriu com a insinuação de admiração ali, e a insinuação de ciúme por baixo. Era uma verdade deste mundo que os fracos não

quer justiça. Eles queriam ser poderosos. Este não podia, porém, mas o Mestre dos Corvos estava se sentindo generoso.

Ele estalou os dedos para seus atendentes. "Liberte este homem."

"Meu Senhor?" um perguntou.

O Mestre dos Corvos olhou para ele e o atendente se apressou em fazê-lo.

"Eu não preciso de qualquer migalha de poder que você possa dar", disse ele.

"Hoje não. Então, se você conseguir passar pelas linhas das forças por conta própria, você está livre para ir."

Ackhert olhou para ele como se tentasse descobrir o truque. Então ele começou a se mover, com passos lentos e arrastados, descendo a colina.

O Mestre dos Corvos abriu os braços e os corvos começaram a vir para ele. Cada um trouxe consigo um lampejo de poder, um lampejo de morte.

Uma faca subindo em Ishjemme, em meio ao golpe...

Uma bala de mosquete invisível, apenas o som dela vindo, e o impacto, e a escuridão...

Uma batalha feroz às portas do rio, cortada por uma espada curva...

Morte após morte veio até ele, carregada nas asas de suas criaturas, e o Mestre dos Corvos riu do poder que fluía para ele. Ele riu até que se misturou com o grasnar dos corvos, suas penas cobrindo-o como um manto, a energia dentro dele alimentando sua vida, trazendo-lhe poder.

Ele a sentiu se espalhar pelas forças, as mortes ali alimentando feitiços para conceder à sua frota os ventos que eles queriam, para amaldiçoar seus inimigos com fraqueza e medo, má sorte e muito mais. A maior parte do poder foi para ele embora. A maior parte o preenchia até que sentiu que poderia explodir, e *continuou* a preenchê-lo.

Ele abriu os olhos que não tinha percebido que tinha fechado. Normalmente, o mundo parecia tão monótono e chato, cheio de coisas que ele tinha visto milhares de vezes antes. Agora, a energia da morte envolveu tudo, deixando o Mestre dos Corvos ver os finais em tudo.

"Com isso, eu terei o suficiente", ele sussurrou, mas ele sabia que não era a verdade, mesmo quando ele disse isso. Nada jamais seria suficiente. Nenhuma quantidade de poder, nenhuma cascata de morte para alimentar seus animais de estimação.

Ele olhou para baixo da colina, para onde Ackhert tinha chegado. Para um homem tão enfraquecido pelo cativeiro, ele percorrera um longo caminho. Talvez o processo de tomada do poder tenha demorado mais do que parecia. Mas isso não importava. Não quando ele podia ver a morte em tudo escrito em cada movimento do ar.

Ele estendeu a mão para seus assistentes. "Uma arma."

Um passou-lhe um mosquete, finalmente esculpido e mais bem feito. Eles poderiam ter lhe dado uma pedra e teria sido suficiente, aqui, neste lugar.

O Mestre dos Corvos carregou a arma metodicamente, não se importando que o homem abaixo estivesse correndo agora, que ele estivesse se aproximando da borda externa das forcas.

Se ele chegasse lá, o Mestre dos Corvos provavelmente honraria sua palavra, mas nunca lhe ocorreu que o homem pudesse fazê-lo.

A esta distância, um mosquete não deveria ser preciso o suficiente para matar. O vento deveria ter levado a bola de chumbo e batido nela. O giro da bola deveria ser impossível de prever, caindo ao acaso pelo ar. O Mestre dos Corvos podia ver tudo naquele momento, porém, o caminho mais puro para a morte estabelecido tão claramente quanto uma missiva de um batedor.

Ele ergueu a arma, apontou-a e apertou o gatilho.

A nuvem de fumaça obscureceu sua visão, mas ele viu o momento em que o bola de chumbo atingiu os olhos de uma centena de suas criaturas. Ele viu o impacto, a contração enquanto Ackhert tentava continuar, o longo e lento colapso quando seu corpo percebeu que havia sido dilacerado. No momento em que o outro homem caiu no chão, o Mestre dos Corvos já estava segurando a arma para seu assistente tirar dele.

"Venha comigo", disse ele, e eles o seguiram.

Ele desceu a colina, observando os fios da morte. Dali, ele sentia como se pudesse ver tudo, desde a morte de uma formiga até o longo e lento declínio de um mundo. Ele desceu a colina, observando a beleza da mesma como outro homem poderia ter encarado as flores.

Ele alcançou o lado do vidente caído, um de seus corvos esvoaçando em seu ombro, o poder da morte adicionando uma gota ao oceano dentro dele. Ele pode não precisar, mas um homem que conheceu a fome não desperdiçaria sobras.

"Alguém descubra quem era esse Ackhert da biblioteca mais escondida", ele disse. disse. "Ele disse que sabia segredos."

"Vou descobrir imediatamente, meu senhor", disse um atendente.

O Mestre dos Corvos acenou com a mão com desdém. "Quando há tempo. Ele não importa *muito*."

Nada deu certo então, exceto uma coisa.

"Está na hora", declarou. "Diga aos homens que preparem os navios para zarpar. Diga a eles que a morte chegará às costas de nosso inimigo, e desta vez não vai parar até que eles sejam varridos deste mundo!"

Seus homens sabiam que não deviam aplaudir um anúncio como aquele, mas seus corvos grasnavam seu próprio coro de aprovação. Talvez estivessem apenas com fome. Eles estavam sempre com fome, mas nos fios que levavam à morte, o Mestre dos Corvos podia ver o caminho que mataria uma nação.

Talvez isso, finalmente, fosse suficiente.

CAPÍTULO TRINTA

Lucas esperou com toda a paciência que aprendera aos pés do Oficial Ko que a audiência na Assembleia dos Nobres terminasse. Ele sabia que Sophia precisava fazer isso: ser vista para governar e responder às mil e uma preocupações que surgiriam após sua vitória.

Na verdade, ele achava que ela estava fazendo um bom trabalho. Ele suspeitava que não seria capaz de reprimir as preocupações da cidade de forma tão eficaz, não teria sido capaz de perdoar antigos inimigos e ganhar o apoio do povo. Quando as pessoas ali aplaudiam, Lucas podia ver nobres entre eles e plebeus, o povo de Stonehome e os de Ishjemme, todos unidos como um por sua irmã. Ele não poderia ter feito isso.

Ainda assim, foi difícil esperar.

Sophia, ele mandou, quando não aguentou mais esperar, *Kate, preciso falar com vocês duas. Há algo que ainda precisamos fazer.*

O dispositivo? Sofia mandou de volta.

O dispositivo, Lucas concordou.

Devemos fazer isso sozinhos, disse Kate. *Encontro vocês dois no telhado?*

Lucas chamou a atenção de Sophia e acenou para uma escada. Sophia acenou de volta.

Estarei lá, ela prometeu.

Lucas dirigiu-se pela Assembleia dos Nobres, tentando encontrar uma porta que levasse para fora. Levou vários minutos de busca, o edifício quase tão labirinto quanto o labirinto real que ficava além das paredes do palácio. Eventualmente, ele foi capaz de encontrar uma rota para uma seção plana do telhado.

Kate estava subindo pela lateral quando ele chegou.

"Isso é muito mais difícil de fazer apenas com minha própria força", disse ela. "Onde está Sofia?"

"Ela estará a caminho," Lucas disse. "Suspeito que não seja tão fácil para um rainha sair de uma platéia como é para mim."

"Não é", disse Sophia, saindo para o telhado atrás de Lucas, "mas por isso, vale a pena."

Lucas só podia concordar com isso. A perspectiva de encontrar seus pais tinha sido uma das coisas que fizeram encontrar suas irmãs uma perspectiva tão excitante, e enquanto ele adorava conhecer Kate e Sophia, parecia que este momento tinha sido adiado por muito tempo.

Ele tirou o disco achatado do dispositivo que ele manteve perto dele por tanto tempo, as letras nele brilhando quando Lucas o tocou, o poder dentro dele respondendo ao seu sangue do jeito que sempre fez.

"Nervoso?" Kate perguntou.

Lucas balançou a cabeça. "Animado. Estamos prestes a descobrir algo que eu queria saber desde que eu sabia que havia *algo* para saber."

"Espero que isso funcione", disse Kate.

"Vai funcionar," Sophia a assegurou. "Você não viu o que ele fez da última vez, com apenas dois de nós tocando nele. Com todos os três... tem que funcionar."

Mesmo assim, Lucas podia ouvir a nota de incerteza ali. Afinal, os três já o haviam tocado antes, quando a bruxa controlava o corpo de Kate. Deveria ser diferente agora, mas e se não fosse? E se o dispositivo não pudesse mostrar a eles onde seus pais estavam porque não havia nada para mostrar? E se eles estivessem mortos?

Não, Lucas não acreditaria nisso. Encontrariam seus pais .

"Você está pronto?" ele perguntou.

Os outros assentiram, e ele estendeu o aparelho para eles, pronto para ser tocado.

Sophia podia sentir o quanto os outros estavam excitados naquele momento, a emoção se derramando sobre ela, seus poderes compartilhados parecendo uni-los enquanto se preparavam para usar o dispositivo que Lucas havia trazido. Seus anéis entrelaçados de ferro e latão não pareciam muito, mas Sophia já tinha visto um pouco do que poderia fazer. Agora, ela esperava ver a única coisa que importava.

Cuidadosamente, lentamente, ela estendeu a mão para colocar a mão na borda do metal, ao lado da de Lucas. Ela sentiu o frio do ferro, mesmo sob o sol quente, e ela sentiu o lampejo de poder correndo através do dispositivo também, respondendo a ela e a ele enquanto o seguravam juntos.

Os anéis de metal começaram a girar em resposta a esse poder, os padrões aparentemente aleatórios na superfície começando a se resolver mesmo enquanto brilhavam com energia. Como antes, as linhas de poder que brilhavam em resposta ao toque de Lucas tornaram-se os contornos de massas de terra e mares em resposta ao dela.

"Ainda é difícil se acostumar com isso", disse Sophia. "Já vi isso acontecer algumas vezes e ainda é estranho."

"Imagine o que deve ter sido necessário para criar isso", disse Lucas. "A mecânica disso está no mesmo nível de qualquer outra coisa que as Terras da Seda possam produzir, mas para imbuí-lo com tanta magia também..."

Kate deu de ombros. "É impressionante, mas até agora, não está fazendo nada que eu não possa obter de um livro de mapas."

"Eu pensei que você ficaria mais impressionado", disse Sophia, com um leve nota de surpresa. "Você é quem viu mais magia com Siobhan."

Kate assentiu. "E eu já vi todas as maneiras pelas quais isso pode dar errado, ou ser um truque, ou ter um preço."

Sophia podia sentir o medo nela agora. Normalmente, nada parecia deixar Kate com medo. Ela lutaria contra o mundo se fosse preciso. Ela tinha sido um soldado, aprendiz de bruxa e muito mais. No entanto, este momento a tinha assustado.

"O que é isso, Kate?" Sofia perguntou.

"E se não os encontrarmos?" Kate perguntou. "E se fizermos isso, e nossos última esperança de encontrar nossos pais não funciona?"

"Vai funcionar", Sophia tranquilizou-a. "Tem que ser. Apenas se concentre em todos os coisas pelas quais passamos para chegar a este ponto."

Sophia pensou em sua própria vida desde que deixaram o orfanato. Tanta coisa aconteceu desde então. Ela encontrou Sebastian. Ela descobriu quem ela era. Ela se tornou a rainha de um reino quase por acidente, tentando salvar o homem que amava. Comparado a tudo isso, era realmente tão difícil acreditar que eles pudessem finalmente localizar seus pais desaparecidos?

Ela tentou imaginar como seria esse reencontro. Ela não tinha dúvidas de que eles gostariam que seus filhos os encontrassem, ou que eles gostariam de fazer parte de suas vidas mais uma vez. O dispositivo em sua mão disse isso a Sophia. Mas precisava dos três.

"Vamos, Kate, você pode fazer isso."

Kate podia sentir seus nervos vibrando com as possibilidades de tudo isso poderia acontecer se ela tocasse o dispositivo. *Quando* ela tocou, ela lembrou a si mesma. Praticamente toda a sua vida, ela queria seus pais de volta. Ela os queria na Casa dos Não Reivindicados, e depois disso, quando

ela viveu nas ruas de Ashton. Ela pensou que tinha encontrado uma família com Thomas, Winifred e Will, mas isso não era a mesma coisa que ter uma só dela. Mesmo agora que ela finalmente conheceu seu irmão, Kate se pegou pensando na possibilidade de encontrar seus pais.

Era só que ela tinha se decepcionado com magia tantas vezes agora. Ela aprendeu que tinha um preço. Qual seria o custo de aprender onde seus pais estavam? Seria saber que eles não estavam mais vivos? Kate não tinha certeza se poderia suportar isso. Contanto que ela não tocasse no disco diante dela, ela poderia fingir que seus pais ainda estavam lá fora em algum lugar...

"Ou você pode ter certeza", disse Lucas.

Kate estendeu a mão em volta do pescoço para o medalhão que estava lá, com sua foto de sua mãe dentro de uma caixa dourada. Até agora, tinha sido o mais próximo que ela já tinha conseguido chegar de seus pais, mas um medalhão era realmente suficiente? A resposta para isso era óbvia.

Cuidadosamente, meio com medo de que ainda possa ser algum truque perigoso que iria atingir todos eles, Kate estendeu a mão para tocar o dispositivo.

Ela sentiu o poder de construção dentro dele de uma vez, energia dela, Lucas e Sophia girando e se unindo a ele de maneiras que não tinham nada a ver com sangue simples e tudo a ver com quem eles eram no fundo da alma. Kate viu a superfície do disco brilhando como uma lâmpada, depois uma fornalha, embora não houvesse calor naquele brilho, nenhuma sensação de que os três estivessem em perigo por causa dele. Se alguma coisa, parecia certo, parecia exatamente o que eles deveriam estar fazendo naquele momento.

A luz brilhou e um raio dela disparou para o céu, como um relâmpago de alguma forma correndo do chão para as nuvens acima. Parecia abrir um buraco naquelas nuvens, e um único raio de sol desceu por sua vez, exceto que Kate podia sentir que havia mais poder nisso do que em qualquer mera luz do sol.

"O que é isso?" Kate perguntou. "O que está acontecendo?"

"Acho que está funcionando!" disse Sofia.

"Eu nunca pensei que seria assim", disse Lucas, enquanto a luz caía sobre o dispositivo.

Kate o viu se aglutinar ali, apertando-se até ficar com a largura de um punho, depois a ponta de um dedo, depois tão pequeno que parecia um minúsculo vaga-lume dançando na superfície do dispositivo. Ele percorreu a superfície do mapa em uma rota sinuosa que Kate imaginou que poderia ter sido a que seus pais haviam tomado desde que a coisa foi criada. Ela o viu se movendo das Terras da Seda para o continente, das Colônias Próximas para o estranho

espaços ao sul deles, através das planícies salgadas de Morgassa e em lugares para os quais Kate nem tinha um nome.

Finalmente, o minúsculo ponto de luz parou, tão ao sul parecia impossível que alguém pudesse ter viajado para lá. O único ponto parou de se mover e a luz brilhou acima do dispositivo em uma breve imagem.

A areia se espalhava, rodopiando ao vento. A luz era tão brilhante que o mundo poderia estar pegando fogo com ela. Havia dunas que pareciam pequenas, até que Kate avistou uma árvore solitária, e isso lhe deu uma noção de sua escala. A imagem passou por cima deles...

... e havia uma cidade como nenhuma que ela já tinha visto.

A cidade ficava no coração de um espaço verde incongruente, alimentado por um rio que parecia brotar quase do nada. Os prédios eram quadrados que brilhavam dourados e pareciam tão antigos que faziam Ashton parecer jovem em comparação. Havia monumentos lá que ficavam mais altos do que os prédios, torres e estátuas de deuses ou heróis que Kate não conhecia. Duas figuras estavam no centro de tudo, mais velhas do que Kate se lembrava, mas totalmente inconfundíveis.

"São eles! São nossos pais!"

Ela só teve um momento para vislumbrá-lo, e então ele se foi.

"Você viu aquilo?" Kate exigiu, alegria crescendo nela. "É nosso pais. Eles estão vivos."

"Eles são", disse Lucas com um sorriso.

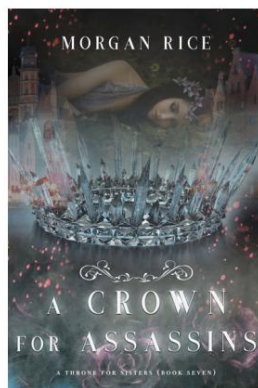
"Mas vivo *onde*?" Sophia perguntou, olhando para os dois.

"Onde fica isso? Para onde eles foram tão longe?"

"Eu não sei", disse Lucas. "O Ko oficial me fez aprender muito do mundo, mas este lugar... não tenho ideia do que seja."

Kate balançou a cabeça. Ela também não sabia, mas naquele momento não importava. Tudo o que importava era que eles sabiam onde procurar seus pais.

JÁ DISPONÍVEL PARA PRÉ-VENDA!



UMA COROA PARA ASSASSINO

(Um Trono para Irmãs—Livro Sete)

“A imaginação de Morgan Rice é ilimitada. Numa outra série que promete ser tão divertida como as anteriores, A THRONE OF SISTERS apresenta-nos a história de duas irmãs (Sophia e Kate), órfãs, que lutam para sobreviver no mundo cruel e exigente de um orfanato. Um sucesso instantâneo. Mal posso esperar para colocar minhas mãos no segundo e terceiro livros!”

--Resenhas de livros e filmes (Roberto Mattos)

A nova série de fantasia épica mais vendida nº 1 de Morgan Rice!

Em UMA COROA PARA ASSASSINO (Um Trono para Irmãs – Livro Sete), Sophia, Kate e Lucas finalmente têm a chance de viajar em busca de seus pais há muito perdidos. Será que eles vão encontrá-los?

Eles estão vivos?

E que mensagem eles guardam para eles?

Sua jornada exige um preço, no entanto. Ashton fica sem um governante, e o Mestre dos Corvos ainda está à espreita, pronto para atacar. Como o destino do reino está em jogo, a ajuda pode vir do lugar mais improvável de todos: Stonehome.

A CROWN FOR ASSASSINS (Um Trono para Irmãs – Livro Sete) é o livro 7 de uma deslumbrante nova série de fantasia repleta de amor, desgosto, tragédia, ação, aventura, magia, espadas, feitiçaria, dragões, destino e suspense de tirar o fôlego. Um virador de páginas, está repleto de personagens que farão você se apaixonar e um mundo que você nunca esquecerá.

O livro #8 da série será lançado em breve.

“[A Throne for Sisters] é uma abertura poderosa para uma série [que] produzirá uma combinação de protagonistas mal-humorados e circunstâncias desafiadoras para envolver completamente não apenas jovens adultos, mas fãs de fantasia adultos que buscam histórias épicas alimentadas por poderosas amizades e adversários. ”

--Midwest Book Review (Diane Donovan)



UMA COROA PARA ASSASSINO

(Um Trono para Irmãs—Livro Sete)

JÁ DISPONÍVEL PARA PRÉ-VENDA!

Uma nova série!



TRANSMISSÃO

(As Crônicas da Invasão—Livro Um)

Do autor de fantasia mais vendido do mundo, Morgan Rice, vem a tão esperada estreia de uma série de ficção científica. Quando o SETI finalmente receber um sinal de uma civilização alienígena, o que acontecerá a seguir?

“Um ótimo enredo, o tipo de livro que você terá dificuldade em largar à noite. O final foi um cliffhanger tão espetacular que você vai querer comprar o próximo livro imediatamente só para ver o que acontece.”

—The Dallas Examiner (em relação a Amada)

“Mais uma série brilhante, nos imergindo em uma fantasia de honra, coragem, magia e fé em seu destino... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que amam uma fantasia bem escrita.”

—Resenhas de livros e filmes, Roberto Mattos, re Rise of the Dragons

“Uma leitura rápida e fácil... você tem que ler o que acontece a seguir e não quer largar.”

—FantasyOnline.net, re A Quest of Heroes

Um menino de 13 anos, morrendo de uma doença cerebral rara, é o único capaz de ouvir e decodificar sinais do espaço sideral. SETI confirma que é um sinal real.

Qual é a mensagem? Como o mundo vai reagir?

E acima de tudo: os alienígenas estão chegando?

“Recheado de ação.... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

– Publishers Weekly, re A Quest of Heroes

“Uma fantasia superior... Um vencedor recomendado para quem gosta de escrever fantasia épica alimentada por protagonistas jovens adultos poderosos e críveis.”

–Midwest Book Review, re Rise of the Dragons

“Uma fantasia repleta de ação que certamente agradará aos fãs dos romances anteriores de Morgan Rice, junto com os fãs de obras como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini.... Os fãs de ficção para jovens adultos vão devorar este último trabalho de Rice e implorar por mais.”

–The Wanderer, A Literary Journal (sobre Rise of the Dragons)

O livro nº 2 da série – ARRIVAL – também está disponível para pré-venda!

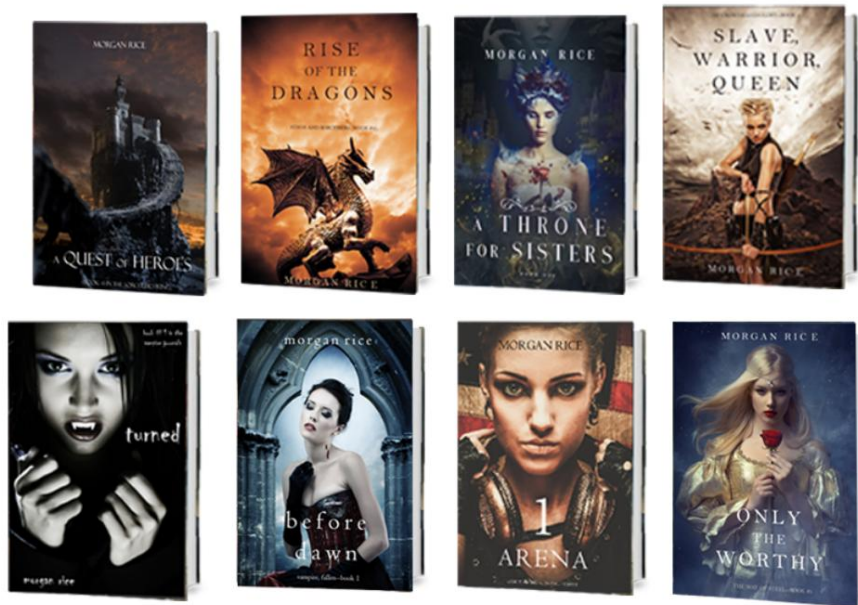
Também estão disponíveis muitas séries de Morgan Rice no gênero de fantasia, incluindo A QUEST OF HEROES (BOOK #1 IN THE SORCERER'S RING), um download gratuito com mais de 1.300 avaliações de cinco estrelas!



TRANSMISSÃO

(As Crônicas da Invasão—Livro Um)

Você sabia que eu escrevi várias séries? Se você ainda não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download de uma série inicial!



Livros de Morgan Rice

AS CRÔNICAS DA INVASÃO

TRANSMISSÃO (Livro #1)

CHEGADA (Livro #2)

O CAMINHO DO AÇO

SÓ OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UM TRIBUNAL PARA LADRÕES (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ÓRFÃOS (Livro #3)

UMA LENDÁRIA PARA PRÍNCIPES (Livro #4)

UMA JÓIA PARA A REALIDADE (Livro #5)

UM BEIJO PARA RAINHAS (Livro #6)

UMA COROA PARA ASSASSINO (Livro #7)

DE COROAS E GLÓRIA

ESCRAVO, GUERREIRO, RAINHA (Livro #1)

LADRÃO, PRISIONEIRO, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HERÓI, TRAIADOR, FILHA (Livro #6)

REGENTE, RIVAL, EXÍLIO (Livro #7)

VICTOR, VENCEDO, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS VALENTES (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALOR (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS OUSADOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

UMA BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
UMA MARCHA DOS REIS (Livro #2)
UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
UMA CARGA DE VALOR (Livro nº 6)
UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
UMA CONCESSÃO DE ARMAS (Livro #8)
UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
UM REINO DE AÇO (Livro #11)
UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
O REGRA DAS RAINHAS (Livro #13)
UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)
UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)
UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)
O PRESENTE DA BATALHA (Livro #17)

A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: SLAVERSUNNERS (Livro #1)
ARENA DOIS (Livro #2)
ARENA TRÊS (Livro nº 3)

VAMPIRO, CAÍDO

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

OS DIÁRIOS DO VAMPIRO

TRANSFORMADO (Livro #1)
AMEI (Livro #2)
TRAÍDA (Livro #3)
DESTINADO (Livro #4)
DESEJADO (Livro #5)
NOIVOS (Livro #6)
PROMETIDO (Livro #7)
ENCONTRADO (Livro #8)
RESSURREITO (Livro nº 9)
DESEJO (Livro #10)

DESTINADO (Livro #11)
OBSESSED (Livro #12)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é o autor best-seller nº 1 e best-seller do USA Today de a série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série de best-sellers #1 THE VAMPIRE JOURNALS, composta por doze livros; da série best-seller nº 1, A TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série épica de fantasia REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por 8 livros; da nova série épica de fantasia A TRONO PARA IRMÃS, composta por sete livros (e contando); e da nova série de ficção científica AS CRÔNICAS DA INVASÃO.

Os livros de Morgan estão disponíveis em edições impressas e em áudio, e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADO](#) (Livro #1 nos Diários de Vampiros) [ARENA ONE](#) (Livro nº 1 de a Trilogia de Sobrevivência) e [UMA BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 no Anel do Feiticeiro) e [A ASCENSÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros—Livro #1) estão disponíveis para download gratuito na Kobo!

Morgan adora ouvir de você, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de e-mail, receber um livro gratuito, receber brindes gratuitos, baixar o aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, conectar-se no Facebook e Twitter e manter contato!